

MATHEUS LAUREANO OLIVEIRA DOS SANTOS

**RAÇA E RELIGIÃO: UMA ANÁLISE PISCOSSOCIAL DOS
DISCURSOS ACERCA DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS**

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

**RAÇA E RELIGIÃO: UMA ANÁLISE PISCOSSOCIAL DOS
DISCURSOS ACERCA DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS**

Dissertação apresentada por
Matheus Laureano Oliveira
dos Santos ao Programa de
Mestrado em Psicologia
Social para obtenção do título
de Mestre em Psicologia
Social

João Pessoa, Março de 2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

A dissertação RAÇA E RELIGIÃO: UMA ANÁLISE PISCOSSOCIAL DOS DISCURSOS ACERCA DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS, elaborada por Matheus Laureano Oliveira dos Santos foi aprovada em:

João Pessoa, 29 de março de 2010

Pelos membros da banca examinadora:

Prof. Dr. Leoncio Camino - UFPB
(Orientador)

Profa. Dra. Elza Maria Techio - UFS

Profa. Dra. Maria de Fátima de Souza Santos - UFPE

Prof. Dr. José Vaz Magalhães Neto - UFPB

Dedicatória

A todos que, apesar de viverem num mundo multicolor, são discriminados justamente por conta da sua cor. Esta dedicação se estende aos que, no âmbito da religião, não vêm fronteiras entre as diferenças.

Agradecimentos

À minha sempre querida e amada esposa Amely pelo espírito nobre e pelos tantos momentos dispensados em ajudar no empreendimento deste trabalho. Por ter tornado a tarefa menos difícil. Por ajudar nos momentos de insegurança. Muito Obrigado!

Aos meus pais, Marize e Almir por todo o amor e dedicação ao longo dos anos, pelo suporte intelecto-moral que sempre dedicaram. À minha irmã Isabelle pelo companheirismo e compreensão. É a minha família que suscita momentos de descontração, alegria e companheirismo. Esse agradecimento se estende a todos os outros membros da família, pois a ausência em diversas ocasiões está compensada.

Ao orientador e inspirador intelectual Leoncio Camino. O tempo de aprendizado está sendo importantíssimo para toda a vida. Quanto mais o tempo passa, mais queremos continuar neste aprendizado.

Aos amigos(as) do GPCP (Grupo de Pesquisa em Comportamento Político), de ontem e de hoje, em especial os colegas de turma Aline, Ana e Samuel, pelo companheirismo, pela ajuda e pelo aprendizado mútuo.

Aos companheiros(as) e amigos(as) da ASSEPE (Associação de Estudos e Pesquisas Espíritas de João Pessoa), pelo apoio, pela contribuição nos diversos debates, sobre os diversos assuntos de que tanto tratamos e que servem para nosso enriquecimento. O agradecimento também se estende aos amigos(as) do EmCena e do DIJ.

Ao amigo Oswaldo Evaristo, que tanto ajudou no trabalho e no empréstimo de equipamento. Enfim, muito obrigado.

Ao professor José Antônio, que as conversas em torno das problemáticas envolvendo as religiões afro-brasileiras foram frutíferas.

Às pessoas que ajudaram nos contatos e na aplicação dos questionários, especialmente Bruno Medeiros, Samuel Lincoln e René, pela ajuda formidável. Muito agradecido.

A professora Ana Alayde, que ajudou nas leituras das Jornadas do Mestrado, nas quais as contribuições foram excelentes e estimulantes.

Aos padres, pastores, mãe de santo, missionários e dirigentes espíritas que abriram espaços para aplicação dos questionários, bem como nos cedendo entrevistas. Este agradecimento se estende a todos(as) que participaram da pesquisa.

Aos meus amigos de ontem, de hoje e de sempre. Que estão sempre comigo e com a minha família.

Finalmente, e não por último, a Deus, aos espíritos, aos orixás e aos santos, que auxiliaram nesta tarefa.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO -----	13
1. AS RELIGIÕES -----	18
1.1 A Religião Católica -----	18
1.2 A Religião Protestante -----	19
1.3 O Espiritismo -----	21
1.4 As Religiões Afro-brasileiras: um entendimento contextual -----	23
2. RACISMO -----	35
2.1 Racismo e Psicologia Social: Uma Perspectiva Histórica -----	35
2.2 Racismo e Discurso no Contexto Brasileiro: Um Percorso Histórico -----	36
3. PSICOLOGIA DISCURSIVA -----	46
4. OBJETIVOS -----	55
4.1 Objetivo Geral -----	55
4.2 Objetivos Específicos -----	55
5. METODOLOGIA -----	56
5.1 Material -----	56
5.2 Participantes -----	57
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO -----	58
6.1 Análise Estatística -----	58
6.2 Análise Lexical -----	63
6.2.1 Análise Lexical Sobre as Religiões Afro-brasileiras -----	66
6.2.2 Análise Lexical Sobre as Outras Religiões -----	72
6.3 Análise do Discurso -----	79
6.3.1 Análise do Discurso de uma Mãe de Santo -----	82
6.3.2 Análise do Discurso de um Padre -----	86
6.3.3 Análise do Discurso de um Pastor Evangélico -----	92
6.3.4 Análise do Discurso de um Dirigente Espírita -----	96
7. CONCLUSÃO -----	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
ANEXOS	

LISTA DE TABELAS

TABELA 01: Escores médios de características de simpatia e antipatia aos praticantes das religiões afro-brasileiras -----	58
TABELA 02: Escores médios de características de simpatia e antipatia aos praticantes da religião católica -----	59
TABELA 03: Escores médios de características de simpatia e antipatia aos praticantes da religião evangélica -----	59
TABELA 04: Escores médios de características de simpatia e antipatia aos praticantes do espiritismo -----	60
TABELA 05: Escores médios de características de 1º Mundo e 3º Mundo aos praticantes das religiões afro-brasileiros -----	61
TABELA 06: Escores médios de características de 1º Mundo e 3º Mundo aos praticantes da religião católica -----	61
TABELA 07: Escores médios de características de 1º Mundo e 3º Mundo aos praticantes da religião evangélica -----	62
TABELA 08: Escores médios de características de 1º Mundo e 3º Mundo aos praticantes do espiritismo -----	62
TABELA 09: Presenças significativas na Classe 1 -----	67
TABELA 10: Presenças significativas na Classe 2 -----	68
TABELA 11: Presenças significativas na Classe 1 -----	70
TABELA 12: Presenças significativas na Classe 1 -----	73
TABELA 13: Presenças significativas na Classe 3 -----	75
TABELA 14: Presenças significativas na Classe 4 -----	76
TABELA 15: Presenças significativas na Classe 2 -----	77

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: <i>Demonstrativo das classes na análise lexical</i> -----	67
Figura 2: <i>Análise Fatorial de Correspondência</i> -----	71
Figura 3: <i>Demonstrativo das classes na análise lexical</i> -----	73
Figura 4: <i>Análise Fatorial de Correspondência</i> -----	78

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: <i>Exemplos de discursos da Classe 1</i> -----	68
Quadro 2: <i>Exemplos de discursos da Classe 2</i> -----	69
Quadro 3: <i>Exemplos de discursos da Classe 3</i> -----	69
Quadro 4: <i>Exemplos de discursos da Classe 1</i> -----	70
Quadro 5: <i>Exemplos de discursos da Classe 3</i> -----	75
Quadro 6: <i>Exemplos de discursos da Classe 4</i> -----	76
Quadro 7: <i>Exemplos de discursos da Classe 4</i> -----	77

LISTA DE ANEXOS

Anexo I – Questionário
Anexo II – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
Anexo III – Transcrição da Entrevista com a Mãe de Santo
Anexo IV – Transcrição da Entrevista com um Padre Católico
Anexo V – Transcrição da Entrevista com um Pastor Evangélico
Anexo VI – Transcrição da Entrevista com um Dirigente Espírita

RESUMO

A dinâmica das relações raciais no Brasil é um fenômeno bastante complexo. Para compreendê-la é necessário abordar suas implicações históricas, políticas, econômicas e culturais, uma vez que se construiu ao longo dos anos idéias e práticas diversas em relação ao negro. Uma característica importante nas relações raciais do Brasil é o preconceito em relação a diversos aspectos culturais africanos, mais precisamente, frente as religiões afro-brasileiras. Elas possuem características *sui generis*, uma vez que a proibição inicial dos cultos e o conseqüente sincretismo, construíram ao longo do tempo, através de diversas lutas, uma diversidade de expressões e saberes que ocupam espaços sociais importantes. Desta forma, partimos da hipótese de que o preconceito em relação às religiões afro-brasileiras não existe somente em virtude de uma diferenciação interreligiosa, mas que há fatores raciais envolvidos. Nosso objetivo geral, então, é verificar se existe essa relação e quais os processos categoriais e discursivos envolvidos. Para tanto, foram realizados três estudos. A amostra dos dois primeiros estudos era composta por 77 sujeitos das religiões católica, evangélica e espírita, enquanto para o terceiro estudo, a amostra contou com 4 líderes religiosos. O primeiro estudo consiste na categorização em que os sujeitos categorizam os praticantes das religiões afro-brasileiras, católica, evangélica e espírita com adjetivos apropriados tanto a pessoas simpáticas e pessoas antipáticas, como a pessoas de primeiro mundo e pessoas de terceiro mundo. Esse primeiro estudo está baseado em pesquisas de Camino e Cols. (2001 e 2004). O segundo estudo é a análise lexical com o auxílio do software ALCESTE, da seguinte pergunta: *quais são os elementos essenciais das religiões católica, evangélica, espírita e afro-brasileiras*. Neste estudo as análises foram em torno das respostas para as religiões afro-brasileiras e entre as outras três. O terceiro estudo é uma análise do discurso de líderes das religiões citadas sobre as religiões afro-brasileiras em uma situação concreta. No primeiro estudo, não foi encontrada a relação esperada. Encontramos no segundo estudo, os repertórios discursivos e os léxicos em relação às religiões afro-brasileiras remetem ao primitivo, ao inferior. Quando se tratam das religiões católica, evangélica e espírita entre si, as palavras e os repertórios discursivos ficam no âmbito da diferenciação intergrupala. No terceiro estudo, encontramos diversos discursos racistas que remetem à cultura negra e africana como sendo inferior, distante e que precisa aprender com a cultura branca para que possa diminuir-se o preconceito. Conclui-se que há uma relação muito forte entre o preconceito com as religiões afro-brasileiras e o preconceito racial.

Palavras-chave: Racismo, Religião, Análise do Discurso

ABSTRACT

The dynamics of racial relationships in Brazil is a complex phenomenon. To understand this, it is necessary to approach its historical, political, economical and cultural implications, once ideas and several practices in relation to the black were built along the years. Regarding to racial relationships of Brazil, an important characteristic is the prejudice in relation to several African cultural aspects, more precisely, in relation to Afro-Brazilian religions. They present *sui generis* characteristics, once the initial prohibition of the cults and the consequent syncretism built along the time, through several fights, a diversity of expressions and knowledge that occupy important social environments. In this manner, we present the hypothesis that the prejudice in relation to the Afro-Brazilian religions does not only exist by virtue of an inter-religious differentiation, but that there are involved racial factors. The main objective of this study, then, is to verify if this relationship exists and what categorical and discursive processes that are involved. To achieve it, three studies were accomplished. The sample of the first two studies was composed by 77 people who profess catholic, evangelical and spiritist religions, while for the third study, the sample counted on 4 religious leaders. The first study consists of the categorization in which the subjects classify the apprentices of the Afro-Brazilian, Catholic, evangelical and spiritist religions with adjectives proper to sympathizer and nor-sympathizer people, as well as, with adjectives to first world people and third world people. That first study is based on researches of Camino and Cols. (2001 and 2004). The second study is the lexical analysis with the aid of ALCESTE software, of the following question: *what are the essential elements of the Catholic, evangelical, spiritist and Afro-Brazilian religions?* In this study, the analyses were based on the answers to the Afro-Brazilian religions and among the other three. The third study is an analysis of the religious leaders' speech about Afro-Brazilian religions in a concrete situation. In the first study, the expected relationship was not found. We found, in the second study, the discursive repertoires and the lexicons in relation to the Afro-Brazilian religions are related to primitive, to inferior. In relation to Catholic, evangelical and spiritist religions, the words and the discursive repertoires are in the ambit of the intergroup differentiation. In the third study, it was found several racist speeches in relation to black and African culture as being inferior, distant and that this culture needs to learn with the white culture so that it can diminish prejudice. It can be concluded that there is a strong relationship between the prejudice with the Afro-Brazilian religions and the racial prejudice.

Key words: Racism, Religion, Discuss Analysis

*A Gramática dos seres é sua exegese. E a linguagem que eles falam não narra outra coisa
senão a sintaxe que os liga.*
(Michel Foucault, A Palavras e as Coisas)

INTRODUÇÃO

Conhecer a dinâmica em relação às religiões afro-brasileiras e fazer uma relação com o racismo é o objetivo do presente trabalho. As religiões afro-brasileiras se configuram como campo importante da dimensão da identidade negra no país, uma vez que tem sua origem num misto de sincretismo, escravidão, opressão e expressão cultural. Entre estes fatores encontramos certamente a população negra que, embora tenha grande importância no desenvolvimento de nossa cultura, certos elementos da cultura afro, como a religião, não são bem considerados.

Os diversos meios culturais no Brasil, em especial a cultura afro-brasileira, desempenham importante papel nesse caldeirão social que é o nosso país, que tem característica cosmopolita por abrigar diversas culturas que convivem numa aparente paz. Aparente porque, quando nos aprofundamos em seus meandros, verificamos que essas diferentes culturas têm diferentes problemáticas e que existem umas poucas classes que são privilegiadas, o qual se guardam as melhores oportunidades de se expressarem culturalmente, de terem acesso aos melhores serviços sociais e que estão nos mais altos postos empresariais e políticos do país, enquanto há outras classes sociais que vivem à margem das oportunidades, conseqüentemente, essas relações se configuram de forma conflitiva.

As religiões afro-brasileiras são importantes também por serem reconhecidas internacionalmente, uma vez que são exportadas para outros países, configurando-se também como meios de divulgar a cultura brasileira.

A relação racial no Brasil não é de fácil entendimento, uma vez que tivemos historicamente conflitos que hoje muitos querem abafar sob a égide de uma miscigenação saudável e uma relação pacífica entre senhores e escravos, acobertando estupros e mortes que eram cometidos no cotidiano de uma sociedade escravista. Essa aparente paz só fez o país avançar para a abolição dos escravos tardiamente, mesmo diante de diversos intelectuais e

alguns movimentos insistirem na abolição como medida importante e fundamental para o pleno desenvolvimento da nação.

Entendemos que é importante a toda pesquisa que visa conhecer as problemáticas sociais, compreender diversos aspectos que envolvem essa dinâmica. Nesses aspectos estão a ideologia, os discursos, as representações e a história. Não que desta forma estejamos abarcando tudo, mas que compreendemos ser uma abordagem bastante complexa para os objetivos propostos.

Para o presente trabalho foram pesquisados diversos grupos religiosos, uma vez que entendemos que mesmo caminhando para uma construção de diferenciação grupal, essa diferenciação também está revestida de fatores raciais.

Para tanto, no primeiro capítulo apresentaremos, de forma sucinta, as quatro religiões envolvidas no contexto do presente trabalho, a saber: o catolicismo, o protestantismo, o espiritismo e de forma mais aprofundada, as religiões afro-brasileiras. As lutas, formas opressoras e o sincretismo religioso que formam os complexos sistemas religiosos do país, em especial as afro-brasileiras estão expressas neste capítulo. A diversidade de cultos e formas que se construíram as religiões afro-brasileiras são fatores de sua riqueza e de confusão por parte de quem não conhece os meandros de formação e expansão delas. Desta forma, apresentaremos os contextos sociais e históricos em que estão inseridas essas religiões no Brasil.

No segundo capítulo, abordaremos a questão do racismo e do preconceito racial. A forma como o mito do moreno se tornou hegemônico no Brasil (Motta, 2000), bem como as novas formas nas quais o racismo se construiu e continua a existir (Camino, da Silva, Machado, & Pereira, 2001; Camino, da Silva, & Machado, 2004). As formas de discursos raciais na contemporaneidade é um objetivo deste estudo.

O terceiro capítulo reserva-se à exposição do fundamento metodológico e teórico da Análise do Discurso. Suas diversas formas, a sua interdisciplinaridade e sua contribuição para a Psicologia Social, são fontes importantes para contemplar os objetivos de compreender as novas formas de racismo.

Desta forma, partimos da hipótese básica que o preconceito em relação às religiões afro-brasileiras não existe somente em virtude de uma diferenciação interreligiosa, mas que há fatores raciais envolvidos no preconceito. Para tanto, realizamos três estudos para entender o fenômeno. O primeiro consiste na categorização em que os sujeitos adjetivam os praticantes das religiões afro-brasileiras, católica, evangélica e espírita. O segundo é a análise lexical, com o auxílio do software ALCESTE, da seguinte pergunta: *quais são os elementos essenciais das religiões católica, evangélica, espírita e as afro-brasileiras*. O terceiro estudo é uma análise do discurso de líderes das religiões citadas sobre as religiões afro-brasileiras em uma situação concreta.

Neste sentido, tanto quanto o aporte teórico, a metodologia também deve ser utilizada de maneira que compreenda melhor essa dinâmica em suas múltiplas funções e idiossincrasias. Não existe metodologia perfeita, embora tenhamos algumas que melhor se adaptem às necessidades das pesquisas. Por isso justifica-se a necessidade de utilizar três métodos distintos para se entender o preconceito em relação às religiões afro-brasileiras.

Diante disto, o presente estudo pretende dar uma contribuição à compreensão do racismo no Brasil, a partir das manifestações culturais das diversas religiões de matriz africana existentes no país.

Na parte final do trabalho é feita uma discussão ampla acerca de todos os dados analisados dos estudos. Com isto procurou-se entender um pouco as facetas que compõem e que podem servir como reflexão sobre as formas e a dimensão do racismo no Brasil e

contribuir, de forma efetiva, para intervenções e políticas públicas voltadas a diminuir as desigualdades raciais no país.

Não acredito que um indivíduo possa progredir espiritualmente, enquanto aqueles que o cercam estão sofrendo. (Gandhi)

1. AS RELIGIÕES

1.1 A Religião Católica

O catolicismo romano remonta há quase 2000 anos. É a mais antiga e numerosa religião cristã. Está envolta de uma organização episcopal em torno de uma rede de Bispos, que são responsáveis por comunidades e igrejas que estão sob a jurisdição de uma diocese. A sua maior autoridade é o Papa, que segundo a fé católica, é um descendente de Pedro, apóstolo de Jesus Cristo. Se denomina católica, que significa universal em grego, desta forma, se autodenomina como a igreja estabelecida por Deus para salvar a humanidade.

A doutrina católica está alicerçada sob o *Credo, o Pai Nosso, os 10 Mandamentos e os Sacramentos*. Os dogmas católicos estão fundados, entre outros, na existência de Deus, em Jesus Cristo como Deus e filho, na criação do mundo por Deus a partir do nada, no homem que é formado por um corpo material e uma alma espiritual, bem como é um pecador e nem pode redimir-se a si próprio, somente Deus (Ellwood & Alles, 2007).

Outro importante fundamento católico são os sacramentos, que são rituais que os fiéis passam para receberem a graça de Deus. São sete os sacramentos, batismo, crisma, eucaristia, penitência, unção dos enfermos, ordem e matrimônio.

O catolicismo romano é a denominação religiosa que conta com o maior número de adeptos no Brasil. A primeira missa ocorreu apenas 4 dias após a chegada oficial dos portugueses ao país, ou seja, 26 de abril de 1500. Desta forma se constitui, com a exceção dos cultos indígenas, como a religião mais tradicional do Brasil.

Foi a religião oficial do país até janeiro de 1890, logo após o advento da Proclamação da República. Com a constituição de 1891, o Brasil se tornou um estado laico.

Mesmo não sendo mais a religião oficial, não deixou de exercer grande influência política no país. Tanto em comum acordo com os poderes políticos, quanto contra o regime de

exceção durante a ditadura militar. Destaca-se, nesse cenário recente, a atuação constante da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil [CNBB] (Azevedo, 2004).

O número de brasileiros que se declaram católicos caiu de 93,5% em 1950 para 73% em 2000, segundo o IBGE. Boa parte desse contingente migrou para a religião evangélica em suas diversas denominações.

No Brasil temos diversos movimentos importantes no seio do catolicismo: a Teologia da Libertação, as Pastorais e o Movimento de Renovação Carismática.

A Teologia da Libertação faz uma reflexão entre pobreza, exclusão e desigualdade social e a fé cristã. Apóia-se no materialismo histórico e nos movimentos sociais de esquerda, em que as chamadas Comunidades Eclesiais de Base tomam como uma nova forma de ver a igreja, ou seja, inserida nos problemas sociais e como elemento importante para a mudança social, vendo os pobres como elementos de libertação em si e não como objetos de caridade.

As pastorais são diversas e tem como objetivo atuar nas comunidades a partir de suas problemáticas e divulgar as idéias católicas através do trabalho de evangelização. Existem diversas pastorais, das quais as mais conhecidas são a da criança, a carcerária e a do menor.

Atualmente o Movimento de Renovação Carismática dentro da Igreja Católica ganha cada vez mais força. É um movimento conservador que tem semelhanças com práticas das igrejas pentecostais e que ganha cada vez mais força e fama no Brasil, com padres que estão na mídia propagando esse movimento.

1.2 A Religião Protestante

O protestantismo é um dos três maiores e principais ramos do cristianismo, ao lado do catolicismo e das igrejas ortodoxas. O marco de início da reforma protestante é a rebelião e o advento de 95 teses propostas pelo frade Martin Lutero no século XVI, que propunham uma reforma no catolicismo no que toca, principalmente, à autoridade papal, às indulgências e à

penitência. Estas idéias tiveram uma forte influência de um ex-comerciante francês que se converteu ao cristianismo, por volta de 1174, chamado Pedro Valdo. Ele encomendou uma tradução da bíblia para sua língua e começou a propagá-la entre as pessoas, mesmo não sendo sacerdote. Defendia o direito de cada fiel ter sua própria bíblia em sua língua, a autoridade bíblica e não da igreja e a rejeição ao culto de imagens. Desta forma, os cultos eram clandestinos devido à perseguição por parte da igreja católica (Ellwood & Alles, 2007).

As idéias de Martin Lutero ecoaram e as insatisfações teológicas, sociais e políticas em torno da Igreja Católica ganharam força, com diversos príncipes e representantes de cidades da região sul da Alemanha não queriam a unificação de alguns territórios em torno de uma única forma de cultos. Desta forma, elaboraram um documento publicado em 1529.

Apesar da importância das teses, a reforma protestante foi um processo longo, que se estendeu até o século XVIII. No entanto, todas as igrejas que foram formadas após a rebelião de Lutero podem ser consideradas reformadas ou históricas, uma vez que contém os paradigmas de fé de sua proposta (Mendonça, 2007a).

No Brasil os primeiros evangélicos e missões começaram a chegar no início do século XIX, com o advento dos tratados de comércio e navegação entre nações. Primeiramente com os ingleses, os estadunidenses e alemães, que migraram para o Brasil para trabalhar em estradas de ferro e na agricultura.

Segundo Mendonça (2007b) os protestantes encontraram um país recheado de magia e uma cultura determinista, onde o calendário era composto por vários feriados e festas religiosas. Desta forma, as primeiras missões ficaram circunscritas entre os imigrantes. Após período de adaptação à cultura brasileira e a chegada de mais missões no país é que houve a expansão.

Podemos esboçar a história do protestantismo no Brasil em três fases:

- a) A primeira, já relatada aqui, é a chegada das primeiras missões, juntamente com os imigrantes;
- b) A segunda é a fase de consolidação e compreende o início da década de 1910, com o Congresso da Obra Cristã na América Latina em 1916 que suplantou diversas divergências, bem como a criação da Confederação Evangélica do Brasil em 1934, até o advento em massa das igrejas neo-pentecostais;
- c) O crescimento do movimento pentecostal e neo-pentecostal, que compreende o vertiginoso aumento no número de igrejas e de adeptos das religiões protestantes e que trazem consigo uma nova forma de se socializar e politizar.

As idéias de liberdade de culto fazem com que as igrejas protestantes sejam tão diversas. No Brasil essa diversidade se verificou de forma mais patente com a terceira fase, em que a inserção na política e a pluralidade de formas de cultos ganharam dimensões antes não alcançadas pelas igrejas históricas e tradicionais.

1.3 O Espiritismo

A Doutrina Espírita é uma corrente de pensamento que tem sua origem na França do século XIX. Foi fundada pelo pedagogo Denizard Hippolyte Léon Rivail, mais conhecido pelo pseudônimo Allan Kardec.

Ela se originou por meio de pesquisas realizadas com espíritos que se comunicavam por diversos meios. Allan Kardec fora convidado por um amigo para analisar um fenômeno chamado de *Mesas Girantes*, que consistia em levantar as mesas e ouvir batidas sem o toque das pessoas, respondendo a perguntas. A partir de suas pesquisas com essas mesas, ele passou a utilizar pessoas como meios de mediar as informações entre os dois mundos: o nosso e o dos espíritos. Uma primeira constatação dele foi de que esses espíritos são pessoas que viveram e agora estão numa condição diferente.

A obra que inaugura a Doutrina Espírita é *O Livro dos Espíritos*, um apanhado de 1019 perguntas feitas por Allan Kardec e respondidas por diversos espíritos por meio de diversos médiuns em vários países. Allan Kardec compilou as respostas que mais se assemelhavam entre si e que estivessem no que ele chamou de *lógica racional*. Além deste livro, Allan Kardec criou e editou a *Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos*, um periódico mensal (de 1858 até 1869) para divulgar as pesquisas e as idéias espíritas. Além destas obras outras também foram escritas, que são consideradas as *Obras Básicas da Doutrina Espírita*. Neste contexto, o espiritismo tem forte influência da filosofia socrática, do racionalismo francês, do iluminismo, do positivismo, do mesmerismo (magnetismo animal) e das ciências da época.

O espiritismo flutua em torno de questões amplas da filosofia, da ciência e da religião. O seu fundador não quis fundar uma nova denominação religiosa, no entanto, no Brasil ele foi desenvolvido sob forma de mais uma religião, diferentemente do que foi concebido em outros países. No seu início, na Europa, diversos pesquisadores, muitos famosos até hoje, foram pesquisadores do chamado fenômeno espírita, ou seja, a influência dos espíritos no plano material, tais como, William James, William Crooks, Charles Richet, Henri Bergson e William McDougall, entre outros (Andrade, 2002). Esses pesquisadores não eram da religião espírita, mas cientistas que contribuíram para o conhecimento espírita.

A religião espírita como ocorre no Brasil é um sistema bem ímpar, uma vez que, nem mesmo na França tem esse movimento amplo e religioso estabelecido. Na Doutrina Espírita não existe hierarquia sacerdotal, não há autoridade máxima nem pessoal, nem institucional oficial. Contudo, o movimento religioso está, em sua maioria, circunscrito sob uma direção administrativa da Federação Espírita Brasileira. Esta entidade é a mais influente dentro do espiritismo religioso no mundo.

A Doutrina Espírita, diferentemente de outras religiões, não é salvacionista, não há cultos nem rituais, não há adoração, nem imagens. Ao mesmo tempo, considera Jesus o homem mais evoluído que encarnou no planeta e é guia e modelo para a humanidade. Crê na unicidade de Deus, como inteligência suprema e causa primeira de todas as coisas; na imortalidade da alma, na reencarnação e no livre-arbítrio.

O seu movimento vive um dilema constante: ser ou não ser religião. Há os que não querem que seja e há uma maioria que entende que a Doutrina Espírita seja. Na obra de Allan Kardec, que é a base dela, há elementos que possam levar às duas conclusões. Mas não há como negar que no Brasil é um fenômeno religioso, pelo menos no aspecto sociológico.

1.4 As Religiões Afro-brasileiras: um entendimento contextual.

Segundo o censo populacional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] (2000), só uma pequena parcela da população brasileira se declara professa das religiões afro-brasileiras, porém, por suas características históricas, sociais e de raça, se estabelecem como parte importante na construção de uma identidade negra. Apesar de não serem determinantes de forma global na construção da identidade do negro no Brasil, essas religiões buscam favorecer essa construção, uma vez que reconhecem a resistência negra na luta pela sobrevivência e conservação de suas origens (Rodrigues, 2006), expressando sentidos e significados através não somente da ritualística religiosa, mas também por meio de seus discursos que evocam sua ancestralidade e um reconhecimento positivo de sua origem racial.

O reconhecimento da origem das religiões afro-brasileiras convive hoje com outros aspectos sociais importantes, nesse conjunto de normas, instituições e políticas que constroem as diversas identidades na sociedade moderna. Entendemos, dessa forma, que a construção da identidade negra nos dias atuais também se expressa politicamente nas relações de classe,

gênero, raça e religião, através de medidas legais que buscam dar mais oportunidades de inserção do negro, não somente às necessidades básicas, mas ao mercado de trabalho e aos serviços sociais de forma mais igualitária, no que concerne a políticas voltadas à reparação, visando diminuir o abismo existente entre as raças. É necessário, contudo, entender um pouco de sua história e atual condição na sociedade brasileira. Apesar de as religiões afro-brasileiras hoje serem mais abertas, no sentido de não se circunscreverem somente entre os negros e terem sua internacionalização cada vez mais confirmada e em franca expansão, persistimos em estabelecê-las como importantes no papel da construção da identidade negra (Oro, 1995).

Um estudo sobre as religiões afro-brasileiras se defronta com diversas dificuldades, uma vez que as mesmas não dispõem de meios midiáticos (livros sagrados) para que possamos compreender sua evolução desde a origem até a atualidade. Compreendemos que para se entender um fenômeno religioso é preciso muito mais que ler seu(s) livro(s) sagrado(s), é preciso também entender como está contextualizado nos dias atuais e entender as mudanças que se operaram no decorrer do tempo. A dificuldade não existe apenas neste sentido, mas se estende pela própria dinâmica de entendimento de mundo que as religiões afro-brasileiras tem e que são diferentes das religiões da tradição judaico-cristã que são predominantes no Brasil e exercem maior influência na dinâmica social.

A história das religiões afro-brasileiras se confunde com a história da escravidão no Brasil. Para entendê-la temos que considerar tanto as religiões das regiões da África de onde os negros eram trazidos, como as imposições recebidas de normas e idéias cristãs (Prandi, 1995), bem como a incorporação em suas práticas litúrgicas dos elementos católicos. Essa incorporação de elementos católicos era em virtude de que a mesma proibia qualquer outra manifestação religiosa em solo brasileiro, entretanto, mesmo essa incorporação não evitou o preconceito que desde seu nascedouro ficou estabelecido contra as religiões afro-brasileiras.

Neste intercuro, algumas missões evangélicas e católicas, coniventes com a escravidão, faziam papéis de missionários, transmitindo o evangelho para um povo oprimido, que não deveria cultuar seus deuses (Venerano, 2003). É nessa luta entre a tradição (cultos africanos) e o novo (cristianismo) que se constroem as religiões afro-brasileiras, contudo, não se trata de uma simples soma de culturas, mas de uma nova cultura, com diversas raízes e vertentes.

Se configurando como uma nova formação, que não se trata simplesmente de uma expressão africana pura, nem tampouco uma europeização do negro, mas de uma nova forma de expressão (Pinheiro, 2008). Adapta-se e reconstrói-se ao contexto que outrora estavam envoltos, com suas lutas e trocas simbólicas e concretas, no qual o poder e a ideologia dominante buscam determinar os desfavorecidos. Nessa realidade de uma nova religião, a Bahia se destaca de forma que, através do sincretismo religioso construído a partir de então, torna-se a forma com melhores possibilidades de expressar suas raízes com o mínimo de restrições.

O sincretismo está presente em todos os campos da cultura, não somente na religião. Pierre Sanchis (1995) diz que esse processo ocorre devido a uma disputa de poder e de hegemonia, que a ideologia dominante exerce plena força construtora de novas expressões culturais a partir do sincretismo. Vale dizer que a identidade religiosa na sociedade atual é vista pelos fiéis como sendo natural, mas ressaltamos, sustentados pelo autor, que é uma construção social que se opera em nível religioso e na cultura dos povos. Desta forma, todas as religiões são sincréticas, apesar de umas quererem encobrir esse processo (Ferretti, 2007).

O sincretismo não é uma via de mão única, se assim fosse, seria uma cópia fiel, entretanto, guarda idiosincrasias que são influenciadores, mas que não são determinantes fiéis. No caso das religiões afro-brasileiras, houve uma imposição de costumes com o intuito de domesticar e evangelizar, mas também houve uma resistência que foi além da física e

construiu todo o cabedal afro-brasileiro religioso que temos. Segundo Ferretti (2007) o sincretismo era visto como uma união de forças, mas passou a uma concepção negativa a partir do século XVIII, sendo visto como heresia por tentar reconciliar pontos de vistas opostos. Por esse motivo vemos que o sincretismo ainda não tem um conceito fixo, nem consensos, mesmo quando aplicado a uma única cultura, como no campo religioso brasileiro. Estas problemáticas suscitam perguntas, tais como: o sincretismo tem um ponto de partida ou é um “encontro” de culturas historicamente construídas e situadas nas condições que a operam? A dificuldade de responder se estabelece não apenas conceitualmente, mas depende do aporte teórico no qual abordamos o sincretismo.

Trazendo o campo do estudo das relações religiosas para o campo do comportamento social, podemos utilizar teorias que contribuam para o melhor entendimento dessa dinâmica social. A perspectiva discursiva nos diz que nos processos de socialização, os indivíduos e as coletividades se constroem a partir dos discursos e da dinâmica social. Então os processos de internalização de conceitos, mitos, teorias, símbolos e sua conseqüente socialização não se operam no interior da mente apenas, mas no interior dos discursos, que têm papel preponderante na construção da realidade social.

Por outro lado, na teoria das Representações Sociais podemos também ter um suporte teórico a partir do conceito de ancoragem, em que a mesma seria o processo pelo qual o não-familiar se torna familiar e o processo de tornar as representações uma vez constituídas em organizadoras das relações sociais (Vala, 2002).

Os esquemas mentais já são ancorados em representações construídas socialmente. Então ocorre a categorização, damos nome e classificamos com as representações pré-existentes, desta forma os colocamos numa maneira tal qual possamos estabelecer relações de julgamentos, de aceitar como sendo verdadeiro ou não, como válido diante dos valores construídos, de aceitá-lo de acordo com um protótipo socialmente

estabelecido. Isto se dá de maneira a não simplesmente rotular ou categorizar – como diz a teoria da cognição social – mas de facilitar a interpretação, de compreender melhor o fenômeno, de formar opiniões (Moscovici, 2003).

Desta forma, a construção dessas novas formas religiosas, que traziam tradições africanas decorreu pela oralidade, revestindo-se, por meio das trocas sincréticas, entre o caráter dos mitos do catolicismo com seus santos com os deuses africanos encontraram terreno propício para o sincretismo como forma de construírem sua identidade no contexto do Brasil (Pinheiro, 2008).

Percebemos que o sincretismo pode ser compreendido como uma relação discursiva entre culturas diferentes, que encontram pontos divergentes e convergentes no intuito de sintetizarem uma nova forma de expressar, não sendo uma fusão ou interseção, mas uma síntese que é diferente das culturas que se encontram nessa prática discursiva. Voltando a Pierre Sanchis (1995) em que *“o sincretismo é polivalente o suficiente para acolher as mais diversas cristalizações, sem que a multiplicidade das pesquisas se encontre nunca descoberto”*, percebemos o quanto pode ser rica a contribuição da ciência para o entendimento dessa dinâmica social. Portanto, precisamos entender um pouco, sociologicamente, como estão inseridas e divididas as religiões afro-brasileiras.

Neste sentido, Oro (1995) propõe dividir as religiões afro-brasileiras em três diferentes expressões ritualísticas. Na primeira expressão, em que cultuam os orixás, estão o Candomblé da Bahia, o Xangô de Recife dentre outras. Na segunda expressão, que se caracteriza pelo culto às Pombagiras, está a Macumba, que depois ganhou diversas denominações e variações. Na terceira, e de forma bem sincrética, mais flexível, que se absorveu de várias outras religiões, seitas e ciências, com cultos aos preto-velhos e caboclos, encontra-se a Umbanda.

Será necessário contextualizar o candomblé para melhor entendimento. Não por ser o mais famoso dos cultos afro-brasileiros, mas por ser o de maior expressão no país.

Conceituar, definir o Candomblé não é fácil. Um dos motivos já apresentado é o da falta de uma obra sacra, que cumpra o papel de norteador das diretrizes religiosas. Outro motivo, advindo do primeiro é que, com essa falta, os ensinamentos ocorreram de forma oral, na qual os pais e mães-de-santo repassavam suas experiências e vivências para os filhos de santo. Na atualidade, a boa literatura acadêmica existente sobre o assunto já oferece melhor entendimento sobre sua história.

Mais que uma religião simplesmente, o Candomblé é um grupo de religiões com sistema de crença em orixás com ênfase no fenômeno de transe mediúnico (Lima, 1974), ou podemos dizer também que não é somente esse sistema, mas é uma herança cultural geratriz de grandes valores e comportamentos que ajudam a enriquecer o nosso país. Muitas vezes se confunde com o lugar onde se realizam as danças e os rituais, os terreiros, a roça, casa de santo, bem como o lugar onde os negros dançam, esses são alguns nomes dados ao candomblé.

Dentre suas características, o Candomblé é dividido em “nações”, que apesar de suas similitudes, guardam particularidades que ajudam a diversificar ainda mais os seus rituais. Esse nome se estabeleceu pela origem referente no continente africano e pelos povos advindos que aqui foram escravizados, mas que trouxeram consigo os costumes e rituais de acordo com sua nação. Na Bahia se expandiram, principalmente a nação queto, nagô e ijexá (advindos da Nigéria e Benin), que são do tronco ioruba. Segundo Prandi (1995) o candomblé queto tem tido grande influência sobre outras nações que incorporaram seus ritos e práticas, como a nação angola, de outra origem (banto). Os orixás são divindades, que muitas vezes são sincréticos com os santos do catolicismo.

No Brasil são cultuados em torno de 20 orixás, mas na África pode se encontrar mais de 400, os quais são os “donos” da cabeça de cada indivíduo (Prandi, 1995). Há o culto aos

caboclos, que são espíritos de índios. Esse culto ocorre porque são considerados os verdadeiros ancestrais brasileiros, sendo dignos de reverência.

Segundo Motta (2000), a iniciação no candomblé tem semelhanças com o paganismo grego, devido ao sacrifício de animais. Contudo, para se chegar à iniciação é necessário passar pelo jogo de búzios, em que a mãe-de-santo verifica o orixá do futuro filho ou filha-de-santo, que será seu mandatário para o resto de sua vida. A primeira cerimônia para o indivíduo que se candidata a filho-de-santo, consiste em derramar sangue na sua cabeça, a partir de um animal sacrificado, que pode ser uma pomba ou um cabrito, no intuito de prepará-lo para os futuros transe e possessões dos orixás. Nesse período é necessário juntar dinheiro para cobrir os gastos com a iniciação, oferenda, roupas e outros utensílios que fazem parte desse processo. Além disso, o candidato a filho-de-santo deve permanecer por cerca de 21 dias no terreiro, sem poder exercer qualquer atividade externa ao mesmo. O orixá reconhece como sendo filho ou filha-de-santo quando grita seu nome. Assim está completa a iniciação. Agora é hora de vestir-se e paramentar-se de acordo com o orixá e dançar com todos para festejar (Prandi, 1995).

Além de toda a complexidade de repassar os ensinamentos aos sucessores, o candomblé também passa por processos de conflitos, que Lima (1974) chama de *encruzilhada da tradição e da modernidade*, uma vez que a ortodoxia dos costumes e rituais resultam da incessante busca da legitimidade através da tradição simbólica, contrapondo aqueles que se adequam às normas sociais modernas e fogem dos modelos tradicionais, na qual misturam as práticas com as necessidades da clientela, aproximando-se, principalmente da Umbanda.

Desta forma, a Macumba é uma religião de matriz africana, assim como o Candomblé, que cultua os Exus e as Pombagiras, que são entidades de intermediação entre os homens e os Orixás. Segundo alguns historiadores, a Macumba surgiu no Rio de Janeiro, no final do século XIX, e hoje conta com diversos nomes para designá-la, tais como Quimbanda, Linha

Negra, Magia Negra e Linha Cruzada. Também é um termo pejorativo para designar as religiões de matriz africana. É uma religião mais prática, que busca as entidades para resolver os diversos problemas que aparecem no terreiro (Oro, 1995).

Neste sentido, é necessário fazer uma abordagem acerca da Umbanda, para dirimir dúvidas e rever aproximações com o candomblé, uma vez que a Umbanda parece viver um misto de ser confundida com o espiritismo por um lado, com o candomblé por outro e com a macumba também. Na verdade não é nenhum, nem outro, apesar de receber influência de ambas.

A Umbanda é reconhecida como a legítima religião brasileira. Nasceu em Niterói, no estado do Rio de Janeiro, por volta de 1920, através de dois fenômenos: a mediunidade de Zélio Fernandino de Moraes e a intolerância dos espíritas. Zélio começou a sentir estranhos “ataques”, na qual ele tinha postura de um velho, falando coisas sem sentido. Um médico examinou e achou que não poderia fazer nada e recomendou um padre, achando que o menino estava com o demônio. Alguém da família recomendou que fosse ao espiritismo. Quando lá chegou, na Federação Espírita de Niterói, ele participou da reunião e os médiuns espíritas começaram a receber caboclos e pretos velhos. O dirigente da reunião achou estranho e mandou esses espíritos embora, dizendo que lá não é lugar de receber espíritos atrasados. Foi então que o Zélio recebeu o espírito do Caboclo das Sete Encruzilhadas perguntando porque repelem esses espíritos, por serem de negros e pobres? A partir daí foi uma sucessão de fatos que levaram a nascer a Umbanda, que se intitula como sendo a religião do pobres e excluídos, onde todos, independentemente de sua origem ou ascensão social são bem-vindos.

Paralelamente, o crescimento do mercado religioso brasileiro traz nuances que podem falsear os estudos. Como o IBGE insere em religiões afro-brasileiras todas as suas variantes e denominações do candomblé e a Umbanda juntas, e também não relaciona as pessoas que trafegam em diversas religiões, bem como se declaram católicos e vão aos cultos do

candomblé e se declaram espíritas e frequentam a Umbanda. Observando apenas o número de forma estática, houve um decréscimo no número de adeptos das religiões afro-brasileiras. De 1980 a 2000, caiu de 0,6% para 0,3% da população brasileira. Como enfatiza Prandi (2003), o que houve na realidade é que o candomblé representava 16,5% dos adeptos das religiões afro-brasileiras e os demais eram da Umbanda, em 2000 o candomblé passou a representar 24,4% dos adeptos das religiões afro-brasileiras. O número de adeptos do candomblé teve um aumento de 31,3%, enquanto na Umbanda uma diminuição de 20,2% do número de adeptos. Como a Umbanda é a maior parte, verifica-se a queda no número total do IBGE.

O mesmo autor alega que um dos fatores que tem contribuído para o aumento no número de adeptos do candomblé, é a dessincretização de sua parte, uma vez que na atualidade não é necessário, nem obrigatório, se declarar católico com medo de represálias, contribuindo para a auto-declaração pelo candomblé aumentar. Na Umbanda, o processo de dessincretização é bem mais difícil, pois as orações, os cânticos e os santos são muito próximos do catolicismo, tendo um sincretismo com esta religião bem mais forte que o candomblé. Outro aspecto apontado pelo autor é a recente valorização da cultura negra, em que o candomblé somente recentemente chegou à classe média branca, diferentemente da Umbanda que já nasceu num processo de ruptura e branqueamento. O autor afirma ainda que o candomblé mais crescente no país é aquele que mais se distancia do catolicismo, o que adentra mais no processo de africanização e de suas práticas, apesar das mudanças que o levaram a ser uma religião mais universal e deixou um pouco de lado as heranças culturais africanas para se adaptar às mudanças sociais (Prandi, 2003).

Diferentemente de outras religiões, as afro-brasileiras não tem uma entidade que responda por elas, que tenham autoridade sacerdotal sobre todas, mas cada terreiro ou tenda, tem o seu pai ou mãe-de-santo que é autoridade máxima e que não interfere nos trabalhos de outros terreiros. Se por um lado eles são autônomos, por outro são menos organizados ou

unidos para a propagação da religião. Desta forma, mesmo tendo mudado ao longo dos anos, essas mudanças foram insipientes para arregimentar mais fiéis, uma vez que elas sofrem mais ataques vindos, principalmente, das igrejas neopentecostais, lideradas pela Igreja Universal do Reino de Deus. Essa igreja afere verdadeiros ataques públicos nos mais diversos meios de comunicação (rádio, tv, Internet, jornais, etc.), em que elas mesmas são donas ou pagam para terem programas exclusivos e utilizam em seu meio administrativo uma estrutura empresarial. Os ataques não são apenas verbais, mas mostram ex-pais ou mães-de-santo que se humilham publicamente e que há ritos parecidos com os cultos afro-brasileiros (Oro, 1997), sendo que alegam ser para a expulsão dos orixás, os quais chamam de demônio. Isto posto, faz-se necessário indagar se, além do mercado econômico de fiéis, será que há processos históricos ligados à negritude e à escravidão, levando a esse tipo de preconceito também? Prandi (2003) defende que sim, bem como esse é um dos motivos que a luta com as outras religiões se torna desigual. Como hoje já não há uma pressão oficial para ser de determinada religião, o campo religioso hoje se parece muito com um mercado, em que a mudança e o trânsito religioso é bem mais intenso, devido as ofertas diversificadas de igrejas e suas promessas. Neste sentido, as religiões afro-brasileiras podem caminhar para um processo de encolhimento devido ao lento e necessário processo de mudança em sua estrutura.

Apesar de tudo isso, a contribuição das religiões afro-brasileiras para a arte e a cultura do Brasil tem um significado maior que a sua demografia. Mesmo com toda propaganda negativa em cima desses cultos, com todos os ataques diuturnos nos meios televisivos, ainda há uma parcela da população que, se não é adepta, respeita e se insere de alguma forma nesse rico processo de transformação de nossa sociedade. Isso tanto é válido que, o processo de exportação dessas religiões, também de sua cultura para os países da América do Sul está em franca expansão (Oro, 1995).

Não é objetivo do estudo, explicar as causas do preconceito racial em que as religiões tem papel importante nesse processo, mas de entender como o preconceito de raça recorrente na sociedade moderna é um dos fatores determinantes do preconceito religioso.

Assim sendo, as relações intergrupais se estabelecem de diversas maneiras, tanto quanto diversos sejam os contextos, os grupos e o meio social envolvido. As relações raciais assumem, hoje em dia, contornos diferentes dos de antes, porém não quer dizer que o racismo tenha sido extinto ou que tenha diminuído de maneira a oportunizar condições iguais, sendo um fenômeno das sociedades modernas que perdura nos dias atuais. Na atualidade não se expressa o preconceito de forma explícita, mas de forma velada, uma vez que pelas leis brasileiras, é crime.

Ao observarmos a literatura atual sobre o preconceito racial em nossa abordagem, não verificaremos expressões claras de preconceito, mas elas ficam explícitas em realidade concreta, ou seja, quando contextualizadas, em uma situação na qual essas relações grupais se estabelecem de maneira mais evidente.

Vou me embora dessa terra...

- olodumaré...

Para outra terra eu vou...

- olodumaré...

Sei que aqui eu sou querido...

- olodumaré...

Mas não sei se lá eu sou...

- olodumaré...

O que eu tenho pra levar...

- olodumaré...

É a saudade desse chão...

- olodumaré...

Minha força, meu batuque...

- olodumaré...

Heranças da minha nação...

(Antônio Nóbrega e Wilson Freire)

2. RACISMO

2.1 Racismo e Psicologia Social: Uma Perspectiva Histórica

As primeiras pesquisas da Psicologia Social estavam focadas nos aspectos intraindividuais do preconceito. Observamos isso nas duas grandes preocupações das nações que tinham a Psicologia Social mais desenvolvida: o facismo na Alemanha e o racismo nos Estados Unidos. Neste sentido, os estudos de Dollard nos Estados Unidos sobre o *Bode Expiatório* (Dollard et al., 1939), com situações de aperto econômico, por exemplo, fariam com que o branco “descontasse” no negro suas perdas financeiras e a teoria da *Personalidade Autoritária* na Alemanha (Adorno, et al., 1954), a qual enfatiza que a repressão na infância e o redirecionamento das pulsões para uma personalidade que teria tendências ao totalitarismo, seria a origem do preconceito. Em comum, essas duas teorias tem forte influências da Psicanálise, com os elementos *deslocamento* e *energia*, como pontos básicos.

“A Natureza do Preconceito” (Allport, 1954) não é somente uma importante obra da Psicologia Social, como também expõe o *zeitgeist* da época para a disciplina, em que as pesquisas eram voltadas para o estudo do preconceito e suas bases psicológicas. O preconceito, etimologicamente é um pré-julgamento, derivando do pré-juízo, um juízo prévio que toma conotações negativas.

Outra grande contribuição para a explicação do preconceito está na relação entre o preconceito e a identidade social, proposta por Tajfel (1981), por meio do desenvolvimento de suas pesquisas que começaram com a diferenciação perceptiva, até a análise das relações intergrupais com a pertença grupal, em que as decisões dos indivíduos estão relacionadas com um consenso social.

Desta forma, como diz Doise (2002), a Psicologia Social em sua busca de articular as explicações intraindividuais com comportamentos interindividuais, historicamente se limitou nesses dois níveis de análise. No entanto, o autor explica que a prioridade não é o nível de

explicação, se intraindividual ou interindividual, mas que a mesma deve buscar articular em outros níveis, que sejam os posicionais (que levam em conta a modulação do tecido social nos processos dos níveis intra e interindividuais) e em níveis de sistemas de crença e representações (em que a ideologia e a cultura não somente dão sentido aos comportamentos, como criam, dialeticamente, as diferenciações sociais), portanto, a disciplina, ao longo do tempo tomou diversos rumos com o estudo do preconceito.

Na atualidade, as concepções sociológicas da Psicologia Social tem ocupado mais espaços nos manuais e na academia (Álvaro & Garrido, 2006), com importantes contribuições de Michael Billig, Jonathan Potter e Teun Van Dijk, que buscam fazer articulações cognitivas, culturais, ideológicas e históricas para os estudos dos processos sociais, dentre eles o preconceito.

Desta forma, exporemos a seguir o racismo no contexto brasileiro e como pesquisas no país tem buscado articular os diversos níveis de análise.

2.2 Racismo e Discurso no Contexto Brasileiro: Um Percorso Histórico

No Brasil a questão do racismo é bastante complexa e requer bastante atenção por parte de quem envereda por esse campo de estudos. Neste sentido, “*a história do mundo moderno é também a história da questão racial, um dos dilemas da modernidade*” (Ianni, 2004). Entendemos que a problemática das relações raciais pode ser pensada em caráter mundial. No Brasil não é unicamente um problema da atualidade, pois tem raízes profundas e antigas, como vimos anteriormente. Para se compreendê-las é necessário abordar suas implicações históricas, políticas, econômicas e culturais.

O caso brasileiro, tem início com a escravidão de seres humanos a partir do século XVI trazidos à força de seus países para trabalhos forçados no país. Neste comércio de seres humanos, o Brasil foi o maior comprador no período compreendido da colonização européia

nas Américas, correspondendo a 40% do total de escravos em todo o continente americano (Silva, 1995).

Os negros trazidos como mercadoria aqui se estabeleceram como escravos e a maioria foi trabalhar nas propriedades rurais, num sistema denominado escravagismo. Diferentemente dos outros países das Américas, o Brasil foi colonizado, na maior parte do tempo por Portugal, num sistema de monocultura que visava principalmente a exportação (Erthal, 2000).

Somente no século XIX o país aboliu a escravidão, no entanto, surge a questão: o processo de libertação dos negros trouxe verdadeiros avanços a eles? Naquela época, no período que inicia com o desenvolvimento da ciência positivista, os discursos da ciência em relação às raças sempre colocou o europeu e branco como sendo a raça superior, e que o seu modelo de cultura é que deveria prevalecer diante da outra, uma vez que as outras culturas seriam constituídas por seres desalmados (Silva, 1995). A Igreja Católica também contribuiu para esse quadro. Na realidade brasileira, padres tinham escravos que eram seus serviçais. Até hoje em dia os negros que ocupam os cargos de bispos são minorias, estando bem abaixo dos índices populacionais.

Neste sentido, a igreja não só condenava os negros como desalmados, como também lhes legava ao posto de que suas religiões eram ilegais, criminosas e demoníacas. Desta forma, as religiões afro-brasileiras eram oprimidas, caçadas e os freqüentadores eram presos, pois estavam praticando algo ilegal e anormal.

A ciência da época tentava dar respostas a respeito da influência do negro para o país. Desta forma, utilizavam também discursos de que eram anormais. Esta concepção de anormalidade foi muito marcante, uma vez que os primeiros estudiosos, tais como Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Ulisses Pernambucano e Renê Ribeiro, eram todos psiquiatras (Silva, 1995). Esses pensadores, por exemplo, consideraram que a influência dos negros na civilização brasileira seria negativa por eles serem membros de uma raça biologicamente

inferior. Já Ramos (1937) também considerou a presença dos negros um problema na formação da cultura brasileira por razões culturais.

O teórico que estudou com grande produção científica e que mais influenciou o Brasil no processo de construção de uma consciência coletiva acerca da saudável miscigenação, com certeza foi Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala* (1933). Motta (2000) relata bem o papel de Gilberto Freyre e sua influência no meio acadêmico e social, no qual o famoso sociólogo brasileiro argumentava que era a partir da sociedade cristã luso-brasileira que as relações entre escravos e senhores se deram de maneira menos violenta que em outros contextos e que, por isso, propiciou a mistura de raças, criando o moreno.

Nesta obra Freyre fala de “democracia racial”, sustentando-a nos mitos do “Luso-tropicalismo” e do “Senhor Amável”. Desta forma, o autor argumenta que essa tese a partir da atitude pouco preconceituosa do português, somada ao fato de virem poucas mulheres européias à colônia, no que criariam as condições propícias para um processo de mestiçagem entre os senhores da Casa Grande e as escravas da Senzala. A partir dessas idéias criou-se o mito de que o problema do Brasil não é de racismo, mas de ricos e pobres. Como bem explicita Rodrigues (2006), é um mito da retórica para fundamentar o racismo.

Apesar da grande influência destas idéias, Florestan Fernandes (1972), importante sociólogo brasileiro, entre outros, refuta estas idéias em que o mito da Democracia Racial servia concretamente como racionalização do desenvolvimento de idéias e práticas discriminatórias, uma vez que os negros ocupam os piores índices sociais e econômicos.

Durante a ditadura militar, e toda estratégia ufanista, o mito da democracia racial se desenvolve com mais força, construindo um discurso que nega as diferenças raciais, e que considera o Brasil como um país com um povo mestiço e único (Camino, Gouveia, Paz & Laureano, 2009).

De fato, essa influência de Gilberto Freyre e da ditadura militar criou um debate recente, primeiramente se realmente há racismo no Brasil, já que se trata de um país que se orgulha de sua miscigenação, como também, sobre qual seria a natureza desse racismo.

Desta forma, alguns dizem que no Brasil é difícil identificar quem é negro, pois devido a essa miscigenação, temos um contínuo de cor, uma variabilidade (moreno claro, canela, jambo, moreno escuro) que dificulta diferenciar ou identificar quem é negro ou não. Essa é uma tese que normalmente vem acompanhada de argumentações contrárias às políticas afirmativas, embora não se sustente (PNUD, 2005; Waiselfisz, 2006; Paixão & Carvano, 2008) pois na hora de se empregar pessoas que se apresentem em condições iguais de currículo e experiência o negro é sempre o preterido, havendo até mesmo diversos discursos justificadores (Pereira, Torres & Almeida, 2003). Portanto, é fundamental compreender que ser negro no Brasil é uma construção, pois a negação das origens e da condição acarreta esse processo de branqueamento que a ideologia dominante imprime. Neste sentido, entendemos que a militância em grupos que valorizam e revivem a cultura negra, seja política, religiosa ou artística, é fundamental nesse processo de pertença à cultura.

De fato, o branqueamento se constituiu historicamente no Brasil através de políticas de imigração do branco europeu, da valorização da miscigenação, bem como na formalização de um padrão de beleza pautado no moreno. Não obstante, as intervenções do estado na infraestrutura, educação e políticas econômicas, tem histórico de favorecimentos da camada branca da população, delegando a informalidade e a marginalização da cultura negra.

Não obstante a essa condição de ambigüidade na sociedade brasileira, uma pesquisa realizada pelo Datafolha encontrou algumas contradições no que diz respeito a existência de preconceito no Brasil. Segundo Turra e Venturi (1995) os brasileiros hoje reconhecem a existência de um processo de discriminação racial no Brasil, no entanto, na prática não se assumem como preconceituosos e conservam ainda muitos elementos dos discursos negativos

anteriormente citados. Neste estudo constatou-se que 89% dos brasileiros reconheciam a existência de preconceito racial no Brasil. Mas, apesar da consciência da existência de um preconceito generalizado, só 10% admitiam ser pessoalmente preconceituosos. O estudo constatou também que 87% dos brasileiros, apesar de não se reconhecerem como preconceituosos, revelavam de forma indireta algum tipo de preconceito. Rodrigues (1995) denomina este fenômeno de “Racismo Cordial”, afirmando que esta atitude seria uma maneira de não ofender mais aquele que se discrimina.

Neste sentido, ao longo dos últimos anos, diversas pesquisas realizadas por organismos internacionais e institutos governamentais do Brasil e do mundo revelam números, no âmbito econômico, social e de políticas públicas. Esses números são conseqüências não de atos explícitos, mas da condição do negro ainda ser de marginalização e de exclusão das políticas públicas que promovam oportunidades de vida mais dignas.

Como diz o Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil - 2007/2008 (Paixão & Carvano, 2008), apesar de haver melhoras em algumas situações, o negro ainda tem os piores índices. Neste sentido, o relatório do PNUD (2005), revela que os negros são os menos favorecidos de serviços públicos, tem os maiores índices de desemprego e analfabetismo. Este mesmo relatório indica que o número de mortes causadas pela polícia do Rio de Janeiro na população negra é três vezes maior que na população branca.

Uma outra pesquisa (O Mapa da Violência), organizada por Waiselfisz (2006) para a Organização dos Estados Ibero-Americanos (OEI) relata que a taxa de mortos por homicídio entre negros no Brasil é de 31,7 mortes para cada 100.000 negros; entre os brancos é de 18,3 homicídios para cada 100.000 brancos, ou seja, a população negra teve 73,1% a mais de vítimas de homicídios que a população branca. Pesquisas recentes do IBGE (2008) informam que o negro ganha ainda 51% menos do que ganha o branco e ocupa, em sua maioria, os postos de trabalho em piores condições.

Na atualidade podemos dizer que presenciamos um dilema político: o estado é racista? Favorece os brancos em detrimento dos negros? As políticas afirmativas, como as cotas em universidades públicas, desenharam o estado como promotor dos direitos humanos e tira sua condição de racista? Hoje temos políticas públicas que favorecem as cotas para entrada da população negra em universidades públicas; na esfera federal temos a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, que tem como objetivo estabelecer diversas iniciativas que promovam a igualdade racial, de direitos e oportunidades; o país vem adotando, também, leis (CAÓ e outras) que combatem a discriminação de raça; o estado incluiu nos currículos escolares, como tema obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira para todo o ensino fundamental.

2.1 Novo Racismo no Brasil

A partir de uma perspectiva psicossocial (Camino et al., 2001; Camino et al., 2004; Camino et al., 2007), diversos estudos realizados na Paraíba vem tentando entender as formas concretas do racismo no Brasil. Estes autores observaram que praticamente todas as pessoas entrevistadas afirmam que no Brasil existe preconceito, mas curiosamente a grande maioria não se considera preconceituosa. As pessoas parecem ter clara consciência da discriminação racial que se vive no Brasil, mas se eximem da responsabilidade por esta situação. Desta forma, observaram que as pessoas utilizavam mais adjetivos de pessoas simpáticas e menos de pessoas antipáticas para descrever pessoas de cor negra que pessoas brancas, mas pensavam que os demais brasileiros fariam o contrário: atribuiriam mais adjetivos de pessoas antipáticas e menos de pessoas simpáticas às pessoas de cor negra. Observaram também estes autores que as pessoas entrevistadas utilizavam mais adjetivos do terceiro mundo e menos do primeiro mundo para descrever pessoas de cor negra. Quando convidados a responder pelos brasileiros davam o mesmo padrão de respostas mostrando que no Brasil colocamos aos

negros e sua cultura no terceiro mundo. Como explicita Billig (1991), para entender os processos intergrupais é necessário acrescentar além dos aspectos cognitivos de valorização do endogrupo em detrimento do exogrupo, a ideologia como fator importante nesses processos sociais.

Como dito anteriormente, a norma social no Brasil não “permite” que se expresse o preconceito explicitamente, contudo, como diz Lima e Vala (2004a), há no Brasil o que Rodrigues (1995) chama de *racismo cordial*, expresso de maneira indireta, através de piadas, ditos populares e brincadeiras, que mostram uma polidez nessas relações, mas indicam uma realidade pior para o negro, em todos os indicadores sócio-econômicos. Esse tipo de preconceito, o *cordial*, se manifesta não em macular a imagem do negro, mas de não o colocar no mesmo panteão de valores positivos dos brancos, bem como nas principais características dos negros se relacionarem aos chamados países de terceiro mundo, enquanto os brancos se relacionam com os chamados países de primeiro mundo (Camino et al., 2001).

Num estudo posterior, Pereira, Torres e Almeida (2003), constataram esse discurso de que não são racistas, mas que consideram a sociedade racista, mesmo assim, argumentando e justificando atitudes discriminatórias. Percebemos então que a ideologia tem papel preponderante nesse processo de dominação, justificando e argumentando segundo essa mesma ideologia. Billig (1991) aponta que os processos argumentativos se desenvolvem em processos de escolhas de uns argumentos em detrimento de outros.

Pereira, Torres e Almeida (2003) desenvolveram uma pesquisa em que colocavam a seguinte situação: tinham dois grupos (controle e experimental) e apresentaram um texto em que expunham uma situação de que uma gerente teria que contratar uma vendedora, colocando anúncio num jornal. Ao final da seleção restaram duas candidatas com perfil curricular idênticos e resolveu então entrevistá-las para ver quem era mais simpática, com melhor fluência verbal e extrovertida. As duas eram idênticas também nisso, só diferiam em

uma coisa: a cor da pele. Uma era branca e outra negra. A partir de então foi colocado um dilema sobre a suposta gerente: para o grupo controle simplesmente dizia que a gerente escolheu a moça branca. Para o grupo experimental foi explicitada a situação de que a gerente dizia que a clientela poderia não entrar na loja (de *shopping center*) ao ver uma vendedora negra, já que essa camada da população é preconceituosa e, para preservar o emprego dos outros funcionários e dela, resolveu contratar a branca. Os resultados da pesquisa demonstraram que os sujeitos experimentados justificavam a escolha da gerente pela suposta contratada branca.

Lima e Vala (2004b), em um trabalho empírico, verificaram através de suas pesquisas que os negros que obtêm sucesso social são percebidos como mais brancos que os negros que fracassam. Desta forma, mostram que o acesso a oportunidades e o valor econômico está ligado intimamente à cor da pele.

O racismo brasileiro opera por meio de meandros pouco percebidos, mas que negam a legitimidade de ser negro, uma vez que seus valores são vistos como terceiro-mundistas (Camino et al., 2007), que a sociedade sempre argumenta o desfavorecimento do negro em relação ao branco (Pereira, Torres & Almeida, 2003) e o negro de sucesso é mais branco que o negro pobre (Lima & Vala, 2004b). Esses meandros são operados através de discursos que legitimam a superioridade branca em nossa sociedade e que perpetuam o racismo, mesmo que de diferentes formas.

Neste sentido, é necessário entender a dinâmica das relações sociais para compreender a problemática do racismo nos dias atuais. Portanto, entender os meandros dos discursos que, de acordo com Potter e Wetherell (1996) são ações que indicam o contexto social, que traz em seu bojo um arcabouço dessa ideologia, mas que relegam às minorias as piores condições sociais. Os jogos discursivos, que envolvem o racismo no Brasil apontam para uma característica importante de encobrimento do racismo, chamado por vezes de cordial. Porém,

quando confrontados com dilemas raciais, emergem os discursos de diferenciação e diminuição do negro. Billig (1991) aponta os argumentos como sendo orientadores desses discursos, bem como indicam o posicionamento dos indivíduos acerca dos dilemas e das problemáticas, identificando desta forma, seu posicionamento situacional.

Que eles não disseram aquelas palavras, é mais do que óbvio, mas as dúvidas, as suspeitas, as perplexidades, os avanços e recuos da argumentação, estiveram lá. O que fizemos foi simplesmente passar ao português corrente o duplo e para nós o irresolúvel mistério da linguagem e do pensamento daquele tempo. Se o resultado é coerente agora, também o seria na altura porque, ao final, almocreves somos e pela estrada andamos. Todos, tanto os sábios quanto os ignorantes. (José Saramago, Caim)

3. PSICOLOGIA DISCURSIVA

O aporte teórico-metodológico a ser utilizado estará baseado no que Álvaro e Garrido (2006) chamam de psicologia pós-moderna, segundo a qual o conhecimento hermenêutico ganha mais importância que o domínio da natureza nas relações intersubjetivas. Isto não quer dizer que toda Análise do Discurso seja de tendência pós-moderna (Alonso & Callejo, 1999), mas que o movimento pós-moderno tem diversas facetas.

Esta perspectiva de psicologia é em si mesma crítica, uma vez que precisamos a todo instante observar nossas práticas, nossos discursos enquanto ciência e as consequências sociais na própria prática científica. Desta forma, a psicologia enquanto uma perspectiva crítica desenvolve novas metodologias e práticas que contribuem para o desenvolvimento da mesma. Essa perspectiva crítica, não é exclusividade da Psicologia Social (Parker & Burmer, 2008), no entanto floresce mais nesse campo de pesquisa.

Nesta acepção, assim como os diversos fenômenos humanos, o discurso não “pertence” a uma ciência específica, pelo contrário, a sua riqueza se situa na multidisciplinaridade, podendo ser visto também como um campo interdisciplinar independente (Van Dijk, 2000), sendo estudado através de variados métodos e perspectivas. O discurso não ocorre num vazio social, não sendo um mero evento cognitivo, mas se relacionando com o contexto inserido, com o momento e a história social envolvida.

O discurso não é língua, nem gramática, mas etimologicamente tem a idéia de percurso, de por em movimento. O estudo da linguagem vem desde os gregos, mas não sistematicamente como nos dias atuais, no entanto, foi a lingüística tal qual é concebida atualmente, originada dos trabalhos de Ferdinand de Saussure, que proporcionou o status científico ao estudo da língua. Para este autor, a língua é um sistema abstrato, um fato social cujos elementos só adquirem valor à medida que se relacionam com o todo do qual fazem parte (Iñiguez, 2005; Olandi, 2005).

Neste sentido, nomeasse como “Giro Linguístico” um movimento de mudança que ocorreu em várias ciências humanas e sociais, no sentido de estimular e dar mais atenção ao papel da linguagem na construção da realidade social. Desta forma, esse movimento não somente contribuiu para um *olhar* sobre a linguagem, mas também para o desenvolvimento de novas perspectivas sobre a natureza do conhecimento, seja científico ou comum (Iñiguez, 2005).

Portanto, a perspectiva científica aqui apresentada, não está preocupada com processos psíquicos internos como motores do comportamento, mas em entender que o discurso é uma ação sobre o mundo (Iñiguez, 2005), é uma prática social (Wetherell & Potter, 1996), é determinado pelas estruturas institucionais (Foucault, 2006), bem como as determina (Harré, 2001).

É importante frisar que essa perspectiva de Psicologia Social está interessada em compreender os fenômenos do universo simbólico social, preenchido de múltiplos sentidos, e não em estabelecer critérios de predição de comportamentos a partir de leis supostamente universais (Traverso-Yépez, 1999; Harré, 2001). Está interessada também nos sentidos produzidos por ela, ou seja, não deve se concentrar apenas em assuntos mentais ou fisiológicos que se afastam do sentido de ser desta ciência (Bakhtin, 2006).

Neste sentido, Camino (2005) diz que a psicologia exerce um papel de construção de conceitos acerca da natureza humana e seu papel nas relações e no mundo. Apesar de que nem todas as idéias da psicologia que se espalharam na sociedade não terem sido, em sua totalidade, positivas, não podemos esquecer o enorme papel que a psicologia exerce e, claro, tem contribuição ativa nas mudanças sociais, alertando que avaliar de forma positiva ou negativa o papel da psicologia nas mudanças sociais, vai depender de quem avalia, em que contexto e época o avaliador está inserido. Esta perspectiva não coloca a psicologia como sendo um elemento isolado das demais, pelo contrário, ela influencia e é influenciada pelas

demais ciências e também pela sociedade (senso comum), exercendo assim um papel de construção, não um papel de reprodução e de simples criação isolada do mundo.

O estudo da análise do discurso faz parte de uma nova perspectiva sobre a ciência, o senso comum e a relação que ambas trazem na formação dos sentidos na sociedade. Rompe com paradigmas de que a ciência é o único saber confiável (perspectiva positivista do conhecimento), de que o método deve ser o mesmo das ciências naturais e sociais e, no campo das ciências sociais, rompe com a necessidade de predizer o comportamento social e individual das pessoas inseridas em qualquer contexto.

Essa perspectiva científica tem bases bastante sólidas em vários teóricos e que, em todos os casos, tem na linguagem o fator base para a compreensão dos diversos eventos sociais. Neste sentido, o discurso surge e é construído socialmente e não em processos mentais internos, ou seja, a partir desta perspectiva, o conhecimento é construído socialmente em torno da linguagem.

Desta forma, Iñiguez (2005) diz que, a partir da perspectiva do discurso, as ciências sociais não deveriam se ocupar somente com os signos, os significantes por si, mas pelas conseqüências históricas e sociais do discurso. Portanto, mais do que a ênfase no canal comunicativo, propomos a dialogicidade desse canal com o contexto comunicativo, uma vez que esses elementos estão presentes e são partes constituintes do discurso, estando, em certa medida, ancorados em uma ideologia que dialoga em um jogo simbólico contextual com os interlocutores.

Diversos também são os “tipos” de análise do discurso, no entanto, segundo Iñiguez (2005) as mais tradicionais e que tem maior penetração nas ciências sociais são:

- a) ***Sociolingüística Interacional*** que tem sua origem na antropologia, sociologia e lingüística e tem seu interesse na cultura, sociedade e linguagem. Essa tradição procurou situar a linguagem nas circunstâncias concretas da vida, pois a mesma

desempenha um papel central, por ser um meio de comunicação e pela influência que esta exerce na construção de significados. Nesta tradição, o contexto é a dimensão determinante na construção de significados e reconhece a natureza dependente (indexada) da linguagem;

b) ***Etnografia da Comunicação*** baseada na antropologia e na lingüística, tem seu principal foco de interesse na competência comunicativa. Busca compreender como o conhecimento social, psicológico, cultural e lingüístico governa o uso apropriado da linguagem. Observa na linguagem um papel de moldura de práticas culturais, considerando ela como um conjunto de estratégias simbólicas que são constitutivas da sociedade e que possibilitam a representação de mundos possíveis e reais a seus membros;

c) ***Análise da Conversação*** considera importante descobrir como a sociedade está organizada e como funciona a partir das próprias ações das pessoas que nela interagem. Procura estudar a ordem, a desordem e a organização da ação social cotidiana, captando o que dizem, contam ou fazem as pessoas e, definitivamente, tudo aquilo tal e qual é produzido pelos/as participantes em conversações. É tarefa do analista da conversação identificar, descrever e estudar a ordem que se produz nas conversações;

d) ***Análise Crítica do Discurso*** deu ênfase ao estudo das ações sociais que pomos em prática através do discurso, como o abuso do poder, o controle social, a dominação, as desigualdades sociais e a exclusão social. Para essa abordagem, o discurso é, sobretudo, uma prática social. Parte-se também do princípio de que o discurso produzido não só está determinado pelas instituições e estruturas sociais, como é parte constitutiva delas;

e) *Psicologia Discursiva* tem sua atenção à construção do conhecimento no discurso. Sua posição metodológica enfatiza o exame das relações e das crenças na fala, tal e qual essa é usada pelos participantes em uma interação social qualquer. Uma das principais contribuições da psicologia discursiva foi o desenvolvimento de investigações sobre os aspectos construtivos da linguagem na interação social.

A Psicologia Discursiva é o estudo de como os conceitos psicológicos são utilizados pelo senso comum no cotidiano, nas conversações e nos textos (Edwards, 2005), é também uma perspectiva da Psicologia que tem, entre seus aspectos, uma aproximação entre a lingüística, a sociologia, a filosofia e a psicologia social. Suas concepções propõem uma ênfase no caráter contextual e relacional do conhecimento através da análise do discurso, ao mesmo tempo em que faz uma analogia entre o conhecimento científico e o senso comum. Essa perspectiva busca superar o neo-positivismo e o construtivismo, propondo o construcionismo como uma alternativa de compreensão da realidade social.

Essa visão afirma que o discurso científico não serve apenas para explicar a realidade de forma objetiva e neutra, propõe uma ênfase no caráter relacional do conhecimento através da análise do discurso, esteja ele expressando o saber científico, do senso comum ou das situações do cotidiano. A prática discursiva, seja retórica ou textual, remete às práticas de uma comunidade interpretativa. Desse modo, essa abordagem provoca reflexões sobre a visão clássica do que se entende por teoria científica, no sentido de um conjunto de hipóteses dedutivas submetidas à constatação empírica para analisar a realidade (Harré, 2001; Camino, 2005; Nogueira, 2008; Potter, 2008).

Para Wetherell e Potter (1996) a melhor forma de entender a Análise do Discurso é introduzir os conceitos interconectados de função, construção, variabilidade e retórica em uma unidade analítica. Os discursos e falas são vistos como realizações ou ações, na medida

em que produzem sentidos através de recursos discursivos como termos, vocabulários e sistemas de categorias, que exercem influência na realidade social. Portanto, o discurso tem uma função social a partir da qual é construído, varia de acordo com o contexto em que está inserido, utilizando-se de recursos retóricos. Desse modo, o mesmo fenômeno, evento ou objeto pode ser construído discursivamente de maneiras variadas. Billig (1991) sustenta que as pessoas exibem diferentes atitudes, cognições e crenças individuais, dependendo do tipo de discurso considerado mais adequado a cada situação.

Segundo Wetherell e Potter (1996) este tipo de análise tem objetivo de compreender e identificar a variabilidade relativa à construção discursiva e às funções que o discurso possa cumprir. Desta forma, os autores sustentam que as pessoas exibem diferentes atitudes, cognições e crenças individuais, dependendo do tipo de discurso considerado mais adequado a cada situação. Propõem como conceito diferenciado ao de representação social, o de *repertório interpretativo* – concebido como um conjunto de termos, lugares comuns e descrições usadas em construções gramaticais e estilísticas específicas –. Os discursos se caracterizam pela variabilidade, e não pelo consenso, visto que um enunciado não surge do nada, mas que o falante utiliza, ao enunciar, um posicionamento preexistente, que compreende as diversas facetas ideológicas (Spink & Medrado, 2004).

A partir desta proposta de Psicologia, Potter (2008) propõe características fundamentais para que a mesma se torne relevante para a sociedade e saia da perspectiva universalista que a domina até os dias atuais. Não se trata de uma visão alternativa, no sentido de que é algo não comprovado, mas uma perspectiva diferente que tem bases epistemológicas e metodológicas para se contrapor enquanto ciência. Neste sentido é que o autor concebe como sendo a alternativa que dê sentido a disciplina, pois a mesma foi historicamente construída de forma descontextualizada. Para tanto, propõe que a Psicologia, pela Psicologia Discursiva seja:

- a) *prática* – ela é essencialmente prática, pois está circunscrita às práticas das pessoas, construindo um contraste com noções de percepção, processamento de informações e compreensão, uma vez que os estados mentais podem ser estudados como uma capacidade recursiva de fazer coisas;
- b) *responsável* – as práticas cotidianas como ênfase no caráter responsável da Psicologia Social, como forma de analisar em dois níveis interdependentes, que sejam, a responsabilização do falante na construção institucional da fala e a construção do falante na fala da qual é portador;
- c) *situada* – A Psicologia Social é situada em três sentidos. Primeiramente, as preocupações, orientações e categorias psicológicas são estudadas como elementos inseridos na interação. Segundo, podem estar retoricamente orientadas e, por último, estão institucionalmente, enquanto prática, situadas, seja em família, no consultório psicológico ou em atas institucionais.
- d) *personificada* – diferentemente do que é a personificação na psicologia cognitiva, que se busca uma uniformidade entre as pessoas, o enfoque é o discurso a qual a personificação é contextual e situada historicamente, sendo que é mais que um estudo do que esteja no corpo.
- e) *exposta* – considera a psicologia como algo exposto na fala e na interação, rechaçando toda a proposta lockiana de uma psicologia interna, privada e que a linguagem serve apenas para transmitir o pensamento de uma pessoa a outra.

Desta forma, a Psicologia Discursiva não é uma alternativa à cognição, é uma re-especificação minuciosa e detalhada da cognição e da psicologia em geral, pois a ênfase teórica e metodológica concentra na análise do discurso naturalista, em lugares cotidianos e institucionais. Com isto não se quer dizer que a Psicologia Discursiva seja contra a psicologia cognitiva, nem a sociologia por ter perspectivas diferentes (Edwards, Hepburn & Potter,

2009), mas também não considera que as pessoas simplesmente dizem seus pensamentos, suas atitudes e cognições, mas que a análise leva em consideração de como as ações são desempenhadas no discurso, dependendo do contexto (Davies & Harré, 1990; Edwards, 2005).

Os discursos orientam as ações, assim como as ações orientam os discursos, em um processo relacional interdependente e dialético que encontra contradições entre os discursos em si. Essas contradições dependerão do contexto e do momento que o discurso está inserido. A análise do discurso visa também compreender os sentidos que os discursos dão às ações no cotidiano, percebendo suas contradições, as forças empreendedoras nas ações sociais (Spink & Medrado, 2004).

Como enfatiza Minayo (2007), essa abordagem visa refletir sobre as condições de produção e apreensão de textos, porém não se limitando a uma mera análise estrutural, porém busca compreender o modo de funcionamento, os princípios de organização e as formas de produção social do sentido.

Billig (1995) considera a variabilidade como a principal característica diferenciadora da análise do discurso das outras escolas da psicologia social, uma vez que, historicamente se buscava explicar os fenômenos humanos por meio de uma universalidade de atitudes, crenças e comportamentos. Desta forma, desvincula o discurso do interior da mente do indivíduo e passa a analisá-lo a partir do contexto social. O autor enfatiza que o discurso não é somente o dizer algo, mas é uma ação realizada em um determinado contexto, que está carregada de valores historicamente construídos. No entanto, ressalta a importância de estudar discursos e conversações significativas sobre as mais diversas problemáticas sociais, tais como as relações de gênero e de raça. Essa perspectiva coloca na ideologia um papel prioritário nos discursos retóricos, de um fenômeno comum da dialética da sociedade moderna, da mesma forma que a opinião de pessoas comuns está cada vez mais influenciando as decisões da elite.

Nesta perspectiva, a análise do discurso trabalha o ponto de articulação da língua com a ideologia. O pesquisador deve, portanto, compreender e diferenciar o texto político, as relações de poder, a construção histórica dos sentidos e em que contexto o discurso se opera. O discurso, desta forma, explicita o fundamento ideológico, bem como denuncia a “parede” que encobre as formas de dominação e preconceito.

Os caminhos epistemológicos e metodológicos deste trabalho se sustentam na Análise Crítica do Discurso, no qual se estudam as formas de abusos de poder, desigualdades políticas e sociais frente aos problemas investigados. Sustentam-se também na Psicologia Discursiva que se desenvolve a partir da construção do conhecimento através do discurso e dos diálogos, em que um importante tema esteja em questão.

4. OBJETIVOS

4.1 Geral

- Analisar a relação que existe entre preconceito racial e a percepção que as pessoas tem das religiões Afro-brasileiras.

4.2 Específicos

- Verificar se os sujeitos adjetivam as religiões Afro-brasileiras como sendo uma prática terceiro-mundista, bem como em relação à pessoas simpáticas e antipáticas;
- Analisar a construção de repertórios interpretativos acerca das religiões afro-brasileiras e o preconceito racial;
- Analisar se os discursos sobre as religiões afro-brasileiras são de caráter teológico/dogmático ou se há um caráter de raça.

5. METODOLOGIA

5.1 Material

Foram realizados três estudos para contemplar os objetivos propostos. Baseado em pesquisas de Camino et al. (2001 e 2004), o primeiro estudo consistiu na aplicação de um questionário estruturado, a qual foi utilizado o procedimento metodológico clássico de uma lista de adjetivos, como sendo parte dos estereótipos, a mesma utilizada nas pesquisas citadas, a qual se perguntavam quais eram os adjetivos de pessoas simpáticas (alegre, simpático, inteligente, honesto) e antipáticas (agressivo, antipático, egoísta, desonesto). Perguntamos também quais eram os adjetivos das pessoas de primeiro mundo (ambicioso, civilizado, independente, rico) e de terceiro mundo (sonhador, solidário, trabalhador, pobre), todos eles em relação à raça. Neste caso específico, a adjetivação para as quatro categorias seria para as pessoas das religiões católica, evangélica, espírita e afro-brasileira. Os participantes puderam escolher quantos adjetivos quisessem.

No segundo estudo, pedia-se que os sujeitos respondessem quatro questões de forma dissertativa: *quais são os elementos essenciais das religiões católica, evangélica, espírita e as afro-brasileiras*, uma religião por questão. As perguntas do questionário, em momento algum giravam em torno da questão racial, eram tão somente sobre as religiões, suas características e as de seus praticantes.

O terceiro estudo consistiu em entrevistar 4 (quatro) líderes religiosos para análise dos seus discursos sobre o preconceito em relação às religiões Afro-brasileiras. A entrevista se processou através de um questionário semi estruturado, em que as perguntas versavam sobre diferenças religiosas.

5.2 Participantes

A caracterização da amostra para os dois primeiros estudos consistia em adultos que freqüentam missas, cultos, estudos e trabalhos comunitários desenvolvidos dentre as três religiões: católica, evangélica e espírita, sendo que foram contatados 34 sujeitos da religião católica, 24 sujeitos da religião espírita e 19 sujeitos da religião evangélica.

A utilização dessa amostra é devido a, de acordo com o IBGE (2000), serem as três religiões de maior número de adeptos no Brasil. Preferimos realizar as pesquisas em grupos de estudos e de ações comunitárias, por pensarmos que neles estejam pessoas com uma identidade religiosa mais sólida.

Para o terceiro estudo, entrevistamos os líderes das religiões citadas, ou seja, um padre católico, um pastor evangélico, um dirigente espírita, bem como uma Mãe de Santo, de um terreiro de candomblé.

Para realizar a pesquisa foram visitados diversos templos religiosos de cada religião supracitada, bem como os grupos de estudos e de ações comunitárias. Buscamos grupos pequenos, para uma maior coesão entre si, bem como comunidades religiosas solidificadas na cidade de João Pessoa. Os líderes religiosos eram todos dos templos e grupos estudados, com a exceção da Mãe de Santo.

Os resultados e discussões estarão divididos de acordo com os estudos: a) primeira análise do estudo é uma análise de variância (ANOVA); b) a segunda é a análise lexical com o auxílio do software ALCESTE; c) a terceira é a análise do discurso.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

6.1 Análise Estatística

No que concerne aos adjetivos escolhidos, esperávamos encontrar, assim como Camino et al. (2004), uma contenção no uso dos adjetivos negativos em relação às religiões afro-brasileiras, uma vez que a legislação proíbe o *preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional* (Lei Caó)¹. Nesta situação legal, a incidência de atos explícitos vem caindo, mas o que queremos compreender, neste estudo, são as formas sutis e encobertas do discurso racista. Esta primeira parte da pesquisa ilustra estatisticamente uma parte desse discurso que observaremos mais adiante.

Nossos resultados mostram, no que concerne aos adjetivos de pessoas simpáticas, na Análise de Variância entre as médias (m= 1,1) há uma tendência significativa (F= 2,782) para que os evangélicos vejam os praticantes das religiões afro-brasileiros como menos simpáticos em relação ao que pensam os católicos e espíritas. Com relação aos conjuntos de adjetivos às pessoas antipáticas, na média de adjetivos recebidos não foi encontrada relação significativa.

TABELA 01: Escores médios de características de simpatia e antipatia aos praticantes das religiões afro-brasileiras

Características	Católicos	Evangélicos	Espíritas	F	df	p<
de Simpatia	1,2	0,6	1,4	2,782	2,74	,068
de Antipatia	0,7	0,5	0,3	1,677	2,74	ns

Seguindo a mesma perspectiva, em relação aos praticantes da religião católica, os sujeitos adjetivaram mais positivamente os católicos em relação aos praticantes das religiões

¹ Para saber mais sobre essa Lei: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/Leis/L7716.htm> e alterações: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L9459.htm>

afro-brasileiras ($m= 2,3$ e $F= 32,466$), com os evangélicos atribuindo menos adjetivos positivos de forma significativa. No que concerne aos católicos antipáticos, não encontramos diferenças significativas.

TABELA 02: Escores médios de características de simpatia e antipatia aos praticantes da religião católica

Características	Católicos	Evangélicos	Espíritas	F	df	p<
de Simpatia	3,3	1,1	1,9	32,466	2,74	,000
de Antipatia	0,2	0,4	0	2,17	2,74	ns

No que diz respeito aos evangélicos, na adjetivação para evangélicos simpáticos, encontramos uma média geral $m= 1,7$ e $F= 9,5$, em que os próprios evangélicos se atribuem mais adjetivos de pessoas simpáticas que os sujeitos das outras religiões. No que diz respeito aos evangélicos antipáticos, encontramos diferenças significativa ($p= ,001$), em que os católicos atribuem mais adjetivos de pessoas antipáticas aos evangélicos.

TABELA 03: Escores médios de características de simpatia e antipatia aos praticantes da religião evangélica

Características	Católicos	Evangélicos	Espíritas	F	df	p<
de Simpatia	1,8	2,7	0,8	9,5	2,74	,000
de Antipatia	1,3	0,1	0,8	7,75	2,74	,001

Já em relação aos espíritas simpáticos, encontramos, uma forte atribuição por parte dos próprios sujeitos espíritas a se acharem mais simpáticos, com média global em $m= 1,8$ e $F= 7,854$, que os sujeitos das outras religiões. Em relação aos espíritas antipáticos, os próprios sujeitos espíritas lhe atribuem menores escores, mas sem uma diferença significativa.

TABELA 04: Escores médios de características de simpatia e antipatia aos praticantes do espiritismo

Características	Católicos	Evangélicos	Espíritas	F	df	p<
de Simpatia	1,7	0,9	2,6	7,854	2,74	,001
de Antipatia	0,6	0,8	0,1	2,522	2,74	ns

Estes resultados confirmam parte da hipótese de que os adeptos das religiões católica, evangélica e espírita avaliariam os adeptos das religiões afro-brasileiras com menos adjetivos positivos que entre si, sendo que essa diferença tem uma tendência a ser significativa, indicando que se deve aprofundar mais os estudos nas relações interreligiosas. No entanto, quando se trata de avaliar negativamente, a hipótese de que avaliariam as si mesmos como sendo mais antipáticos que os adeptos das religiões afro-brasileiras, somente se verificou em relação aos adeptos da religião evangélica numa diferença significativa

Desta forma, observa-se nítida diferenciação intergrupar, a qual adeptos de uma religião adjetivam mais positivamente a si mesmos e mais negativamente aos adeptos da religião evangélica, numa valorização do endogrupo e detrimento do exogrupo.

Por outro lado, na modernidade, as crenças tendem a negar a existência de diferenças psicológicas em termos de raça. Quando se coloca em situações como a que pede para avaliar pessoas em termos de traços e de aptidões, fica muito óbvio a necessidade de manter uma postura politicamente correta. Como no estudo supracitado, supomos que a situação de discriminação social real que existe deve estar criando novas justificativas, então, numa sociedade de ideologia liberal, a justificativa de diferenças não é mais em termos de hierarquias raciais, mas de valores e disposições ligados ao progresso sócioeconômico. Supúnhamos, portanto, que os sujeitos representariam os adeptos das religiões afro-brasileiras como mais ligados a valores terceiro-mundistas, enquanto que os adeptos das religiões

católica, evangélica e espírita, seriam percebidos como pertencendo naturalmente ao primeiro mundo. Estas características seriam empregadas nas formas dos adjetivos.

Desta forma, apesar de encontrarmos as médias maiores no que diz respeito a percepção que os sujeitos fazem das religiões afro-brasileiras como sendo de terceiro mundo, não foi encontrada diferença significativa

TABELA 05: Escores médios de características de 1º Mundo e 3º Mundo aos praticantes das religiões afro-brasileiros

Características	Católicos	Evangélicos	Espíritas	F	df	p<
de 1º Mundo	1,1	0,8	0,7	1,204	2,74	ns
de 3º Mundo	1,6	1,5	1,6	0,070	2,74	ns

Pelo contrário, quando avaliamos os resultados na relação de que se os católicos são adjetivados como sendo do primeiro ou terceiro mundo, observamos que são avaliados significativamente como sendo do terceiro mundo ($m= 2$ e $F= 6,648$), com os escores mais altos partindo dos próprios católicos. No que diz respeito aos adjetivos das pessoas de primeiro mundo, não observamos diferenças significativas.

TABELA 06: Escores médios de características de 1º Mundo e 3º Mundo aos praticantes da religião católica

Características	Católicos	Evangélicos	Espíritas	F	df	p<
de 1º Mundo	1,1	1,1	0,8	,811	2,74	sn
de 3º Mundo	2,4	1,6	2,0	6,648	2,74	,002

Esta tendência de não significância nas diferenças entre as religiões e os adjetivos que envolvam as pessoas de primeiro e terceiro mundo, também foi verificada em relação aos evangélicos.

TABELA 07: Escores médios de características de 1º Mundo e 3º Mundo aos praticantes da religião evangélica

Características	Católicos	Evangélicos	Espíritas	F	df	p<
de 1º Mundo	1,4	1,2	1,3	0,485	2,74	ns
de 3º Mundo	1,5	2,2	1,5	2,769	2,74	ns

Da mesma forma, não foi observado diferença significativa nos escores atribuídos aos espíritas, no que concerne às pessoas de primeiro mundo e de terceiro mundo. Da mesma forma que foi observada nos dados sobre os praticantes das religiões anteriores, os espíritas também atribuíram e foram atribuídos com os escores mais altos em relação ao terceiro mundo.

TABELA 08: Escores médios de características de 1º Mundo e 3º Mundo aos praticantes do espiritismo

Características	Católicos	Evangélicos	Espíritas	F	df	p<
de 1º Mundo	1,3	1,0	1,1	0,521	2,74	ns
de 3º Mundo	1,8	1,5	2,1	2,11	2,74	ns

Uma explicação para esses dados, seria que os valores preconizados pelas religiões de que ser *solidário* e *trabalhador* faz parte de um conjunto de adjetivos positivos do que é ser um bom religioso, de maneira geral. Da mesma forma, adjetivos atribuídos a pessoas de primeiro mundo, como *ambicioso*, por exemplo, não é valor positivo para religiosos.

Com os resultados dos estudos subsequentes, verificaremos que as relações raciais entre as religiões encontram formas diferenciadas de expressão, principalmente quando se trata de avaliar comparativamente as religiões. Portanto, as chamadas atitudes politicamente corretas no Brasil tomam dimensões diferentes, construindo discursos em torno de diferenças sociais e culturais profundas e não de diferenças raciais².

6.2 Análise Lexical

Seguindo a proposta, a segunda etapa de análise da pesquisa consistiu em realizá-las de acordo com a metodologia do software **ALCESTE** (Analyse Lexicale par Context d'un Ensemble de Segments de Texte), que é um programa informático que tem como objetivo classificar estatisticamente um corpus de texto, em função da distribuição de palavras dentro deste corpus, com o intento de obter as palavras e fragmentos discursivos mais característicos e com maior frequência. Esse corpus pode ser um livro, um artigo, reportagens de revistas, jornais, entre outros (Nascimento & Menandro, 2006).

A utilização de meios informáticos como método de pesquisa social expande a perspectiva clássica para novas epistemologias, a qual essas ferramentas constituem verdadeiras teorias materializadas (Santos, 2001). Desta forma, o referido software oferece aos pesquisadores uma gama de ferramentas para a análise quantitativa de dados qualitativos.

O software busca a regularidade e a evidência lexical dos enunciados. O ALCESTE não dá sentido ao texto, isto dependerá do pesquisador. Desta forma, o programa trabalha com um bloco temático por vez, do contrário as palavras e os trechos discursivos encontrados não teriam sentido na pesquisa (Santos, 2001; Camargo, 2005; Nascimento & Menandro, 2006)

O programa faz a análise em quatro etapas para gerar um quadro diversificado de dados.

² Referências discursivas a essa questão serão vistas no decorrer da análise do trabalho.

A primeira diz respeito à leitura e classificação de todo o Corpus fracionando o texto e o cálculo dos dicionários. O programa gera uma listagem em ordem alfabética de todo o vocabulário do corpus. A partir de então, o mesmo decorre uma segunda lista, composta pelas formas reduzidas e palavras representadas por essas formas reduzidas. Uma outra lista é produzida com as formas reduzidas mais freqüentes. Algumas das categorias chave utilizadas pelo programa nessa etapa para a primeira classificação do vocabulário são os substantivos, adjetivos, pronomes, artigos, etc. Como o programa possui diversos dicionários, inclusive o português, ele reconhece as conjugações verbais e fornece os radicais das palavras, diferenciando palavras que tem apenas funções sintáticas, das que formam sentido ao texto.

Na segunda etapa do processo de análise são selecionadas as formas reduzidas com freqüência maior ou igual a 04. Neste procedimento são definidas as UCE (Unidades de Contexto Elementar). São também realizados cálculos para identificação das classes através do método de Classificação Hierárquica Descendente (CHD), no qual a primeira delas - a matriz - é constituída pelo conjunto total de unidades contextuais. O procedimento é efetuado continuamente até não haver novas classes.

Na terceira etapa são obtidos valores das CHD comparadas e somente a parte significativa é considerada para definir as classes e suas associações entre si. Para isto é utilizado o valor do Qui-Quadrado $\geq 3,84$ e graus de liberdade = 1, que calcula o grau de associação de cada palavra com sua classe.

Na quarta e última etapa do processamento dos dados textuais, o programa destina-se aos cálculos complementares em que são formadas as listas de formas reduzidas associadas a contextos, que correspondem às classes anteriormente formadas e possibilitam a identificação das UCE características de cada uma das classes. Realiza-se também a Classificação Hierárquica Ascendente que consiste no cruzamento entre as UCE das classes e as formas reduzidas características da mesma classe (Nascimento & Menandro, 2006).

O programa apresenta os resultados de seus cálculos, das fases, de diversas maneiras, tais como gráfico cartesiano, dendograma ascendente, tabelas e gráficos de percentuais. Isto tudo como forma de visualizar os dados estatísticos dos cálculos textuais de maneira mais clara para uma análise a partir do referencial teórico do pesquisador.

Desta forma, o programa utiliza nomenclaturas que aglutinam os dados gerados a partir do texto requerido. Essas nomenclaturas são ferramentas organizadas em seis operações básicas que compõem o método ALCESTE:

1) UCI (Unidade de Contexto Inicial): O *corpus* propriamente dito. Pode ser uma entrevista, um capítulo de livro, artigo de jornal ou revista. No caso específico desta pesquisa, as respostas para a questão proposta (ver abaixo) e representa a primeira estrutura dimensionada do ALCESTE;

2) UCE (Unidade de Contexto Elementar): corresponde à divisão e a idéia mais precisa de frases do Corpus que podem variar em função do tamanho do texto e da pontuação;

3) UC (Unidade de Contexto): é o reagrupamento das U.C.E. sucessivas de uma mesma UCI;

4) CLASSE: agrupamento constituído por diversas UCE de um tema extraído do texto analisado. Visto que o ALCESTE decompõe o texto em unidades de contextos idênticos e constrói uma classificação em função da distribuição do vocabulário, cada classe é representada por várias UCE;

5) Criação de Lemas: a redução de palavras em *radicais*, por exemplo: religiões, religioso, religião, religiosidade, são reduzidos a relig+. Esse procedimento permite ao programa utilizar um radical comum, uma vez que, para o mesmo essas palavras tem significados semelhantes ou estão em contextos semelhantes;

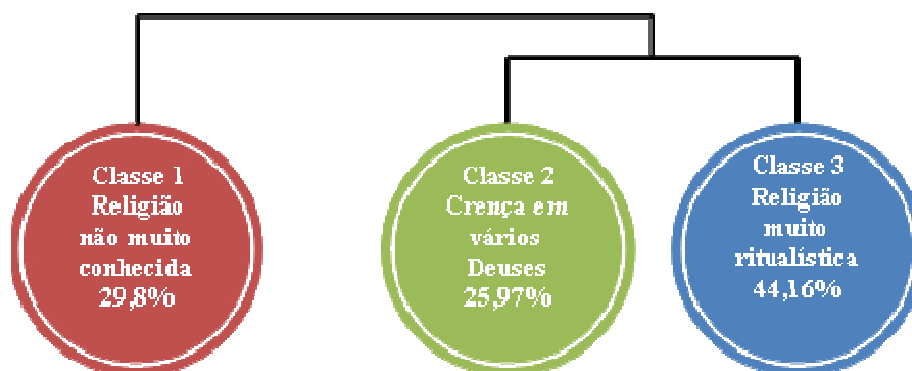
6) AFC (Análise Fatorial de Correspondência): constitui o cruzamento de palavras e classes, com objetivo de demonstrar num plano cartesiano as interseções entre as palavras e a *força* das classes no Corpus.

6.2.1 Análise Lexical Sobre as Religiões Afro-brasileiras

Desta forma, para realizar a análise com o software ALCESTE na presente pesquisa, foram feitas perguntas sobre os elementos essenciais da religião católica, da religião evangélica, da religião espírita e das religiões afro-brasileiras. Foram perguntas sequenciais e cada sujeito respondia sobre cada uma por vez. A análise a seguir é da questão que pergunta *O que você considera os elementos essenciais das religiões afro-brasileiras?*

O ALCESTE identificou em sua análise 77 Unidades de Contexto Inicial (UCI), que corresponde a amostra utilizada para este procedimento, identificou também 118 Unidades de Contexto Elementar (UCE), destas, 65% foram utilizadas para análise, nos quais foram agrupadas em 3 classes temáticas ou categorias discursivas, em que podemos observar a sua formação na Figura1. Vale destacar também, que o programa definiu como número mínimo de unidades de contextos elementares por classe em 10, bem como o qui-quadrado da análise também foi 10.

Após a geração de um relatório da análise, denominaram-se as classes em: **Classe 1** – Religião não muito conhecida; **Classe 2** – Crença em muitos deuses; **Classe 3** – Muito ritualística.

Figura 1. *Demonstrativo das classes na análise lexical*

Desta forma, através da análise lexical, pode-se identificar na *Classe 1* que os discursos giravam em torno de uma omissão de opinião sobre as religiões afro-brasileiras, no entanto, os mesmos sujeitos atribuem adjetivos para os praticantes dessas religiões. Identificamos também que o candomblé ainda é a religião mais citada por todos.

Tabela 09: Presenças significativas na Classe 1

Classe 1				
<i>Religião não muito conhecida</i>				
Palavras Significativas	Qui-quadrado	Frequência Corpus	Frequência Classe	% na Classe
Religião	23	14	19	73,68
Não	22	12	15	80
Acho	15	6	6	100
Conhecida	14	7	8	87,5
Muito	10	4	4	100
Mas	10	4	4	100
Sei	10	4	4	100
Candomblé	7	3	3	100

A Classe 1 remete a fragmentos discursivos, que podemos observar no Quadro 1, em que primeiramente dizem não conhecer, mas continuam emitindo opinião acerca, bem como um juízo de valor.

Quadro 1: *Exemplos de discursos da Classe 1*

Sujeito 39: Para falar a verdade, Umbanda eu não conheço, não sei o que se trata, o que eles defendem nessa religião. Quanto ao Candomblé, acho que se trata muito da parte de macumba essas coisas, mais cada uma tem sua religião e eu respeito.

Sujeito 74: Para mim eu não participaria nem afro-brasileiro nem Umbanda, nem candomblé, porque esse tipo de religião não me pertence. Para mim só a evangélica mesmo tenho meu compromisso com Jesus Cristo não para outra religião.

Como podemos observar, ao mesmo tempo em que diz não conhecer, emite um juízo de valor, ao dizer: *acho que se trata muito da parte de macumba, essas coisas...* O termo *macumba, essas coisas*, denota que os praticantes das religiões afro-brasileiras fazem coisas que não são bem vistas pela sociedade. A Macumba está, no senso comum, diretamente relacionada à magia, fazer *trabalho* para prejudicar alguém, mas não é bem isso o que vem a ser a Macumba (Motta, 2000).

O segundo exemplo discursivo, deixa explícito o distanciamento que se tem das religiões afro-brasileiras e a aversão ao menor contato que seja. Como veremos adiante, na análise do discurso com os líderes religiosos, esse discurso não só é corroborado, como também é implícito no intuito de distanciar *esse tipo de religião* do seu meio.

Em relação à *Classe 2*, podemos observar abaixo através da Tabela 6 que as palavras com presenças mais significativas indicam que os sujeitos concebem que as religiões afro-brasileiras tem *pessoas que crêem em vários deuses*. Essa Classe representa 25,97% das UCEs dentro das classes.

Tabela 10: Presenças significativas na Classe 2

Classe 2				
<i>Crença em vários deuses</i>				
Palavras Significativas	Qui-quadrado	Frequência Corpus	Frequência Classe	% na Classe
Crença	19	6	6	100
Deuses	18	7	8	87,5
Pessoas	9	3	3	100

Os fragmentos discursivos que observamos no Quadro 2 giravam em torno de uma concepção politeísta das religiões afro-brasileiras.

Quadro 2: *Exemplos de discursos da Classe 2*

Sujeito 18: Superstições, crenças exageradas, acreditam em outros deuses.

Sujeito 44: Credo a vários deuses, comunicação com outro plano, rituais, misticismo, danças, oferendas. Cultos, mediunidade e o misticismo.

Para a cultura ocidental cristã, veja-se Comte, o politeísmo é considerado uma etapa inferior ao monoteísmo, bem como, a partir da dualidade *bem x mal* cristão, esse politeísmo, esses deuses e orixás são vistos como representantes do mal, sendo assim, essas religiões são alvo constante de uma *Guerra Santa* no Brasil (Oro, 1997). Observamos que essa classe traz esses elementos discursivos e que tem uma boa representatividade dentro das UCEs das Classes. Observamos também, que as religiões afro-brasileiras são confundidas com adivinhações, com superstições e com elementos que remetem à fantasia, ao falso. Em relação a nenhuma outra religião, pesquisadas aqui, foram inferidas tais assertivas.

Podemos observar na Tabela 7, as palavras significativas da *Classe 3*. Essa Classe tem uma representatividade de 44,16% das Classes na UCE. Essa classe foi denominada de *Religião muito ritualística* e remete às danças, festas e rituais que as religiões afro-brasileiras expressam. Em virtude de ser a classe mais representativa, podemos inferir que os rituais que são exteriorizados, principalmente pela mídia, mais especificamente as danças e as festas, são os elementos mais compartilhados socialmente entre os não-praticantes das religiões afro-brasileiras.

Tabela 11: Presenças significativas na Classe 1

Classe 3				
<i>Religião muito ritualística</i>				
Palavras Significativas	Qui-quadrado	Frequência Corpus	Frequência Classe	% na Classe
Elementos	5	6	7	85,71
Afro	7	5	5	100
Ritos	4	5	6	83,33

No Quadro 3 temos alguns exemplos de fragmentos discursivos da *Classe 3*. Observamos que as referências à ritualística são consideradas como elementos norteadores de suas práticas.

Quadro 3: Exemplos de discursos da Classe 3

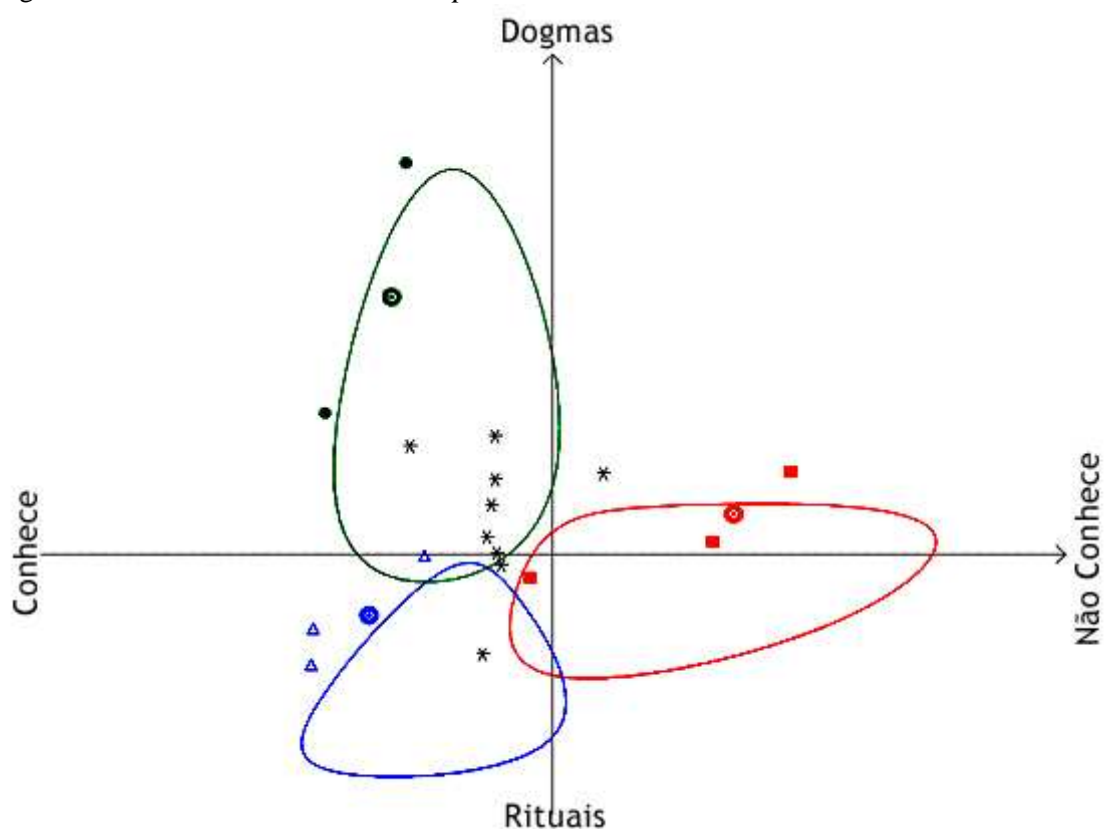
Sujeito 63: Para os afro-brasileiros o que marca mais seria os ritos, as magias, os batuques, as repetições, a dança, em busca do diferente.

Sujeito 47: Considero elemento essencial da religião afro-brasileira suas relações com os seus ritos de manifestação através dos orixás e elementos da natureza.

Uma das referências mais fortes em relação às religiões afro-brasileiras é a questão do sincretismo religioso e, conseqüentemente de sua ritualística. Como religiões de difusão oral, sem ter com isso livros sagrados, as religiões afro-brasileiras são vistas como tendo no ritual a sua maior referência, e por isso são desconsideradas. Isso também as diferencia do padrão cristão branco brasileiro que tem uma referência literária, solidificada. O desconhecimento em relação à oralidade, à narrativa, as distancia do padrão ocidental de religião. A oralidade constitui uma forma de identidade, de sentido geral (Prandi, 2001). Essa narrativa se expressa também através dos rituais, que não tem nada de fortuitos, expressam a sabedoria, os valores, os costumes que são transmitidos através dos orixás (Rodrigues, 2006). Mesmo quando algumas variações das religiões cristãs utilizam também de mesmo método para, não somente atrair fiéis, mas para perpetuar seus ensinamentos religiosos (Silva, 2007).

Na próxima etapa de análise a partir do ALCESTE, utilizamos a Análise Fatorial de Correspondência, que objetivou visualizar as relações de dependência entre as classes, num plano cartesiano, com as coordenadas x (*horizontal*) e y (*vertical*), bem como seus quadrantes. Como observado anteriormente, as classes 1, 2 e 3 estão representadas pelas cores vermelha, verde e azul, respectivamente. Os léxicos se distribuem ao longo dos eixos, perfazendo uma relação interna das classes, como também uma relação entre as classes no contexto utilizado.

Figura 2. Análise Fatorial de Correspondência



Legenda de cores: **vermelha** - Classe 1, **verde** - Classe 2, **azul** - Classe 3.

Desta forma, a partir da proposta que oferecemos na Figura 2, temos no eixo x um intervalo que vai de *Conhecer* ao *Não Conhecer*. No eixo y temos o intervalo que vai dos *Rituais* até *Dogmas*. Portanto, a Classe 1 (*Religião não muito conhecida*), ocupa o espaço dos léxicos no eixo x e indicam discursos de não conhecimento sobre as religiões afro-brasileiras,

polarizando e dividindo os grupos lexicais do eixo y, que por sua vez polariza os conjuntos lexicais em que situam as religiões afro-brasileiras em muito ritualísticas (Classe 3) por um lado e uma religião de crença em muitos deuses (Classe 2) por outro. Essa análise do programa ALCESTE deixou bem claro essa perspectiva de que há pouca dependência entre as classes, e muita coesão dentro de cada classe.

6.2.2 Análise Lexical Sobre as Outras Religiões

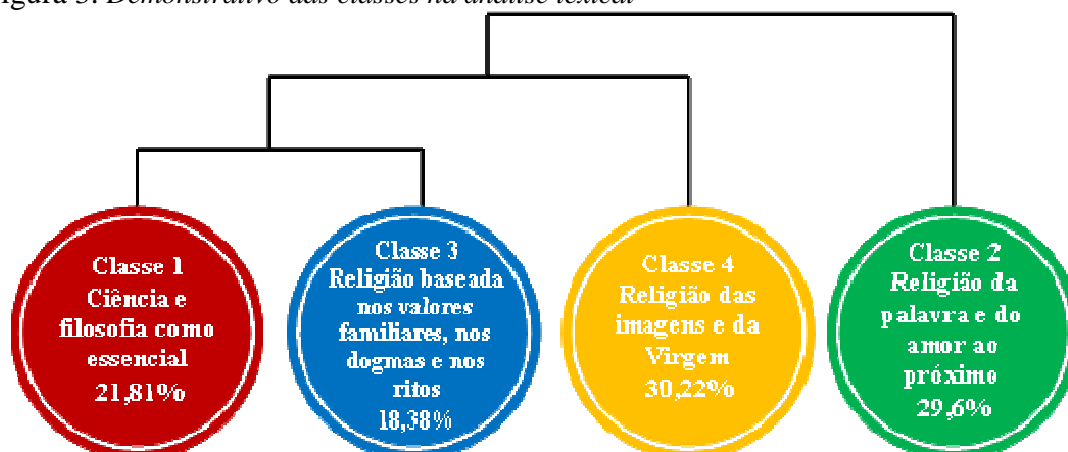
A título de comparação lexical entre o que se concebe em relação às religiões afro-brasileiras e as demais religiões, exporemos também os resultados da análise lexical do software ALCESTE sobre as religiões católica, evangélica e espírita. Para cada uma delas foi feita a mesma pergunta que para as religiões afro-brasileiras, a saber, *Quais os elementos essenciais da religião católica, evangélica e espírita*. Desta forma, buscamos identificar elementos de diferenciação nessas religiões entre si, no intento de verificar se essa diferenciação se processa da mesma maneira que com as religiões afro-brasileiras.

O ALCESTE identificou em sua análise 77 Unidades de Contexto Inicial (UCI), que corresponde a amostra utilizada para este procedimento, identificou também 321 Unidades de Contexto Elementar (UCE), no qual 100% foram utilizadas para análise, em que foram agrupadas em 4 classes temáticas ou categorias discursivas. Podemos observar a sua formação na Figura2. Vale destacar também, que o programa definiu como número mínimo de unidades de contextos elementares por classe em 10, bem como o qui-quadrado da análise foi 29.

Após a geração de um relatório da análise, denominou-se as classes em: **Classe 1** – Ciência e filosofia como ponto essencial; **Classe 2** – Religião da palavra e do amor ao próximo; **Classe 3** – Religião baseada nos valores familiares e na tradição; **Classe 4** – Religião das imagens e da virgem.

Podemos observar também que o programa dividiu as religiões católica, nas classes 3 e 4, a evangélica na classe 2 e a espírita na classe 1. Com distinções bem nítidas entre elas. Mesma havendo distinções, em nenhum momento se colocam como sendo de origem, rito ou pensamento inferior, como veremos adiante.

Figura 3. *Demonstrativo das classes na análise lexical*



Desta forma, através da análise lexical destas classes, divididas em três religiões, pode-se identificar que a *Classe 1- Ciência e filosofia como essencial* apresenta um agrupamento de palavras e repertório discursivo que representa 21,81% do *Corpus* e os discursos giravam em torno da concepção comum da Doutrina Espírita, como religião com aspectos de filosofia e ciência.

Tabela 12: Presenças significativas na Classe 1

Classe 1				
<i>Ciência e filosofia como essencial</i>				
Palavras Significativas	Qui-quadrado	Frequência Corpus	Frequência Classe	% na Classe
Filosofia	24	9	11	81,82
Religião Espírita	20	43	123	34,96
Ciência	18	5	5	100
Sendo	17	6	7	85,71
Ponto	14	5	6	83,33
Essencial	10	9	17	52,94
Mundo	9	6	10	60
Crença	7	11	26	42,31
Princípio	7	4	6	66,67

No quadro 4, temos três exemplos discursivos em relação à Classe 1. Primeiramente, é bom salientar que nenhum dos exemplos a seguir são de sujeitos pertencentes à religião espírita. Podemos verificar que, mesmo não sendo da religião espírita, os discursos não colocam a religião espírita como sendo de menor valor, ou de que tenha rituais primitivos. Pelo contrário, os sujeitos buscam até, embasar bem qual seria a diferença entre sua religião e a religião espírita.

Quadro 4: *Exemplos de discursos da Classe 1*

Sujeito 27: Uma filosofia que até parece ser bem coerente em vários aspectos da conduta humana, com princípios de solidariedade, humanidade, tolerância. Porém, quanto ao seu aspecto religioso, contrapõe-se à doutrina cristã de ressurreição e salvação, pois de acordo com o espiritismo, as almas se salvariam por si mesmas, através das várias reencarnações, princípio contrário à redenção absoluta na pessoa de Jesus.

Sujeito 41: No meu ponto de vista, os elementos essenciais da doutrina espírita são a universalidade, a progressividade e o humanismo, sendo um ponto de contato entre as diversas corrente filosóficas ou religiosas.

Sujeito 59: Reencarnação, caridade, revelação através dos espíritos.

Sujeito 61: Crença no carma, na reencarnação e prática dos valores dos livros da religião, livro dos espíritos, dos médiuns e o evangelho segundo o espiritismo.

Em relação à *Classe 3 – Religião baseada nos valores familiares e na tradição*, apresenta um agrupamento de palavras e repertório discursivo que representa 18,38% do *Corpus*. Observamos, através das palavras significativas, que esta classe expressa uma religião que dá muita importância à família e aos dogmas, mantendo-se pela tradição brasileira. Trata-se de características da religião católica. O software ALCESTE encontrou relações lexicais entre esta e a primeira classe.

Tabela 13: Presenças significativas na Classe 3

Classe 3				
<i>Religião baseada nos valores familiares e na tradição</i>				
Palavras Significativas	Qui-quadrado	Frequência Corpus	Frequência Classe	% na Classe
Valor	51	17	23	73,91
Família	32	7	7	100
Dogma	26	11	17	64,71
Ritos	22	8	11	72,73
Importante	17	5	6	83,33
Religião	14	15	37	40,54
Tradicional	13	4	5	80

No quadro 5, verifica-se que os discursos giram em torno da tradição, dos dogmas e dos valores que a Igreja Católica preconiza.

Quadro 5: Exemplos de discursos da Classe 3

Sujeito 49: A religião católica mantém sempre o mesmo ritual. Praticamente não se percebe mudança no ritual da missa, por exemplo.

Sujeito 52: Ritos, dogmas, valores. A religião católica ainda é muito ritualística e dogmática, pela sua tradição, ainda existe muitos ritos, como no batismo, casamentos e missas. A religião católica valoriza muito a família e está apegada aos valores de suas tradições, e valoriza principalmente Deus, Jesus, Maria e os santos por ela canonizados.

Sujeito 62: Os ritos são o batismo, a primeira comunhão e alguns outros que não conheço bem.

Sujeito 64: Na religião católica vejo que os ritos e dogmas são os elementos essenciais, por tratar-se de uma religião bastante antiga, busca manter esses ritos e dogmas mantendo assim sua tradição.

No que se refere à análise lexical da Classe 4 – *Religião dos Santos e dos Dogmas*, apresenta um agrupamento de palavras e repertório discursivo que representa 30,22% do *Corpus*, configurando-se como a maior e mais representativa de todas as classes. Este repertório expressa, de forma diversa, o que a Classe 3 também representa, o imaginário católico através de suas figuras mais representativas: bíblia, a virgem, a cruz e o cristo.

Tabela 14: Presenças significativas na Classe 4

Classe 4				
<i>Religião dos Santos e dos Dogmas</i>				
Palavras Significativas	Qui-quadrado	Frequência Corpus	Frequência Classe	% na Classe
Vida	25	22	32	68,75
Livro	17	7	7	100
Virgem	12	5	5	100
Cruz	12	5	5	100
Cristo	11	16	28	57,14
Santos	10	8	11	72,73

Através do Quadro 6, que exemplifica os discursos acerca da classe 4, verifica-se a presença nos discursos do imaginário católico, na qual as pessoas respondem que as principais características façam parte do conjunto de rituais e dogmas.

Quadro 6: *Exemplos de discursos da Classe 4*

Sujeito 35: Crença em imagens, fé pouco raciocinado, dogmas. Padre, papa, clero em geral, sete sacramentos.

Sujeito 50: Os nossos irmãos católicos, consideram os ritos, símbolos como o pão, o vinho, imagens, promessa, troca, o sacrifício, como o jejum, subir imensas escadarias.

Sujeito 55: Jesus Cristo como o único caminho para o reino dos céus. A bíblia como o livro sagrado e como fonte única e legítima verdade. A autoridade, como enviado de Deus na terra, do papa.

Sujeito 56: Adoram imagens, acreditam na santíssima trindade. Possui a figura do pastor, acredita no céu e no inferno. se baseia na bíblia.

Sujeito 69: A religião católica é regida por seguidores que crêem muito em Deus. Mas, não só nele. Buscam através de santos, crucifixo que é a imagem de cristo morrendo para salvar os nossos pecados, a salvação. É através de missas, que normalmente acontece aos domingos, que os católicos rezam e buscam encontrar sua paz.

Já a Classe 2, Religião da palavra e do amor ao próximo, apresenta um agrupamento de palavras e repertório discursivo que representa 29,6% do *Corpus*. Esta classe representa a religião evangélica, uma vez que a principal característica dessas religiões seja o uso de

expressões que remontem à bíblia, *a palavra*, como forma de identificação evangélica (Jungblutz, 2002). Desta forma, as palavras foram agrupadas da seguinte forma:

Tabela 15: Presenças significativas na Classe 2

Classe 2				
<i>Religião da palavra e do amor ao próximo</i>				
Palavras Significativas	Qui-quadrado	Frequência Corpus	Frequência Classe	% na Classe
Palavra	30	15	17	88,24
Amor	22	13	16	81,25
Dedicação	17	7	7	100
Solidariedade	17	11	14	78,57
Deus	15	33	68	48,53
Compromisso	15	6	6	100
Próximo	15	9	11	81,82
Respeito	13	8	10	80
Leitura	12	5	5	100
Fé	10	19	37	51,35

No que se refere aos exemplos da Classe 4, podemos verificar que esse imaginário está presente não somente nas palavras significativas, mas também nos discursos que expressam opiniões acerca da religião evangélica.

Quadro 7: Exemplos de discursos da Classe 2

Sujeito 30: São pessoas dedicadas a deus.

Sujeito 12: Fé, respeito com outras religiões, amor ao próximo, solidariedade, cumplicidade. O estudo da bíblia, e não adoração a imagens.

Sujeito 13: O temor ao nosso Deus filho. A leitura da palavra. Compromisso.

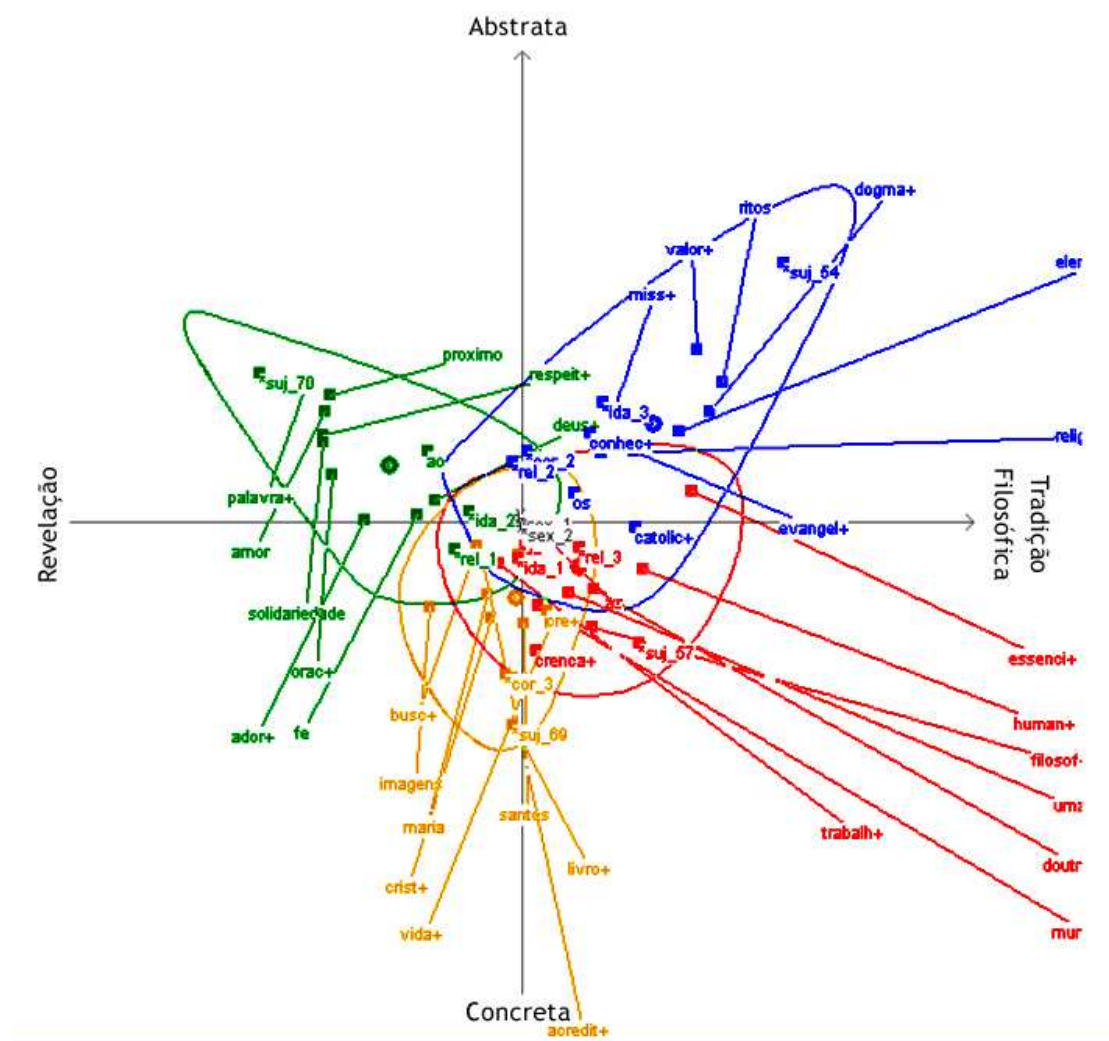
Sujeito 73: Amor, obediência a Deus, fidelidade a aquele que perseverar até o fim será salvo. Este é o elemento principal, a salvação, passaporte celestial.

Sujeito 75: O amor para com o próximo, compromisso com a sua palavra e ser um bom exemplo para a sociedade.

Seguindo a metodologia do software ALCESTE, o passo seguinte foi a Análise Fatorial de Correspondência que buscou visualizar as relações de força entre as classes, ou seja, que classes exercem maior influência ou estão interagindo entre si, para formarem o

corpus, num plano cartesiano, com as coordenadas x (*horizontal*) e y (*vertical*), bem como seus quadrantes. Como observado anteriormente, as classes 1, 2, 3 e 4 estão representadas pelas cores vermelha, verde e azul e amarela, respectivamente. Os léxicos se distribuem ao longo dos eixos, perfazendo uma relação interna das classes, como também uma relação entre as classes no contexto utilizado.

Figura 4. *Análise Fatorial de Correspondência*



Legenda de cores: **vermelha** - Classe 1, **verde** - Classe 2, **azul** - Classe 3, **amarela** - Classe 4

Desta forma, a partir da proposta que oferecemos na Figura 4, temos no eixo x um intervalo que vai de *Revelação* à *Tradição Filosófica*. No eixo y temos o intervalo que vai dos *Concreta* até *Abstrata*. Portanto, a Classe 1 (*Filosofia e ciência como essencial*), ocupa o

espaço dos léxicos no eixo x e indicam discursos acerca das diversas concepções do espiritismo, que habitam um plano filosófico concreto e que tem forte relação com a Classe 3 (*Religião baseada nos valores familiares e na tradição*), esta transitando na tradição filosófica católica, sendo que no plano abstrato, que por sua vez polariza em contraposto com a Classe 2 (*Religião da palavra e do amor ao próximo*) que representam em sua maioria os léxicos voltados à religião protestante, habitando o plano da revelação abstrata. O eixo y , por sua vez polariza os conjuntos lexicais em que situam a Classe 4 (*Religião dos Santos e dos Dogmas*), habitando o plano da prática da revelação, na qual os elementos dogmáticos ganham vida no imaginário popular. Esta classe, portanto, tem forte relação com todas as outras classes.

Portanto, observamos nesta análise em relação às religiões católica, evangélica e espírita que as diferenciações entre elas estão bem distantes quando estas demonstram seus discursos acerca das religiões afro-brasileiras. Os léxicos entre si são mais comuns e ocorrem entre as classes em si e entre os discursos, diferentemente dos discursos anteriores em que as religiões de matriz africana são evitadas ou até concebidas como primitivas, configurando-se, desta forma, como parte de uma construção da realidade social que discrimina racialmente os praticantes das religiões Afro-brasileiras.

6.3 Análise do Discurso

A terceira etapa do processo de compreensão do fenômeno estudado se refere à análise do discurso de líderes religiosos. A análise foi feita a partir de entrevistas concedidas por um líder religioso católico, um evangélico, um espírita e um afro-brasileiro, a saber, um padre, um pastor evangélico, um dirigente de uma instituição espírita e uma Mãe de Santo. Como procedimento ético, todos os nomes envolvidos durante a entrevista foram suprimidos e/ou modificados para preservação das identidades dos participantes. O único nome verdadeiro

transcrito diz respeito ao pesquisador/entrevistador, uma vez que verificamos ser importante no contexto da análise. Outro ponto importante, com relação à organização dos dados da análise é que os discursos estarão em uma formatação diferenciada do restante do trabalho, como forma de melhor visualizá-los.

Como estratégia básica, nenhuma questão foi direcionada sobre racismo e relações raciais. Todas as respostas que, porventura apareçam, são em virtude de a resposta dos mesmos direcionarem a essa questão.

Fica estabelecido que **ENT** significa Pesquisador Entrevistador, **PC** significa Padre Católico, **PE** significa Pastor Evangélico, **ESP** significa Dirigente Espírita e **MS** significa Mãe de Santo. Todas as entrevistas ocorreram em ambiente programado pelos participantes. Todas ocorreram num ambiente onde só havia o pesquisador entrevistador e o participante.

As entrevistas duraram de 15 a 35 minutos. Foi utilizado um gravador específico de voz do tipo digital, modelo RR-US450, da fabricante Panasonic. Foram posteriormente transcritas, de forma que os intervalos entre palavras e frases foram separados pela pontuação comum da língua portuguesa e também, nos casos de intervalo de tempo entre as mesmas da seguinte forma: a) ... (três pontos) intervalo curto, até 3 segundos; b) [...] (três pontos entre colchetes) intervalo longo, acima de 3 segundos. Procuramos transcrever momentos que podem caracterizar emoções, tais como tosses, pigarros e risos que estejam contextualizados no decorrer da entrevista.

Todas as entrevistas seguiram um roteiro semi estruturado, em que as perguntas versavam sobre a formação religiosa dos sujeitos, a importância da religião na sociedade, se há religião mais importante que outras e sobre as religiões afro-brasileiras e sua inserção no contexto brasileiro, especificamente nas escolas de ensino fundamental.

Seguindo a perspectiva da Análise do Discurso, que dá ênfase no discurso representativo de uma coletividade, que não são meras opiniões, mas práticas coletivas

(Azambuja & Nogueira, 2007), é que buscamos nesses líderes religiosos essa representatividade, uma vez que são porta-vozes de determinados segmentos sociais, que encontram eco nas relações raciais aqui propostas. Com isto não buscamos simplesmente exemplos textuais de preconceito racial ou que venham corroborar com as análises anteriores, simplesmente (Antaki, Billig, Edwards & Potter, 2003), mas oferecer ao leitor outro tipo de análise que também contemple e ajude na compreensão do fenômeno.

Buscamos, na medida do possível, realizar uma análise que envolva aspectos sociais, culturais, históricos, ideológicos e econômicos, para que tenhamos um apanhado mais amplo do fenômeno racismo no contexto das relações entre as religiões católica, evangélica e espírita com as religiões afro-brasileiras. Com isto, não queremos dizer que o assunto se esgote nessa análise, mas que é uma necessidade básica para a realização da mesma.

Diante disto, a primeira análise será do discurso de uma Mãe de Santo da cidade de João Pessoa. A mesma atua em diversas frentes na esfera das políticas públicas e na luta contra o preconceito racial, de gênero, homofobia e religioso.

A partir desta análise do discurso, a perspectiva aqui apresentada, através da análise estatística e da análise do ALCESTE, ganha mais forma no sentido de que essas três análises juntas contemplam um aspecto amplo do fenômeno estudado. A partir da análise do discurso fica mais claro que algumas respostas dadas pelos sujeitos sobre os adjetivos saem do âmbito da diferenciação religiosa para a relação racial. Da mesma forma, os léxicos analisados a partir do software ALCESTE, também recebem força maior a partir dos discursos aqui analisados.

A força que a análise do discurso expõe nesta pesquisa é determinante no processo do uso dos métodos quantitativos, que *a priori*, deixam diversas lacunas por não serem contextuais histórica, social e ideologicamente, mas que ressalvam e reforçam diversos aspectos que nesta análise se verificará.

Como dito anteriormente, o sentido desta pesquisa fecha um ciclo, em que a Análise do Discurso compõe essa perspectiva teórica e metodológica que abarca toda essa gama de fatores expostos aqui.

6.3.1 Análise do Discurso de uma Mãe de Santo

O primeiro discurso a ser analisado é de uma Mãe de Santo de um terreiro da cidade de João Pessoa. Os procedimentos e o roteiro da entrevista seguem da maneira explicitada acima.

ENT – (...) a senhora acha que, é.., há diferença entre as religiões, no sentido de que, numa hierarquização, há religião melhor que outra?

MS – *Eu acho que não! Toda religião tem um caminho, né. Que caminho é esse? Existem pessoas que acham que existe um caminho da salvação, né. Cada um tem sua forma de pensar, tem uma maneira de pensar. Existem outras pessoas que acham que se, morrer, vão para o céu, né, e assim vai. Mas eu acho que os segmento das religiões, o caminho é um só, que é o cuidar, que é o viver bem com as pessoas, né, porque se nós viemos para cá, não foi por acaso, foi por uma causa, né.*

ENT – *Hum.*

MS – *Algumas religiões acham que há essa diferença, e eu não acho, porque todas as religiões levam ao caminho do bem, ao bom caminho, né. Porque a partir da hora que você vem ao terreiro, e que eu vou cuidar de você, então, o caminho é bom.*

ENT – *Por exemplo, tanto faz você ser de uma religião de matriz africana, como uma religião cristã, como uma religião muçulmana, neste sentido?*

MS – *Sim, eu acho sim. Eu acho que a sua identificação com a religião, né. Eu, imagina só eu, eu, eu evangélica! Eu não me vejo é, é, não combina comigo eu me*

identificar com essa religião, né. É aqui que eu me sinto bem, é nisso que me sinto bem.[...]

Este primeiro trecho da entrevista faz parte do desenvolvimento de um discurso acerca das diferenças entre as concepções que os mesmos tem sobre algumas religiões. Neste sentido, a entrevistada utiliza-se de um discurso calcado na igualdade entre as religiões e de que o fundamental é a escolha de cada um através da identificação pessoal. No entanto, as escolhas religiosas não passam simplesmente por uma escolha individual. Vivemos numa sociedade em que os valores religiosos são fundamentados no cristianismo, mais especificamente, no catolicismo, na qual as concepções de família, trabalho, compromisso espiritual, são os pilares básicos para uma vida feliz. O que parece ser apenas uma escolha individual se reveste de uma situação complexa, principalmente em relação às religiões não cristãs.

A construção de um discurso identitário se utiliza de recursos lingüísticos que dão ênfase num argumento pró, em ser afro-brasileira e num argumento contrário em ser da religião que, no contexto brasileiro, é a que mais agride e discrimina as religiões de matriz africana. Não se trata de uma ação contra uma raça ou uma cultura que seja inferior ou que não seja reconhecida, mas de uma reação às ações que sofrem no decorrer de sua história.

Desta forma, observamos, no trecho a seguir, a inserção do Terreiro nos dias atuais.

ENT – *E aqui na Paraíba, aqui especificamente, no nosso contexto, é... como é a receptividade, do pessoal... o terreiro está inserido em uma determinada comunidade, está num bairro, com é a aceitação do pessoal em torno do terreiro?*

MS – *Hoje, hoje, no século XXI e nos anos 2000 a gente já vê que a sociedade ainda não nos tolera, mesmo a gente da comunidade que é uma comunidade que tem a população negra grande, uma história de, de pessoas que são consideradas*

desfavorecidas, considero minoria grande, mas a gente ainda vê uma resistência grande dessas pessoas para com a religião de matriz africana, mesmo sabendo que hoje nós somos comunidades tradicionais de terreiro, que tenha todos os direitos garantidos por lei, como as outras Comunidades Quilombolas, Indígenas.

(...) a sociedade não nos respeita, ela nos tolera. E o que nós precisamos não é de tolerância, nós precisamos de respeito, que é bem diferente de tolerância. E essa intolerância tem, inclusive na... na Conferência de Segurança eu falava: quando existe a intolerância, existe a insegurança.

(...) então os terreiros eram apedrejados, a gente tinha terreiro que, inclusive esse terreiro aqui ali atrás, no fundo do quintal, porque se fosse na frente era apedrejado. É, não só esse aqui como outros que tem na... na região.

(...) O terreiro é um local de acolhimento. Mesmo sendo um local de acolhimento, nós passamos por um racismo, uma homofobia, sabe, que esse ano só, não sei se você está sabendo, nós tivemos três ou quatro pais de santo mortos, e... e a polícia e a justiça diz: “não, não foi homofobia, não foi racismo”. Mas todas as pessoas eram negras, eram homossexuais, eram de religião de matriz africana e moravam na periferia, eram desempregados. Então, cinco pontos básicos para você não poder, não precisar viver.

Primeiramente podemos perceber a variabilidade acerca da tolerância. A partir deste desenvolvimento discursivo, podemos fazer um paralelo com a história das religiões afro-brasileiras que, no primeiro momento, foram proibidas até décadas atrás. Após a não proibição há, em certa medida, uma tolerância, mas que a reivindicação é o respeito.

O discurso deixa claro que a tolerância para com as religiões afro-brasileiras é revestida de uma suscetibilidade que os casos de agressão para com os adeptos e sacerdotes ainda é recorrente, mesmo que a sociedade e a grande mídia não façam circular esses casos.

Desta forma, o discurso deixa entender que a ligação entre o preconceito racial e as religiões afro-brasileiras é um fenômeno que precisa ser mais estudado, ter mais atenção por parte do poder público, uma vez que a mesma se reconhece como uma religião dos excluídos, em que homossexuais, negros, pobres e prostitutas são amparadas numa religião em que as normas morais são diferentes da norma cristã predominante.

O trecho a seguir expressa o preconceito e como isso reflete na dinâmica das relações sociais entre os pais e mães de santos.

MS – *Cinco indicações, né (risada irônica): negro, pobre, homossexual, religião de matriz africana, morando na periferia e desempregado. Então, se a gente for elencar, ainda encontra mais. O racismo ele predomina nesse país. Quando você olha para alguém que diz: eu não sou racista, pronto! O racismo já está guardado na sua cabeça, né. Então, eu acho que nós precisamos quebrar esse racismo, sim. Nós somos um país de terceiro mundo. E a gente ainda se olha e diz: não! Não existe racismo. Como que não existe racismo? Se você observar, você passa a ser além de, de um pesquisador, você a partir de agora passa também a ser um observador, quando eu chego em uns espaços com meu turbante na cabeça, você vai observar que há indivíduos que não falam comigo naquela ocasião, perto de outras pessoas, baixam a vista, fazendo com que não tenha me visto, tiram a vista para o alto, né.*

ENT – *Como se não conhecesse*

MS – *É... que quando a, a as autoridades saem de perto, a pessoa vem e faz: “mas eu amo demais a senhora, mãe”. Eu faço: “ai que maravilha! Eu sou feliz pelo seu amor”.*

Houve um fato, a gente estava no, no Segundo Encontro da Religião dos Orixás, e eu fui na casa de uma senhora Ialorixá (Ialorixá é uma Mãe de Santo), para ela ir

participar do evento e nessa época o prefeito era e ela é concursada, né, e trabalhava na prefeitura há muitos anos, ela olhou para mim e disse:

“Mãe ..., olha, a senhora me desculpe, é muito bonito isso o que a senhora está fazendo, mas eu não posso ir”. Ela era auxiliar de serviço. “eu não posso ir”.

Eu disse: “por que mãe que a senhora não pode ir?”

“Eu não posso ir porque a senhora está dizendo aí que o prefeito vai estar lá. A senhora já imaginou o prefeito sabendo que eu sou xangozeira?”[...]

Assim como no trecho anteriormente analisado, podemos perceber que a entrevistada é engajada em movimentos sociais voltados para a cultura negra, inserindo assim, elementos e contextos em que o negro e os adeptos das religiões afro-brasileiras são vítimas de injustiças e atrocidades, como também a conseqüente omissão do poder público diante dos fatos.

Como preconiza a perspectiva social sobre o comportamento, que o entende não como um ato individual, mas como um conjunto de fatores fisiológicos, cognitivos, sociais e históricos, é que podemos compreender as diversas facetas que estão em volta das religiões afro-brasileiras. O histórico de opressão, violência e o conseqüente sincretismo, imposto pela Igreja Católica, tem suas ramificações até os dias atuais.

Esta imposição construiu diversas concepções acerca das religiões afro-brasileiras, que sempre a identificam com os elementos católicos, mas mesmo assim, não cessaram as opressões sobre quem é adepto ou sacerdote de uma religião de matriz africana.

6.3.2 Análise do Discurso de um Padre

O segundo discurso a ser analisado é de um padre. Primeiramente foi perguntado sobre o papel e a importância da religião para o indivíduo e para a sociedade. Em seguida sobre uma hierarquização entre as religiões.

ENT – *No contexto brasileiro, na questão das religiões exercerem papel, um papel importante na sociedade, por que é que o senhor acha que há tanto preconceito em relação às outras religiões não-cristãs, por exemplo, as religiões afro-brasileiras? Por que há tanto preconceito?*

PC – *Eu acho que é o não conhecimento, a ignorância. Se você pega, por exemplo, o culto das afro-brasileiras...*

ENT – *O Candomblé, a Umbanda...*

PC – *Eu colocaria o candomblé como base, né, que no Brasil a gente chama assim, na realidade se você for no Benim, se você for a alguns lugares da África de onde vieram aqueles que de lá trouxeram, então seria o Vodou, né. Há uma pequena diferença entre o candomblé e o vodou, que são os níveis é... da composição do universo, o vodou pensa em quatro níveis, bem explícito, o candomblé pensa em três, mas quanto ao resto é tudo muito parecido, né.*

A idéia de divina, por exemplo, o divino, se você, é, pesquisa a fundo o candomblé, você vai perceber que o divino é trinitário, como na religião cristã, você tem o Obatalá, você tem Oxalá, que estava presente com Obatalá na criação do mundo e que está no mundo.

Ele é um orixá, mas seria um orixá principal, vamos dizer assim, então tem aquela história de divino e humano, que a gente tem as duas naturezas de Cristo, e tem Olorum, que é o próprio espírito de Deus, né, e que os três estão presentes e juntos.

A construção de um discurso acerca das religiões afro-brasileiras se estabelece a partir de um parâmetro cristão. Esse parâmetro coloca a ignorância e o não conhecimento sobre o outro grupo (religião afro-brasileira) como fundamento do preconceito. A retórica constitutiva

deste discurso parte de uma construção do conhecimento acerca das religiões afro-brasileiras, que o entrevistado busca demonstrar conhecimento e, desta forma, um argumento de que não é preconceituoso, mesmo tendo aceito que a população brasileira tem esse preconceito.

No trecho a seguir temos uma noção mais exata dessa construção discursiva:

(...)Então isso, eu acredito que tem muito a ver o desconhecimento e depois a própria forma da coisa acontecer, talvez uma pesquisa na sua área, eu tentei, mas como não era bem a minha área, não me estimulei muito para continuar.

Mas o que eu penso é o seguinte: se você parte de Freud, né, você pega lá o... o Inconsciente, eu acredito que é... o pessoal do candomblé não gosta muito de ouvir isso, eu acredito que a manifestação dita dos orixás, nada mais é que uma afloração do inconsciente daquele indivíduo.

Quando a pessoa acha que é... que é um médium, que ele tem o filho de um santo, o que ele faz é consultar um Babalorixá.

E como ele vai consultar? Ele vai ficar ali, um tempo, ele tira a encomenda, a determinada comida, tal, e o babalorixá vai perceber, pela manifestação dele, de quem ele é filho, quer dizer, não é de fora para dentro, é de dentro para fora.

Neste trecho discursivo, a responsabilidade da população ser ignorante em relação às religiões afro-brasileiras e, conseqüentemente, do preconceito existir, recai sobre elas mesmas, no sentido de que “a própria forma de acontecer” determina o preconceito. O uso da ciência para “comprovar” esse argumento também é utilizado para dar uma sustentabilidade.

São utilizados também conceitos psicologizantes, no caso aqui, psicanalíticos, para demonstrar o argumento de que as religiões afro-brasileiras utilizam de métodos falsos para

atrair adeptos. Mesmo reconhecendo que não é sua área de atuação profissional, o mesmo faz recomendações para corroborar com seus argumentos.

No trecho seguinte o entrevistado começa a argumentar de forma a contemplar outros aspectos antes não expressos:

ENT – *Interessante, mas na, na prática do dia a dia, o preconceito, por que se dá mais forte em relação às religiões afro-brasileira e não se dá tão forte com o budismo, por exemplo?*

PC – *Tem, a cultura africana, você pode observar, nós somos um país, é, indígena, né, nossa origem é indígena.*

Os afrodescendentes vieram de um país estrangeiro e os brancos também vieram de países estrangeiros, europeus, né.

Então, nossa raiz da terra, é indígena.

E em muitos lugares é maioria, mas lá na cultura indígena há uma, como é que eu diria? Uma timidez... ou a própria falta de valorização de si mesmo, né, que faz com que essa cultura não se imponha.

E segundo, ela mesmo em si é muito tênue, não sei se você já viu a demonstração de dança, de cantos indígenas, é só aquilo... mas se você pega a cultura africana, ela é forte, ela tem muitas cores, ela tem movimento e ela conseguiu entrar na vida, por causa de sua exuberância, por causa da sua consistência também.

A construção do repertório discursivo deste exemplo é reforçado e justificado a partir da cultura, numa argumentação da força da cultura africana. Os recursos lingüísticos, tal como o advérbio de intensidade *forte* estabelece que a cultura africana, por aparecer mais que a cultura indígena geraria mais conflito com os brancos dominantes. A variabilidade discursiva e sua conseqüente contradição se estabelece num momento de reconhecer que os nativos do

Brasil são os índios, mas que o conflito do negro não é com o índio, mas com o branco, que hoje é tido como o nativo, o dono da terra.

O uso do termo *cultura* no argumento, fica mais evidente como um recurso linguístico comum, no sentido de que este termo é utilizado como abrangente para um povo e que essas diferenças são as causas dos conflitos. Neste sentido continua:

(...) Há uma quarta que vem da África mesmo, na própria, aí já vem com os próprios, a própria situação da escravidão, não só nossa, a escravidão entre eles desde o tempo dos egípcios, então você tem o que, o, o antigo império é de quantos anos?

É de quantos milênios?

Quatro milênios, cinco.

Então se você pega... essa história na África, o próprio povo africano não tem a sua... a sua auto-estima boa, tem uma baixa auto-estima.

Então eles já acham que são inferiores, já acham assim.

Então é fácil de ser escravizado, entre eles mesmos, quando uma tribo derruba outra, eles escravizam, né.

Todo discurso tem uma função. Aqui encontramos a função de culpabilização ou de responsabilização do preconceito racial nos próprios africanos. A situação social e econômica que imperava na África é recurso da construção do argumento. A escravidão como forma social existente entre os europeus antigos não é citado, enquanto a escravidão africana é razão e justificativa para o preconceito. Esta culpabilização é também motivo para inferir aspectos psicológicos que, segundo o entrevistado, são motivos “internos” dos africanos e ajudam a manter a sociedade preconceituosa. Como diz Van Dijk (2008), os agentes de manutenção do poder utilizam-se de um controle através dos argumentos, dos jogos semânticos e simbólicos

de dominação e manutenção da situação, que geralmente culpabilizam ou responsabilizam os dominados pela situação em que se encontram.

Desta forma, quando está diante de uma situação concreta de uma política pública voltada para a população afro-descendente, podemos observar o seguinte trecho do discurso:

ENT – *Por exemplo, está voltando às escolas o ensino religioso. O senhor é favorável ao ensino religioso nas escolas?*

PC – *Sou favorável.*

(...) Porque é o que fez a primeira ministra da Alemanha³, então se você... o ensino religioso, ele é justamente para que você descubra que o outro tem direito também.

Você não pode formalizar somente o ensino do... dos direitos e deveres racionalmente.

E na religião você se coloca diante de um tema destes, todos igualmente, qualquer que seja sua classe, qualquer que seja sua cor, qualquer que seja origem, então isso, vamos dizer, nivela as pessoas, né.

Então acredito que esse ensino religioso é muito interessante.

O ensino religioso das escolas não é o ensino confessional, é o ensino de valores, embora seja dado por cristãos, porque é o que aconteceu lá na Alemanha, a gente tem que aprender com quem faz, né.

O argumento favorável ao ensino religioso nas escolas não diz respeito se esse ensino religioso é conduzido por adeptos das religiões afro-brasileiras, considerando que em trecho anterior o entrevistado argumentava que é necessário conhecer essas religiões para acabar com o preconceito. No entanto, numa situação concreta de ensino religioso, a variabilidade discursiva entra em pauta uma vez que “*é o ensino de valores, embora seja dado por cristãos,*

³ Segundo o entrevistado, na Alemanha, o governo confiou o Ministério da Educação a “pessoas de fé” para inserir um Ensino Religioso nas escolas, porém o mesmo não informou datas, nem nomes.

porque é o que aconteceu lá na Alemanha, a gente tem que aprender com quem faz, né". O exemplo de sucesso em termos educacionais, dentre eles o religioso, vem da Europa, mesmo reconhecendo o Brasil um país com muitas culturas, o melhor exemplo é europeu branco.

O discurso transita entre o ser favorável à política pública de inserção das religiões afro-brasileiras no Ensino Religioso oficial e a condição estar atrelada a um/uma professor/professora que seja cristão/cristã. Este repertório argumentativo transita, enfim, de uma valorização institucional. Numa perspectiva foucaultiana, podemos dizer que é um discurso que busca manter o poder, através do conhecimento, em que deve ser operado por agentes de sua manutenção e propagação.

6.3.3 Análise do Discurso de um Pastor Evangélico

No próximo exemplo de discurso, exporemos uma entrevista realizada em uma igreja evangélica com um Pastor Evangélico. As perguntas transitam também no mesmo universo do realizado com o Padre Católico.

ENT – *Neste sentido, do papel da religião tanto para o indivíduo, quanto para a sociedade, o senhor acha que alguma religião exerce um papel melhor que outra, outra religião?*

PE – *É[...] existe[...] a bíblia ela é feita do Gênesis ao Apocalipse e sabemos que a bíblia é uma só.*

Mas há uma divergência aí entre muitos líderes e... que passando a ensinar de forma diferente, então por isso que há muitas religiões e um só Deus e sabemos que só há um que vai nos dar a salvação.

Mas tem religiões que engloba outros deuses, né, e é aí que aonde nós precisamos vigiar, né, olhar, porque sabemos que, a bíblia diz que nós temos que olhar, orar e vigiar(...)

O repertório discursivo gira em torno de uma legitimação da religião pelo livro sagrado dos cristãos. A busca de legitimidade se constrói também a partir de uma comparação com *religiões que engloba outros deuses*. Neste sentido, a construção discursiva começa com um discurso teológico, mas em sua variabilidade toma contornos diferentes:

ENT – *É, o senhor é favorável ao ensino religioso nas escolas?*

PE – *O ensino religioso nas escolas, com certeza!*

[...] temos que priorizar isso aí.

ENT – *O senhor acha que qualquer religião pode ser ensinada ou deveria ser ensinada? Por exemplo, as religiões cristãs, as religiões afro-brasileiras também deveriam ser ensinadas na escola pública?*

PE – *É... como é teu nome?*

ENT – *Matheus*

PE – *Matheus. É, meu irmão... o evangelho... tão só, mas por haver muitas divergências, muitos ensi..., falsos ensinamentos, eu creio que seria, de fato, pregado o ensinamento das escolas públicas e particulares, que fosse o evangelho genuíno, o evangelho de salvação.*

Em meta que o alvo daquilo ali, como está escrito em Hebreus, capítulo 12:2, olhar para Jesus o autêntico salvador da nossa fé. Ele é o salvador do mundo.

A situação concreta do ensino religioso nas escolas evidencia a variabilidade discursiva, no sentido de que num momento há uma confirmação enfática e em outro, na situação de diversidade religiosa, há um recuo sobre o mesmo tema. A pausa longa no momento da resposta e a pergunta pelo nome do entrevistador, uma vez que já sabia o nome, mais que referenciar uma interação com o pesquisador, faz parte também dessa construção

discursiva acerca das religiões afro-brasileiras e sua identidade cultural. Além da variabilidade situacional, é recorrente a busca de legitimação social a partir dos escritos sagrados da religião que professa.

A construção discursiva desenvolve-se ainda mais a seguir.

ENT – *É, no sentido de, da, por exemplo, é, tem um projeto do Governo Federal que é o ensino religioso, voltando o ensino religioso, nas escolas públicas. A idéia do governo é que seja ensinado sobre todas as religiões, os aspectos de todas as religiões. Os aspectos culturais, os aspectos filosóficos, os aspectos, é, é, principalmente os aspectos culturais das, das religiões. Neste sentido entrariam as religiões cristãs, é, entrariam as religiões afro-brasileiras, devem entrar também as religiões orientais, o senhor acha que isso é um fato positivo? Nesta diversidade, ou o senhor acha que não deveria tão diversa, deveria ser restrita?*

PE – *Eu com certeza, deveria ser restrita, viu, a religião.*

Sabemos que só há um só salvador.

Eu estou convicto para que tantas as religiões?

Que só há um salvador, então, é como foi falado anteriormente, pregar aquele evangelho genuíno, salvação.

O discursivo aqui encontra eco num universo simbólico e concreto teológico cristão, em que a verdade e a salvação estão em uma única forma, que seja a exposta acima. Neste sentido, a construção de discursos racistas, que estão implícitos em discursos teológicos, se desenvolve a partir de uma situação concreta.

ENT – *O Movimento negro, movimento cultural negro ele, ele pede, uma de suas reivindicações seja justamente o ensino da cultura negra, a cultura da África e traz todas as suas tradições culturais, suas tradições religiosas e, a História Afro-brasileira já é, já faz parte do currículo escolar e também está com o ensino religioso. O senhor acha importante, também inserir esse contexto?*

PE – *Não! De forma alguma, porque eles, eles trazem a, a, os africanos e outros países que adoram vacas, que adoram bezerras, e baratas, eu creio que seria trazer esse, esse costume para nós, não há, não seria tão...*

Como diz Iñiguez (2004), os códigos informais são mais poderosos que os formais, uma vez que estão inseridos socialmente. O branqueamento se estabelece também numa forma de menosprezar uma cultura, inserindo-lhes elementos que não existem em seu meio.

O discurso que se constrói numa aparente dicotomia teológica, reafirma os estereótipos raciais, através de uma falsa inserção cultural. A articulação de estratégias dos costumes para expor os argumentos teológicos endossa esse discurso.

O uso linguístico é mais que um suporte gramatical, é uma estratégia discursiva para uma argumentação baseada na cultura branca. O universo simbólico em torno da cultura africana, em que o exotismo e o folclore são vistos de formas pejorativas, servem de argumentos para a inferiorização de uma cultura e seus “malefícios” para a sociedade cristã (Gomes, 2003; Iñiguez, 2004; Foucault, 2006; Van Dijk, 2008).

Exemplo de discursos racistas revestidos de diferenças teológicas encontram-se nos dias atuais sendo notícia na mídia nacional. Recentemente, outubro de 2009, uma professora acusou a diretora da escola de proibi-la de dar aulas após a mesma ter feito um trabalho escolar sobre o livro “Lendas de Exu”, que faz parte dos livros recomendados pelo Ministério da Educação. Não fosse esse fato, aparentemente uma atitude de intolerância religiosa, mas as

mães de algumas crianças queriam que a professora não ministrasse mais aulas sobre a África⁴.

O discurso racista é revestido de intolerância religiosa, e esse pelo discurso racista. A articulação dialética discursiva toma diversas formas, sendo que encobrimos algumas para revestir de outras formas.

6.3.4 Análise do Discurso de um Dirigente Espírita

Neste ponto do trabalho, apresentaremos mais um exemplo de discurso de um líder religioso, espírita, acerca das religiões afro-brasileiras. A entrevista foi concebida em seu ambiente de trabalho, numa sala que ficou exclusiva para a entrevista. A mesma teve duração de cerca de 13 minutos. A população espírita, apesar de ser pequena, apenas 1,3% da população brasileira, tem a maior escolaridade do país, na relação religião x escolaridade (9,6 anos), bem como tem a maior faixa salarial do país, com média acima dos R\$ 3.790,00 (IBGE, 2007), ou seja, está situada numa faixa de grande influência na sociedade brasileira.

As perguntas giravam em torno das mesmas para os demais entrevistados, não havendo nenhuma referência à questão racial. O primeiro exemplo mostra a construção da diferenciação religiosa, que serve de fundamento para um discurso racista.

ENT – *Você acha que, neste sentido que você está falando, alguma religião exerce um papel melhor que outra, do que outra religião?*

ESP – *Conforme, né, acredito que as pessoas são diferentes, os níveis de conhecimento, de educação, a história de cada um, a história cultural, a história*

⁴ Essa notícia foi veiculada em diversos jornais no Brasil. Pode ser visto em: <http://jbonline.terra.com.br/pextra/2009/10/26/e261017893.asp>; também em: http://odia.terra.com.br/portal/rio/html/2009/10/livro_sobre_exu_causa_guerra_santa_em_escola_municipal_42866.html

educacional de cada um é diferente e as religiões ela tendem a, exatamente a atingir esses níveis de, de, de compreensão.

Não existe assim, por enquanto, na nossa é... evolução humana, uma religião que possa dizer: essa aqui é ideal para todos.

Acho que não tem, por enquanto não tem essa possibilidade, mas todas, eu acredito que tenham a, uma importância vital.

No fundo todas fazem parte de uma só, de uma só idéia, uma idéia mãe, né, embora regionalizada, né. Adequada aos níveis culturais, espirituais de cada, de cada região, de cada país, de cada civilização, né, de cada... enfim, de cada grupo social, né.

A partir de um discurso mais rebuscado, no sentido de utilizar palavras e termos de ordem espiritista, ainda sim, constrói o mesmo discurso de diferenciação. No entanto, apresenta uma unidade analítica que, nas palavras do entrevistado, não existe religião perfeita, há clara hierarquização “*de cada região, de cada país, de cada civilização, né, de cada... enfim, de cada grupo social*”. Ademais, essa hierarquização de cunho religioso e teológico, com argumentos e usos de termos como social, cultura, região fica, no entanto, ao nível individual. Um discurso que usa esses termos para a religiosidade da população, é embasado na forma de que cada pessoa tem sua religião de acordo com sua evolução espiritual. Não somente individualiza no meio de tantos argumentos linguísticos coletivos, como preconiza esta condição e induzindo que a religião espírita esteja no topo desta hierarquia.

Todavia, a construção contraditória do discurso teológico e de escolha individual suplanta a perspectiva acerca da cultura negra, a partir de suas expressões religiosas.

ENT – *Então, neste sentido, por que você acha que há tanto preconceito em relação às religiões afro-brasileiras? O Candomblé, a Macumba....*

ESP – *Eu acredito que, primeiramente é a falta de conhecimento, né, do, da essência, dessas religiões, dessa, dessa, digamos assim, dessa cultura, né.*

A África sempre, principalmente nesses, na, na nossa educação brasileira, só agora está sendo resgatado né, a cultura afro está sendo respeitada, resgatada.

Está nos currículos. Graças a Deus que hoje a gente tem essa idéia mais clara de conhecer.

Mas sempre foi ligada com a história da pobreza, do negro, do, do, da coisa, é muito preconceito em relação à condição social.

Por ser de uma raça inferior, né, inferior, então tudo que vem de cultura, de costume, de tradição, realmente tem essa, essa dimensão, em detrimento exatamente a essa idéia dominante na nossa cultura que teve como principal influência a cultura européia, que teve realmente uma influência vital.

A cultura é, é que particularmente no Brasil a católica que predominou durante esse tempo todo, mas eu acho que é falta de conhecimento, Matheus, acho que quando a gente conhece, a gente vai entender que são tradições naturais, tradições originais, tradições que representam exatamente a história deles, do povo deles, da cultura(...)

O recorrente argumento da falta de conhecimento é relacionado como causa do preconceito em relação às religiões afro-brasileiras, é utilizado de forma repetida, mas que sempre coloca a cultura negra como desconhecida e a cultura européia conhecida e tendo uma verdadeira influência. Na verdade, o que há é o não reconhecimento da influência da cultura africana no Brasil. Reconhece-se como parte integrante da cultura européia, mas não da cultura negra. O termo *conhecimento* é esse elemento que intenciona justificar o racismo.

Da mesma forma, o entrevistado endossa que, se o grupo minoritário se deixasse assimilar ou se tornasse mais semelhante ao majoritário, culturalmente, diminuiria o

preconceito. No entanto, a história das religiões afro-brasileiras é de sincretismo, como não poderia deixar de ser, uma vez que foram obrigados a se relacionar de forma mais estreita com as tradições sociais e religiosas do branco europeu (Pierre Sanchis, 1995). O referido contato não fez diminuir o racismo, ao contrário, serviu também como forma de branquear os negros e construir toda a ideologia de valorização do mestiço, do moreno em detrimento do negro, sem colocá-las no mesmo nível que os brancos (Camino et al., 2001; Camino, da Silva & Machado, 2004).

A lógica discursiva é contraditória. Essa contradição faz parte da construção das relações, as quais estão entrelaçadas com a ideologia e o poder. A relação pobreza e negros está presente como mais uma forma de justificar o racismo. Essa justificativa é utilizada para dizer que no Brasil há mais preconceito em relação aos pobres, independentemente da cor e que as ações afirmativas não tem sentido de serem para negros (Camino et al., 2009; Lima Nunes, 2009).

O discurso explícito da inferioridade da raça negra ainda ecoa na sociedade atual. Mesmo diante de uma legislação que coíbe, punindo, ele ainda é presente. A cultura e a sociedade também são utilizadas como forma justificadora.

A construção discursiva, em que as diferenças teológicas parecem ser as únicas, se desenvolve para uma forma de discurso que tenta essencializar a inferioridade dos negros, utilizando a cultura como meio para isto. O uso de termos como *naturais e originais*, remontam ao primitivo, como se a cultura negra precisasse assimilar mais a cultura branca, para se desenvolver. Essa essencialização faz parte de um discurso histórico nos meandros intelectuais e científicos do Brasil (Motta, 2000 ; Camino, 2004).

7. CONCLUSÃO

Entender os processos sociais e sua dinâmica é premente nos dias atuais, bem como tomar decisões políticas que diminuam as injustiças e oportunizem mais pessoas aos bens materiais e humanos é assunto recorrente nos meios acadêmicos e públicos do mundo. Neste processo, a Psicologia Social tem um papel fundamental: buscar meios mais amplos de entendimento dos fenômenos sociais e dar suporte na busca de intervenções para as melhorias de vida na sociedade moderna.

Desta forma, o racismo e as culturas são desafios ainda recorrentes, como pudemos observar ao longo deste estudo. As sutilezas e os meandros que percorrem o discurso racista ainda precisam ser melhor analisados por todos os envolvidos nesta problemática.

Com o primeiro estudo, constatamos que as concepções que alguns contextos guardam acerca das religiões afro-brasileiras se assemelham com as concepções que o brasileiro pensa do negro, mesmo não tendo encontrado, em muitos casos, significância estatística, foi possível perceber essa aproximação.

Na continuidade dos estudos, nas análises lexicais, avançamos nos estudos das diferenças intergrupais que guardam as religiões católica, evangélica e espírita em relação às religiões afro-brasileiras. Os discursos apresentados durante a análise lexical das religiões católica, evangélica e espírita apresentam nítidas diferenciações entre si, no entanto, a análise em relação às religiões afro-brasileiras demonstram que as concepções das pessoas estudadas encontraram repertórios que remontam ao primitivo. Foi encontrado também, discursos que evitavam falar sobre as religiões afro-brasileiras, com recursos lingüísticos de que não sabe opinar, no entanto, os mesmos sujeitos elencaram adjetivos acerca dos praticantes das religiões afro-brasileiras.

Essa contradição discursiva faz parte do discurso em que o contexto argumentativo perde sua força e ganha os contornos lexicais para justificar os discursos.

Diferentemente da relação construída sobre as religiões de matriz africana, quando opinavam acerca das outras três religiões que fazem parte deste estudo, as práticas expostas, em momento algum, foram concebidas como inferiores, primitivas ou supersticiosas. Todas as categorizações e diferenciações se estabeleceram em fatores sobre as relações intergrupais, tais quais concebidas por teóricos clássicos da Psicologia Social, como Tajfel (1981), a qual o exogrupo é percebido de forma estereotipada e que há um claro discurso favorável ao endogrupo em detrimento ao exogrupo.

No entanto, quando se trata de analisar os repertórios discursivos em relação às religiões afro-brasileiras esta perspectiva intergrupar não abarcou todas as idiosincrasias, pois além de uma visão universal de categorização, não contemplou uma perspectiva de construção social da identidade através da dialética discursiva.

É neste sentido que se constrói nos espaços sociais, em que as negociações entre as disputas por fiéis tomam forma de depreciação, os discursos acerca das religiões afro-brasileiras. Estas concepções depreciativas tem sua origem histórica com os escravos que desde que aqui chegaram e não puderam expressar sua cultura e sua religiosidade, como também foram obrigados a conviver com um hibridismo religioso (Pierre Sanchis, 1995).

Os casos de discriminação racial ainda ecoam nos discursos, mesmo que revestidos de signos lingüísticos que em um primeiro momento busquem a igualdade. No entanto, quando posto em situações concretas, revestem-se de sentidos que reproduzem os discursos de inferioridade do negro. Isso reflete uma constatação que é transmitida diariamente pelos meios midiáticos, a qual as religiões afro-brasileiras continuam sendo os principais alvos das religiões tradicionais e brancas, principalmente das religiões evangélicas (Oro, 1997; Prandi, 2001; Silva, 2007).

A partir da análise do discurso foi possível entender como o racismo é revestido de sutileza. Os ataques e discursos à pessoas são cada vez mais raros no Brasil, no entanto, ainda

verificamos, numa forma diferente, um discurso racista. Portanto, os discursos hoje, assim como já observado em pesquisas de Camino e cols (2009) e Lima e Vala (2004a), não mais giram em torno das pessoas, dos negros como inferiores. No entanto, o que buscamos entender com este estudo é que o racismo não é somente uma atitude, mas esse conjunto de crenças, no qual o discurso é mediado pela ideologia dominante, e que fica claro que cultura é reconhecida como legítima no Brasil, enquanto a cultura negra é uma “desconhecida”. Portanto, mais que um recurso lingüístico para indicar as danças negras, o termo cultura não é somente um simples uso da palavra, como se estive em voga falar, mas uma referência generalizante que busca compreender todo o continente africano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alonso, L. E., Callejo, J. (1999). *El Análisis del Discurso: del postmodernismo a las razones prácticas*. Reis, Revista Española de Investigaciones Sociológicas. Madrid, pp. 37-73.
- Andrade, H. G. (2002). *Parapsicologia: uma visão panorâmica*. São Paulo: Editora Jornalística FE.
- Antaki, C., Billig, M., Edwards, D., Potter, J. (2003). *Discourse Analysis Means Doing Analysis: A Critique Of Six Analytic Shortcomings*. Discourse Analysis Online, vol.1, no.1. Retrieved November 25, 2009, from <http://extra.shu.ac.uk/daol/articles/open/2002/002/antaki2002002-paper.html>
- Azambuja, M. P. R. Nogueira, C. (2009). *Potencialidades Investigativas para a Violência de Gênero: utilização da análise do discurso*. Ciência e Saúde Coletiva, Rio de Janeiro. 14(5): 1721-1730.
- Azevedo, D. (2004). *A Igreja Católica e seu papel político no Brasil*. Estudos Avançados. vol.18, n.52, pp. 109-120.
- Bakhtin, M. (2006). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*(12ª Ed). São Paulo: Hucitec.
- Billig, M. (1991). *Ideology and Opinions: Studies in Rhetorical Psychology*. London: Sage Publications.
- Billig, M. (1995). *Banal Nationalism*. London: Sage Publications.
- Camargo, B. V. (2005). *ALCESTE: Um programa informático de análise quantitativa de dados textuais*. João Pessoa: Editora Universitária..
- Camino, L. (2004). *O Papel da Psicologia nas Mudanças Sociais e Culturais*. Estudos de Psicologia, v. 31, n. 2, p. 02-12.
- Camino, L., da Silva, P., & Machado, A. (2004). *As novas formas de expressão do preconceito racial no Brasil: Estudos exploratórios*. In M. E. Lima, & M. E.

- Pereira (Orgs.). *Estereótipos, preconceito e discriminação*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia.
- Camino, L., da Silva, P., Machado, A., & Pereira, C. (2001). *A face oculta do racismo no Brasil: uma análise psicossociológica*. *Revista Psicologia Política*. 1 (1), 13-36.
- Camino, L., Gouveia, L., Paz, M. & Laureano, M. (2009). *Representações Sociais e Repertórios Discursivos Contemporâneos sobre as diferenças raciais no Brasil*. *Psicologia e Sociedade*. Submetido à publicação.
- Davies, B. Harré, R. (1990). *Positioning: The Discursive Production of Selves*. *Journal for the Theory of Social Behavior*. 20(1), 43-63.
- Doise, W. (2002). *Da Psicologia Social à Psicologia Societal*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Vol. 18 n. 1, pp. 027-035.
- Edwards, D. (2005). *Psicologia Discursiva: unindo teoria e método com um exemplo*. In: Iñiguez, L. (Org.). *Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais*. Petrópolis, Rio de Janeiro. 2ª Ed, Vozes.
- Edwards, D., Potter, J. (2005). *Discursive psychology, mental states and descriptions*. In H. te Molder & J. Potter (Orgs.). *Conversation and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Edwards, D. Hepburn, A. Potter, J. (2009). *Psychology, sociology and interaction: disciplinary allegiance or analytic quality? — a response to Housley and Fitzgerald*. *Qualitative Research*, 9: 119-128.
- Ellwood, R. S., Alles, G. D. (2007). *The Encyclopedia of World Religions, Revised Edition*. New York: DWJ BOOKS.
- Erthal, R. (2000). *A Colonização Portuguesa no Brasil e a Pequena Propriedade*. *GEOgraphia – Ano. II – N° 4*.

- Ferretti, S. (2007). *Sincretismo e Religião na Festa do Divino*. Revista *Anthropológicas*, ano 11, vol. 18(2).
- Foucault, M. (2006). *A Ordem do Discurso* (13ª ed.). São Paulo: Edições Loyola.
- Gomes, N. L. (2003). *Cultura negra e educação*. Rev. Brasileira de Educação, n. 23.
- Harré, R. (2001). *El papel de los estudios lingüísticos en la investigación psicosocial: el caso de las pasiones y los sentimientos*. *Athenea Digital*, 1, 25-30. Retrieved December 13, 2009, from <http://seneca.uab.es/athenea/num1/harre.pdf>.
- Ianni, O. (2004). *Dialética das relações raciais*. Estudos Avançados vol.18 (50).
- IBGE. (1999). *População jovem no Brasil: estudos e pesquisas. Informação demográfica e socioeconômica número 3*. Rio de Janeiro-RJ: IBGE
- IBGE (2004). *Pesquisa de orçamentos familiares 2002-2003*. Rio de Janeiro-RJ: IBGE
- IBGE (2007) *Perfil das rendas do Brasil*. Boletim informativo, agosto de 2007. Rio de Janeiro-RJ: IBGE
- Iñiguez, L. (2005). *Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Vozes.
- Lima, V., C. (1974) *O Conceito de nação nos Candomblés da Bahia*. Afro-Asia, n12.
- Lima, M. E., & Val, J. (2004b). *Sucesso social, branqueamento e racismo*. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, Vol 20, pp. 011-019.
- Lima, M. E., & Vala, J. (2004a). *As novas formas de expressão do preconceito e do racismo*. *Estudos de Psicologia*, pp. 401-411.
- Lima Nunes, A. V. (2009). *Inserção Social, Racismo e Desenvolvimento de Discursos sobre Justiça Interracial*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil.

- Mendonça, A. G. (2007a). *Protestantismo no Brasil*. Revista USP, n.74, p. 160-173.
- Mendonça, A. G. (2007b). *Protestantismo no Brasil e Suas Encruzilhadas*. Revista USP, n.67, p. 48-67.
- Minayo, M. C. (2007). *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde* (10^a ed.). São Paulo, Brasil: Hucitec
- Moscovici, S. (2003). *Representações Sociais – investigações em psicologia social*. Petrópolis: Editora Vozes
- Motta, R. (2000) *Paradigmas de interpretação das relações raciais no Brasil*. Estudos Afro-asiáticos. N 38.
- Nascimento, A. R. A., Menandro, P. R. M. (2006). *Análise lexical e análise de conteúdo: uma proposta de utilização conjugada*. *Estud. pesquis. psicol.*, vol.6, no.2, p.72-88.
- Nogueira, C. (2008). *Análise(s) do Discurso: diferentes concepções na prática de pesquisa em Psicologia Social*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília. Vol. 24, n 2, PP 235-242.
- Oro, A. P. (1995). *Desterritorialização das religiões Afro-brasileiras*. *Horizontes Antropológicos*, Vol 1 (3).
- Oro, A. P. (1997). *Neopetencostais e Afro-brasileiros: quem vencerá esta guerra?* *Debates do NER*, 10-36.
- Paixão, M., & Carvano, L. M. (2008). *Relatório anual das desigualdades raciais no Brasil; 2007-2008*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Parker, I. Burman, E. (2008). *Critical Psychology: four theses and seven misconceptions*. *Hellenic Journal of Psychology*, Vol 5, pp 99-115.
- Pereira, C., Torres, A. R. R., & Almeida, S. T. (2003). *O estudo do preconceito na perspectiva das representações sociais: análise da influência de um discurso*

justificador da discriminação no preconceito racial. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16 (1), 95-107.

Pierre Sanchis, J. F. (1995). *As tramas sincréticas da história*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 28, p. 123-138.

Pinheiro, E. d. (2008). *Condomblé nagô do Axé Opô Afonjá: uma história de constituição de identidade e território na cidade de Salvador no Oitocentos*. XIII Encontro de História da Anpuh-Rio. Rio de Janeiro-RJ.

PNUD. (2005). *Relatório de Desenvolvimento Humano - racismo, pobreza e violência*. Brasília: PNUD.

Potter, J. Wetherell, M. (1992). *Discourse and Social Psychology: beyond attitudes and behaviour*. London: Sage.

Potter, J. (2008). *Hacer que la psicología sea relevante*. *Discurso & Sociedad*, Vol 2(1), 186-200.

Prandi, R. (1995). *Deuses africanos no Brasil contemporâneo - Introdução sociológica ao Candomblé de hoje*. *Horizontes Antropológicos*, Vol 1 (3).

Prandi, R. (2001). *O candomblé e o tempo: concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras*. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 16, n. 47,

Prandi, R. (2003). *As Religiões Afro-brasileiras e seus Seguidores*. In *Afro-brasileiros, Pentecostais e Católicos*, Vol. 3, Nº 01, Porto Alegre: Civitas.

Rodrigues, F. (1995) – *Racismo Cordial*. Em: C. Turra e G. Venturi, (Orgs.). *Racismo Cordial: A mais completa análise sobre o preconceito de cor no Brasil*. São Paulo: Editora Ática.

Rodrigues, R. S. (2006). *Identidade negra em terreiros de Candomblé em Belo Horizonte: um estudo psicossocial a partir do discurso de lideranças*

religiosas. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Santos, J. V. T. dos (2001). *As possibilidades das Metodologias Informacionais nas práticas sociológicas: por um novo padrão de trabalho para os sociólogos do Século XXI*. *Sociologias*, n.5

Silva, M. J. (1995) *Racismo à brasileira. Raízes históricas: um novo nível de reflexão sobre a história social do Brasil*. São Paulo: Anita Garibaldi.

SILVA, V. G. (2007). *Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: Significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo*. *Mana*, vol.13, n.1

Spink, M. J. , Medrado, B. (2004). *Produção de Sentidos no Cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas*. In Spink, M. J. (Org.). *Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano. Aproximações teóricas e metodológicas* (3ª ed.). São Paulo: Cortez

Tajfel, H. (1981). *Grupos Humanos e Categorias Sociais I e II* (L. Amâncio, Trad.) Lisboa: Livros Horizonte.

Traverso-Yépez, M. (1999). *Os discursos e a dimensão simbólica: uma forma de abordagem à Psicologia Social*. *Estudos Psicologia* , 39-59.

Vala, J. (2002). *Representações Sociais e Psicologia Social do Conhecimento Cotidiano*. In: Vala, J; Monteiro, M. B. (Orgs) *Psicologia Social* (4ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Van Dijk, T. A. (2000). *Cognição, Discurso e Interação*. São Paulo: Linguística Contexto Editora.

Van Dijk, T. A. (2008). *Discurso e Poder*. São Paulo: Contexto.

Venerano, I. M. (2003). *Liturgia e negritude: uma aproximação ao tema na perspectiva da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil*. Dissertação de Mestrado, Escola

Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-graduação e Teologia, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil.

Waiselfisz, J. J. (2007). *Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros*. Brasília: OEI.

Wetherell, M. & Potter, J. (1996). *El análisis del discurso y la identificación de los repertorios interpretativos*. In A.J. Gordo e J.L. Linaza (Orgs.). *Psicologías, discursos y poder*. Madrid: Visor

ANEXOS

Anexo I

Questionário

O Grupo de Pesquisa em Comportamento Político – GPCP – da UFPB vem refletindo há um tempo sobre as relações intergrupais no Brasil. Acreditamos que os grupos que trabalham nas diversas religiões constituem espaços importantes para o debate desta questão fundamental para o nosso país que possui diversos aspectos. Portanto, gostaríamos muito de conhecer sua opinião enquanto **MEMBRO EFETIVO DE SUA IGREJA**. Para isto, responda como se fosse uma **REDAÇÃO**.

Idade: ____;

Sexo: Homem [] Mulher []

Com qual população **você** se identifica? Branca [] Morena [] Negra []

1a-) Descreva o que você considera os elementos essenciais da religião Católica:

1b-) Selecione os adjetivos que os membros de sua religião atribuiriam aos católicos:

- | | | | |
|-------------------------------------|--------------------------------------|--|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiciosas | <input type="checkbox"/> Pobres | <input type="checkbox"/> Civilizadas | <input type="checkbox"/> Sonhadoras |
| <input type="checkbox"/> Alegres | <input type="checkbox"/> Simpáticas | <input type="checkbox"/> Inteligentes | <input type="checkbox"/> Honestas |
| <input type="checkbox"/> Solidárias | <input type="checkbox"/> Ricas | <input type="checkbox"/> Independentes | <input type="checkbox"/> Trabalhadoras |
| <input type="checkbox"/> Agressivas | <input type="checkbox"/> Antipáticas | <input type="checkbox"/> Egoístas | <input type="checkbox"/> Desonestas |

2a-) Descreva o que você considera os elementos essenciais das religiões Afro-brasileiras (Umbanda, Candomblé, etc.):

2b-) Selecione os adjetivos que os membros de sua religião atribuiriam aos praticantes das religiões afro-brasileiras (Umbanda, Candomblé, etc.):

- | | | | |
|-------------------------------------|--------------------------------------|--|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiciosas | <input type="checkbox"/> Pobres | <input type="checkbox"/> Civilizadas | <input type="checkbox"/> Sonhadoras |
| <input type="checkbox"/> Alegres | <input type="checkbox"/> Simpáticas | <input type="checkbox"/> Inteligentes | <input type="checkbox"/> Honestas |
| <input type="checkbox"/> Solidárias | <input type="checkbox"/> Ricas | <input type="checkbox"/> Independentes | <input type="checkbox"/> Trabalhadoras |
| <input type="checkbox"/> Agressivas | <input type="checkbox"/> Antipáticas | <input type="checkbox"/> Egoístas | <input type="checkbox"/> Desonestas |

3a-) Descreva o que você considera os elementos essenciais da religião Evangélica:

3b-) Selecione os adjetivos que os membros de sua religião atribuiriam aos evangélicos:

- | | | | |
|-------------------------------------|--------------------------------------|--|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiciosas | <input type="checkbox"/> Pobres | <input type="checkbox"/> Civilizadas | <input type="checkbox"/> Sonhadoras |
| <input type="checkbox"/> Alegres | <input type="checkbox"/> Simpáticas | <input type="checkbox"/> Inteligentes | <input type="checkbox"/> Honestas |
| <input type="checkbox"/> Solidárias | <input type="checkbox"/> Ricas | <input type="checkbox"/> Independentes | <input type="checkbox"/> Trabalhadoras |
| <input type="checkbox"/> Agressivas | <input type="checkbox"/> Antipáticas | <input type="checkbox"/> Egoístas | <input type="checkbox"/> Desonestas |

4a-) Descreva o que você considera os elementos essenciais da religião Espírita:

4b-) Selecione os adjetivos que os membros de sua religião atribuiriam aos espíritas:

- | | | | |
|-------------------------------------|--------------------------------------|--|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiciosas | <input type="checkbox"/> Pobres | <input type="checkbox"/> Civilizadas | <input type="checkbox"/> Sonhadoras |
| <input type="checkbox"/> Alegres | <input type="checkbox"/> Simpáticas | <input type="checkbox"/> Inteligentes | <input type="checkbox"/> Honestas |
| <input type="checkbox"/> Solidárias | <input type="checkbox"/> Ricas | <input type="checkbox"/> Independentes | <input type="checkbox"/> Trabalhadoras |
| <input type="checkbox"/> Agressivas | <input type="checkbox"/> Antipáticas | <input type="checkbox"/> Egoístas | <input type="checkbox"/> Desonestas |

5-) Quais as diferenças entre os praticantes das religiões afro-brasileiras e os praticantes da sua religião?

6-) Qual a importância da crença religiosa em sua vida?

7-) A crença religiosa é importante para a sociedade brasileira?

- Sim Não Porque?

Anexo II**TERMO DE CONSETIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO AO PARTICIPANTE DA PESQUISA**

Prezado (a) Senhor (a),

A presente pesquisa tem por objetivo conhecer as relações intergrupais e raciais no contexto brasileiro. Para a realização dessa pesquisa, viemos, muito respeitosamente, solicitar de V. S^a. Permissão para que você seja submetido a uma entrevista. A entrevista será realizada por um aluno do Programa de Mestrado em Psicologia Social, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como parte do trabalho de Dissertação. Você não é obrigado a se submeter à entrevista, e também poderá desistir a qualquer momento em que a entrevista esteja sendo realizada.

Informamos que o interesse por essa pesquisa é puramente científico, que sua identidade individual será preservada e que os dados serão utilizados agrupados sem a identificação individual. Caso você se disponha a participar dessa pesquisa, por favor, assine seu nome abaixo.

Agradecemos imensamente a sua colaboração.

João Pessoa, ____/____/_____

Assinatura do participante

Prof. Leoncio Camino*
(Orientador)

Matheus Laureano
(Pesquisador)

* Professor da UFPB, do Programa de Mestrado e Doutorado em Psicologia Social e coordenador do Grupo de Pesquisa em Comportamento Político.

Anexo III

Transcrição da Entrevista com a Mãe de Santo

ENT - Aqui é um terreiro de Candomblé, né?

MS – É, aqui é um terreiro de Candomblé. Candomblé quer dizer uma religião de matriz africana, né, é, é uma religião que vem com os negros, né, quando eles vem, quando eles saem do seu país, né, como reis e rainhas e são escravizados aqui no Brasil, eles trazem consigo a sua religião, só que lhe tiraram até este direito de respeitar e cultivar a sua crença, então, teve, houve uma grande resistência, né, onde... é, salvador, né, saiu na frente com o terreiro de Iyá Nassô e aí, em seguida, os outros estados foram, é, tomando conta dessa religião, que é uma religião originária, né, da população negra, né.

ENT – E aqui na Paraíba, aqui especificamente, no nosso contexto, é, como é a receptividade, do pessoal... o terreiro está inserido em uma determinada comunidade, está num bairro, com é a aceitação do pessoal em torno do terreiro?

MS – Hoje, hoje né, no século XXI e nos anos 2000, né, a gente já vê que a sociedade ainda não nos tolera, né, mesmo a gente da comunidade que é uma comunidade que tem a população negra grande, né, uma história de, de pessoas que são consideradas desfavorecidas, considero minoria grande, mas a gente ainda vê uma resistência grande dessas pessoas para com a religião de matriz africana, né, mesmo sabendo que hoje nós somos comunidades tradicionais de terreiro, que tenha todos os direitos garantidos por lei, como as outras comunidades quilombolas, indígenas. Todos os direitos que essas comunidades tem, a gente também tem. Mas, não só essa comunidade, quando eu falo, falo na Paraíba num modo geral: a sociedade não nos respeita, ela nos tolera. E o que nós precisamos não é de tolerância, nós precisamos de respeito, que é bem diferente de tolerância. E essa intolerância tem inclusive na, na Conferência de Segurança eu falava: quando existe a intolerância, existe a insegurança. Porque se nós estamos em uma comunidade, onde há intolerância religiosa, então há também a violência. Esse terreiro, pelo menos, tem 40 anos nesse mesmo lugar, então, o que nós passamos quando chegamos aqui? Agora, né, que Mãe Renilda fez a sua história, porque eu construí essa história sozinha, porque na época não tinha com quem construir essa história, né, então os terreiros eram apedrejados, né, a gente tinha terreiro que, inclusive esse terreiro aqui ali atrás, no fundo do quintal, porque se fosse na frente era apedrejado, né. É, não só esse aqui como outros que tem na, na região. Mas depois eu fui fazendo uma construção, né, uma construção de cidadania na, no local, nesse local e fui conquistando, né, o respeito da sociedade deste bairro, né, e depois desse bairro que eu parti para outros bairros, mas primeiro eu fui tive que conquistar o respeito desta comunidade e hoje se você sair comigo aqui em Cruz das Armas, pouquíssimas pessoas me chamam de Renilda. Você vai ver que cidadãos de 70 anos de idade a adolescentes de 15, 14, 13, 12 anos vão me chamar de Mãe Renilda, ta. Porque isso foi uma identidade que eu fui construindo, aos poucos, um

trabalho social. Mas eu também acho que o que confunde, Matheus, é compreender o que é religião de matriz africana e o que for de charlatão que estão em nosso meio.

ENT – Todos os meios...

MS – Que todas as religiões, em todos os seguimentos, né, a gente se pega com esses senhores e essas senhoras que gostam de atravessar o nosso caminho, né. Fazer o que? Agora, eu acho que essa forma do charlatanismo entrar nesse meio, devido a não termos nenhuma lei, né, que garanta, é, como tirar essas pessoas de nosso meio, eu acho que por esse motivo a gente sofre mais, porque as pessoas só vão, por exemplo, é, eu estava aqui semana passada, me chega uma mulher, uma senhora: “Mãe Renilda, eu vim para você conseguir trazer meu marido de volta para casa”.

[...]Olhei para ela aí onde você está e digo: “eu vou fazer seu marido voltar para casa? [...]Vou lhe ser bem sincera, não sou cafetina, sou sacerdotisa”, é que eu sou cara de pau de digo mesmo, “não sou cafetina, sou sacerdotisa de matriz africana”. Aí comecei mostrar para ela a diferença, né, então, aqui neste terreiro pelo menos, Matheus, é, nós não recebemos pessoas com esse tipo de coisa, aqui a gente dá, faz iniciação de filho de santo, aqui a gente orienta a comunidade, né, qualquer pessoa da sociedade que queira vir para cá ser orientada, como uma outra religião, né, você está com problema com seu pai, com desavenças, você, a gente conversa, mostra qual é o melhor caminho, quem deve ceder, como é que se deve... esse é o trabalho do terreiro. O terreiro é um local de acolhimento, ta. Mesmo sendo um local de acolhimento, nós passamos por um racismo, uma homofobia, sabe, que esse ano só, não sei se você está sabendo, nós tivemos três ou quatro pais de santo mortos, né, e, e, a polícia e a justiça diz: não, não foi homofobia, não foi racismo. Mas todas as pessoas eram negras, eram homossexuais, eram de religião de matriz africana e moravam na periferia, eram desempregadas. Então, cinco pontos básicos para você não poder, não precisar viver, né.

ENT – Cinco indicações

MS – Cinco indicações, né (risada irônica): negro, pobre homossexual, religião de matriz africana, morando na periferia e desempregado. Então, se a gente for elencar, ainda encontra mais. O racismo ele predomina nesse país. Quando você olha para alguém que diz: eu não sou racista, pronto! O racismo já está guardado na sua cabeça, né. Então, eu acho que nós precisamos quebrar esse racismo, sim. Nós somos um país de terceiro mundo. E a gente ainda se olha e diz: não! Não existe racismo. Como que não existe racismo? Se você observar, você passa a ser além de, de um pesquisador, você a partir de agora passa também a ser um observador, quando eu chego em uns espaços com meu turbante na cabeça, você vai observar que há indivíduos que não falam comigo naquela ocasião, perto de outras pessoas, baixam a vista, fazendo com que não tenha me visto, tiram a vista para o alto, né.

ENT – Como se não conhecesse

MS – É... que quando a, a as autoridades saem de perto, a pessoa vem e faz: “mas eu amo demais a senhora, mãe”. Eu faço: “ai que maravilha! Eu sou feliz pelo seu amor”. Então, isso tudo acontece no meio, né, e com é, agora, como, é como administrar, né. Eu administro muito bem. Existe outras pessoas que vão para a briga, para... não! Eu administro muito bem, com muita tranquilidade porque eu, não, eu compreendo, não entendo, mas é a construção cultural desse nosso país, né. É, é, a cultura do país que a religião do branco, né, ela é vista com outros olhos, de uma forma tal que se você for fazer uma pesquisa, você vai, em alguns terreiros, você vai chegar e a mãe vai dizer: “eu sou espírita”. Porque ser espírita é mais fácil.

ENT – Muito mais!

MS – Devido a ler o evangelho, né.

ENT – E por ter sido por branco

MS – E por ter sido por branco. Já a religião de matriz africana, ela foi construída por negras e negros, que a nossa maior bandeira de resistência, é quando nós estamos na senzala, né, quando os capoeiras, os capoeiristas jogam sua capoeira, dançam, fazem suas rodas, para que nós possamos rezar para o nosso orixá sem que os senhores escutem, para que a gente não vá para a chibata, então é onde mora a resistência, né, é onde mora a resistência, então, a gente sabe que é histórico, né, e que esse racismo é muito difícil de a gente acabar com ele nesse país. Porque é, é interessante a predominação, né, é, é, de, é, de você, de você até negar ainda hoje a sua religião, né.

ENT – A identidade

MS – A identidade. E assim eu, é, é, acho interessante é algumas mães de santo, alguns pais de santo que chega para você e diz assim: “se Deus quiser e Iemanjá” “se Jesus quiser e Oxum”. Porque é, é, o medo, né, às vezes um filho me pergunta: “mãe Renilda por que, que elas tem que usar Deus, tem que usar Jesus?” Oh gente, vocês querem mais o que? É, é preciso que elas se escondam, né, atrás de alguma coisa, para terem referência de viver na sociedade.

Houve um fato, a gente estava no, no segundo encontro da religião dos orixás, e eu fui na casa de uma senhora Ialorixá, Ialorixá é uma Mãe de Santo, para ela ir participar do evento e nessa época o prefeito era Cícero Lucena e ela é concursada, né, e trabalhava na prefeitura há muitos anos, ela olhou para mim e disse: “*Mãe Renilda, olha, a senhora me desculpe, é muito isso o que a senhora está fazendo, mas eu não posso ir*”. Ela era auxiliar de serviço. “*eu não posso ir*”.

Eu disse: “*por que mãe que a senhora não pode ir?*”

“*eu não posso ir porque a senhora está dizendo aí que o prefeito vai estar lá, a senhora já imaginou o prefeito sabendo que eu sou xangozeira?*” [...]

Né! quer dizer, é essa coisa que ainda existe e o medo, então, e a gente sabe que o racismo ele é... existe o racismo institucional, esse ele é pegajoso, esse é desconhecido, sabe, e eu me sinto muito mal com esse racismo aqui no país e no meu estado principalmente. Aqui na Paraíba eu sou respeitada, sou vista com olhos diferentes de outras Mães de Santo e Pais de Santo, devido a essa construção que eu fiz no rádio, na televisão, na mídia, né, Estar sempre em locais onde está a sociedade.

ENT – Me, me diga uma coisa: os frequentadores, eu não sei o termo certo, os frequentadores, os filhos de...

MS – Os adeptos

ENT – Os adeptos, no seu terreiro especificamente, eles são de maioria o que, branca ou de maioria negra.

MS – A religião de matriz africana hoje ela é uma religi... ela, ela é uma diversidade, né. Nós temos negros, temos brancos, a gente tem mais branco, eu acho, na pele, né, a, a cor de pele, mas que são negros e negras na identidade, que eu acho que é, não é a nossa pele que diz quem nós somos, né. Então, é, é, nós temos, eu vejo, não só no meu terreiro, como em outros terreiros, outros, nós temos uma lavra de brancos dentro dos terreiros, né, e diga-se de passagem que hoje nós temos, é, há vinte anos passados, nós tínhamos o que? Para, era varredores de rua, eram, eram pegadores de frete, era lavadeiras de roupas, donas de casa, né, nos terreiros. Hoje nós temos uma diversidade também, né. Hoje nós temos, é, donas de casas né, temos também seus maridos, que há vinte anos passados não tínhamos os maridos. Ou então quando tinha marido não tinha a mulher, porque era tão grande é, é o racismo a discriminação, que o marido não deixava a mulher ir para o terreiro porque lá era lugar de prostituição. Hoje não, hoje já vêm com outros olhos, hoje eu vejo da seguinte forma: hoje já, aqui neste terreiro, pelo menos, a gente tem 99% de casais, marido e mulher, ta, e assim, a gente tem outro detalhe que é: há pessoa não alfabetizada, a alfabetizada, aí temos o doutor, inclusive ele, o Dr. Antônio nosso querido filho de santo daqui do nosso terreiro, né, é, temos vários, várias pessoas da universidade com mestrado, com doutorado, como Dra. Ana Coutinho, que são nossas filhas daqui, né. Então, hoje a gente vê, olha só que mudança, né assim, mas para isso é preciso uma construção, não é?

Temos pessoas aqui, tipo professor Antônio que contribui, você agora com esta pesquisa vai dar uma grande contribuição, aí vamos, né, a professora Ana Coutinho, dá uma outra contribuição. Eu acho que a Universidade ela, ela ta, ela tem um papel importantíssimo na quebra desse racismo, no meio dessa religião, sabe, é, é, algumas pessoas acham que não, eu acho que sim, porque eu digo que tudo é pela educação. Não tem outro caminho, o caminho é esse. O racismo para mim é a falta de cultura, sabe, e, e, se você está lá na Universidade, né, descobrindo alguma forma de quebrar esse racismo, eu acho que é de suma importância. Por isso que eu digo: a Universidade ela é, precisa ser nossa parceira nessa luta.

ENT – E, e, qual é a relação com as religiões no entorno do terreiro? Com outras denominações religiões, ou centros espíritas, ou igrejas evangélicas, igrejas católicas. Como é que se dá a, a, a, as relações, como se dão as relações?

MS – Cada qual no seu cada qual, né, cada qual no seu cada qual. Nós estamos abertas para todos e todas, né. Porque a de matriz africana, você sabe que é uma religião, ela não chama ninguém, ela não chama, ela não, não tem aquela influência de ficar dando lavagem cerebral.

ENT – Proselitismo

MS – Não, não, a, a matriz africana você vem, a porta está aberta, você entra e se você se identifica, você fica, né. E nós passamos pelo racismo já esse ano, de evangélicas aqui, a gente sabe quem foi, mas a gente não ia, dá para engolir igual para igual, de colocar até carta no nosso carteiro dizendo que ia matar a gente, que ia acabar com a gente, sabe, e, evangélicas daqui da área, né.

ENT – Um hum!

MS – E a igreja católica, ela fica naquela posição, né que os seus adeptos vem para o terreiro, são frequentadoras do terreiro, né, participam das festas do terreiro, é, é, recebem seus orixás no terreiro, mas toda manhã elas estão lá na missa das 7 horas, que é para dizer a sociedade, que ela não é de um terreiro, né. Aqui em Cruz das Armas pelo menos eu tenho uma boa, eu pelo menos, eu, Mãe Renilda tenho uma boa relação com o pároco, né, que é uma pessoa bem tranqüila, que, eu acho que a Igreja Católica tem uma maior abertura, assim uma abertura maior do que as outras.

Já a igreja, já a evangélica, né, principalmente essa Universal é, é, eles usam a nossa religião para se promoverem. Aliás, a Igreja Universal não é uma igreja evangélica, ela é um terreiro, de candomblé. Porque quem faz limpeza de corpo é o terreiro; quem faz descarrego é o terreiro, né; quem faz banhos com, com flores é o terreiro; quem perfuma e incensa é o terreiro, né. Então é, quem dá água e lava a cabeça das pessoas com água bastante, são os terreiros, né, então, é, a gente tem Iansã que aquela passagem que eles fazem do fogo, é o Orixá Iansã que faz no terreiro. Então tudo o que é feito nos terreiros, a Igreja Universal leva para lá. É um terreiro (risos), revestido (risos), né, só que, e graças aos Orixás não é realmente um terreiro, porque da forma que eles conduzem, eu não queria que fosse conduzido. Mas se alguém me perguntar: mas ué, é por isso que os terreiros são pobres. Eu acho que é melhor ser pobre de, de dinheiro, né, com dignidade, do que ser rico, né, desonestamente. Eu acho que os terreiros hoje vivem muito bem, né, dessa forma, esperamos só que acabe essa intolerância e o racismo.

ENT – Com certeza, e, e quando a pessoa procura, a maioria das pessoas quando procuram, vem ao terreiro pela primeira vez, normalmente eles vem procurando o que?

MS – Geralmente eles vem procurando descobrir quem é o seu Orixá, quem é o seu caminho, porque ter um Orixá é um dom que dar caminho a sua vida, né para nós que cremos na matriz africana. Eu sou filha de Oxossi, então, para mim, Oxossi é o caminho da

minha vida, então, a minha direção vai em tudo o que Oxossi faz e diz, né. É, eu pego é, os búzios e vejo todos os dias o que Oxossi reserva para mim nesse dia.

Ah, mas é uma adivinhação? Não! É uma forma, é uma forma de, você não vai conversar com o padre, eu me confesso com Oxossi. Só que eu vejo de outra forma, eu pego o Jogo de Búzios, vou olhar e de acordo com as pedras de búzios eu vou ver qual é o meu caminho naquele dia. Para mim, pelo menos, sempre deu certo e sempre dá certo os caminhos de Oxossi, por eu ser filha dele, né, me abençoa todos os dias, todas as ocasiões. Tenho que agradecer a ele, por tudo o que ele me dá na vida, minha saúde e, as pessoas vêm justamente, porque no espiritismo você vai buscar o desenvolvimento espiritual, né.

ENT – É

MS – o caminho, né. Já no Candomblé, as pessoas vem, descobre seu Orixá, é, já é... Eu fiz um jogo tem um mês, mais ou menos, dois meses, mais ou menos, para uma pessoa, inclusive ele está no mestrado na universidade também, e quando ele sentou para jogar os búzios, ele olhou para mim e disse: “eu só vou jogar os búzios com a senhora, se a senhora me disser que vai poder ser minha Mãe de Santo. Se eu vou poder ser dessa religião e se eu vou poder ser filho dessa casa”. Então, eu acredito que o Orixá já tenha dado o caminho que ele tenha que seguir, eu não precisei chamar ele para ser um filho da casa. Ele já veio dizendo que só jogaria os búzios se fosse ser filho da casa, então eu acho, achei isso muito importante naquela ocasião assumir e você dizer, eu só vou jogar o búzio, quer dizer, olha o respeito que você tem por essa religião, quando você procurou, né. Então, a maioria das pessoas procuram para olhar, ver seu Orixá, seu caminho, por que estão com algum problema na, na sua vida, não financeira, mas é, alguns problemas, vamos dizer de, de, difícil, dificuldade de socialização, né, dificuldade de socialização aí eu digo, procure um psicólogo ou psicóloga.

Não, “porque o terreiro, mãe, já é um psicólogo”. O terreiro, no terreiro, atendemos como psicólogas, como assistente social, como ginecologista (risos), como secretária de infraestrutura (risos), é, como secretária de ação social. O terreiro faz um trabalho geral, trabalhamos, né, é, é, trabalhamos com o que? Com a cura de um modo geral, porque a pessoa está com uma dor de cabeça, vem ao terreiro, e aí não quer tomar um outro remédio que o médico passou, e aí a gente vai ver qual é a erva que daria certo para aquela pessoa, né, ver se a pessoa é diabética, se não é. A gente faz toda uma pesquisa também, agora, se você toma um chá de tal erva, porque você vai... aí já vimos curar muita gente, só com banho de erva, só com passar dos caroços. Que às vezes dizem assim, porque é que pedem tanta coisa no terreiro? Mas por que pedem tanto, pedem feijão, pedem arroz e pede farinha e pede não sei o que? Por que? Na hora que a gente passa, olha, você tem que voltar para a terra tudo o que você tirou da terra. Hoje nós temos uma dívida muito grande com a terra, né. [INCOMPREENSÍVEL], então, quando a gente pega o feijão, é o arroz, né, o milho e a gente traz para um terreno baldio ou para outro terreno, ali onde está a terra, a gente passa em você, aí você sente uma felicidade muito grande, porque está voltando para terra tudo o que você tirou.

E aí é onde há aquele problema que você estava, vai saindo junto e aí, vai ficar, enterradinho. E aí daqui a pouco começa a florescer aqueles grãos, para a gente, né, fazer uso e comer. Então, é isso que é o terreiro, é o lugar de você ser acolhido e de você se cuidar psicologicamente.

ENT – Com certeza, e a senhora acha que há diferença entre as religiões, no sentido de que, numa hierarquização, há religião melhor que outra?

MS – Eu acho que não! Toda religião tem um caminho, né. Que caminho é esse? Existe pessoas que acham que existe um caminho da salvação, né. Cada um tem sua forma de pensar, tem uma maneira de pensar. Existe outras pessoas que acham que, se morrer, vão para o céu, né, e assim vai... mas eu acho que os segmentos das religiões, o caminho é um só, que é o cuidar, que é o viver bem com as pessoas, né, porque se nós viemos para cá, não foi por acaso, foi por uma causa, né.

ENT – Hum...

MS – Algumas religiões acham que há essa diferença e eu não acho, porque todas as religiões levam ao caminho do bem, ao bom caminho, né. Porque a partir da hora que você vem ao terreiro e eu vou cuidar de você, então o caminho é bom.

ENT – Por exemplo, tanto faz ser de uma religião de matriz africana, como uma religião cristã, como uma religião muçulmana, neste sentido?

MS – Sim, eu acho sim. Eu acho que a sua identificação com a religião, né. Eu, imagina só eu... eu... eu evangélica? Eu não me vejo é... é... não combina comigo eu me identificar com essa religião, né. É que aqui eu me sinto bem, é nisso que me sinto bem [...] mas é porque eu ganho dinheiro? Não! Eu tenho o meu salário para viver somente, né. Então eu acho que a sua religião é aquela que você se identifica, você não pode ir para nenhuma religião, é por... é... “Maria vai com as outras”. Porque foi ou não foi. Fulano foi e fulano chegou lá e enricou, fulana estava desempregada, foi para lá e se empregou. Se fulano foi e se empregou eu também posso me empregar, né. Então eu acho que você que... eu tenho uma filha que eu não a batizei na Igreja Católica, quando criança, e ela, como Pai Carlos, que é meu filho biológico também, nasceu na maternidade e veio direto para o terreiro e eu não a batizei, só que, aos vinte e cinco anos, vinte e quatro anos, ela decidiu qual era a religião, que eu acho que tem que decidir, tem o direito de decidir e ela decidiu que iria ser católica. Ela mesma foi para a igreja, ela mesma se batizou, ela mesma se crismou, ela mesma fez tudo e que pretende se casar lá, né. Só que ela ainda não tem uma religião definida, mesmo assim... que ela, acho que ela...

ENT – Está em construção.

MS – Está em construção, né. Ela já namorou rapaz espírita... e assim vai. E eu dou essa liberdade aos meus filho, para eles terem a crença que eles acham que é a melhor para eles. Eu não posso dizer a ela que tem que ser de matriz africana, só porque eu sou de matriz africana. É o direito de você de você decidir qual é a sua fé. Então eu acho que todas as

religiões tem um caminho e esse caminho precisa ser um caminho do bem, esse caminho é bom, que a gente acolhe, faz um bem as pessoas, cuida das pessoas... é a nossa fé.

Ah Mãe Renilda, e... e se a gente recebe muito disso que quando vai morrer, vai para o inferno. E a minha resposta é uma só: eu não vou para o inferno e nem vou para o céu. Porque na minha religião não há inferno. Na minha religião não há demônio. Demônio é cristão. Inferno tem na... na... na igreja cristã, mas na minha religião não tem. Então eu não vou para o inferno, se na minha religião não tem diabo, não tem demônio, então eu acho que cada religião, para mim, se você se identificar é toda igual.

Anexo IV

Transcrição da Entrevista com um Padre Católico

ENT – Há quanto tempo o senhor exerce o sacerdócio?

PADRE – A gente, (tosse) a gente fala do sacerdócio na Igreja de duas maneiras: o sacerdócio comum, que é a partir do batismo, então desde que a gente fica consciente, com sete anos a gente vai entendendo que é, isso é... essa ligação com Deus... e o ministerial, que é o que você perguntou, desde 80, então já faz 29 anos e meio.

ENT- Uma boa estrada, né?

ENT – O senhor acha que a religião ou uma religião é importante para a formação do indivíduo?

PADRE – Sim, porque... a gente acredita que a pessoa humana [...] a semelhança do que diz é ... é, como é o nome dele? Rogers, né. Centrada na pessoa

ENT – Carl Rogers

PADRE – Ele... segundo a concepção de São Paulo é corpo, alma e espírito, e ele é... a gente vê de uma maneira relacional. Quando a gente pensa em corpo, eu me relaciono com o mundo material. Alma com os sentimentos, as emoções, as outras pessoas e espírito quando me relaciono com o sobrenatural né, com o espiritual.

ENT – Como é que ela pode fazer isso, a religião?

PADRE – Olha, isso aí, também a gente acredita, acho que quase todas religiões acreditam que existe uma revelação.

ENT – Sei

PADRE – É a manifestação de Deus. Acredito que dentro da pessoa humana tem alguma coisa. Recentes pesquisas mostraram que, num dos lados do cérebro, não sei qual é, deve ser o direito né, existe é.. uma região que é ativada pela fé. Então acredito que nós por sermos dessa, nessa constituição trinitária (tosse), então, a religião é muito importante porque a gente não é só matéria, né, embora exista há 200 e poucos anos o materialismo, mas acredito que é isso, então isso é que vai dar a ética, por exemplo, a convivência, toda essa coisa é importante e a religião funciona, vamos dizer assim, de maneira não racional, não vou dizer irracional, enfim, mas de maneira não racional para fazer com que as pessoas se sociabilizem melhor. Penso desse jeito.

ENT – Aproveitando a, a, a pergunta... e indo um pouco mais abrangente, qual a contribuição que a religião teria ou pode dar à sociedade?

PADRE – [...]Veja, se a gente, a religião ela fala da sobre vida, né

ENT – Isso

PADRE – A vida além da morte. Então isso faz com que as nossas expectativas ultrapassem o tempo de vida. Se você tivesse somente o seu tempo de vida e ninguém tivesse fé ou não acreditassem em algo depois, a gente faria tudo para aproveitar só aquele tempo, então isso favoreceria o individualismo, o egosismo, né? Acredito que seria... Veja, agora recentemente, há uns 10 anos mais ou menos, a primeira ministra da Alemanha confiou a pessoas de fé, (tosse) o ministério da educação e fez isso de propósito. Houve uma reação muito grande, embora lá você tenha 45% de católicos, 45% de protestante e 10% de sem religião ou, ou o minimozinho de outras religiões. Mas porque que ela fez isso? Justamente por causa da ética, se você sabe que aquilo que você está passando (4:10), então você procura fazer com que o mundo seja melhor, a idéia é um pouco essa, embora a gente tenha pessoas que... dizem que não acreditam em Deus, já é outra coisa, né. Mas que são religiosas, por exemplo, um, um comunista, marxista, né, a gente acredita que eles sejam religiosos, inclusive do, do tronco judeu-cristão, porque Karl Marx era Judeu, né. Tão religioso a ponto de dizer quem é, quem é, por exemplo, o Deus deles? Está personificado pelo estado. Eles são capazes de dar a vida por causa daquilo ali. Isso é religioso, isso não é racional, isso não é simplesmente social. É mais que social, então por isso que eu acho que o religioso em si, mesmo que não seja tal qual religião, já abre a perspectiva do homem para além da sua própria morte ou do cumprimento da sua vida.

ENT – O senhor acha que alguma religião exerce esse papel melhor que outras? Ou pode dar uma contribuição melhor do que outras?

PADRE – É, essa pergunta é difícil de responder, porque eu nasci na religião cristã, mas na época da juventude, então eu fiz todo o questionamento: bom, se Deus não existir, eu comecei por aí, e com o tempo que eu estudei todas as outras. Então pra mim, pessoalmente, é o cristianismo que vai, porque, porque, a gente parte da revelação, né. A gente acredita num deus que vive conosco, cujo filho somos todos nós, Cristo é a cabeça, nós os membros (tosse), então a eucaristia faz com que esse corpo se atualize cada vez, então cada pessoa é... é Deus vivendo na gente, então acredito que isso é muito interessante, mas dizer que faz a melhor depende muito, porque o que é fazer melhor? Aí vai ter que apelar pra filosofia, né. Talvez a gente pudesse dizer assim: fazer melhor é conviver melhor, então você vai pelo nível de valores. Então se você vai no âmbito de valores, a gente pode dizer que muitas fazem isso. Agora existem algumas que são muito rígidas, né, com relação às punições, etc, são muito rígidas e outras são muito, assim (tosse), como é que eu diria, alienantes, faz com que a pessoa saia até da realidade ou não considere a realidade e mais um pouco, já que a gente falou a falou de filosofia, mais platônicas, não é, é uma coisa mais ou menos assim, então é uma pergunta realmente difícil de responder. O que eu acredito mesmo, é que o verdadeiro ecumenismo, o entrelaçamento com outras religiões, porque também não é só cristianismo, né (tosse), seria muito útil para a humanidade. Por exemplo, o budismo tem muita coisa para ajudar, inclusive se diz que o budismo é uma religião sem Deus, né... é, é meio complicado de entender isso, mas não deixa de ser uma religião, agora falam muito no bem estar, na felicidade, tal. Então tem

muita coisa junto com o cristianismo, Jung vai nessa linha do taoísmo. Então acho que, da sua área (risos), é quem pesquisou um pouco essas coisas aí.

ENT – No contexto mais brasileiro, na questão das religiões exercerem papel, um papel importante na sociedade, por que é que o senhor acha que há tanto preconceito em relação as outras religiões não-cristãs, por exemplo, as religiões afro-brasileiras? Por que há tanto preconceito?

PADRE – Eu acho que é o não conhecimento, a ignorância. se você pega, por exemplo, o culto das afro-brasileiras...

ENT – O candomblé, a umbanda

PADRE – eu colocaria o candomblé como base, né, que no Brasil a gente chama assim, na realidade se você for no Benin, se você for a alguns lugares da África de onde vieram aqueles que de lá trouxeram, então seria o Vodou, né. Há uma pequena diferença entre o candomblé e o vodou, que são os níveis é... da composição do universo, o vodou pensa em quatro níveis, bem explícito, o candomblé pensa em três, mas quanto ao resto é tudo muito parecido, né a idéia de divina, por exemplo, o divino, se você é pesquisa a fundo o candomblé, você vai perceber que o divino é trinitário, como na religião cristã, você tem o Obatalá, você tem Oxalá, que estava presente com Obatalá na criação do mundo e que está no mundo. Ele é um orixá, mas seria um orixá principal, vamos dizer assim, então tem aquela história de divino e humano, que a gente tem as duas naturezas de Cristo, e tem Olorin, que é o próprio espírito de Deus, né, e que os três estão presentes e juntos. É um pouquinho interessante quando você percebe isso. Depois tem toda uma outra concepção, como por exemplo, se você poderia se perguntar, quantos orixás existem? Ninguém sabe responder. Alguns já disseram 440, outros dizem que para cada um desses 440, vem outros 440 (riso). Não sei porque esse quebradinho dos 40, mas o interessante é que os principais são 12, que é um número simbólico, da constituição do próprio povo, então na humanidade inteira, desde, pelo menos, uns 3 milênios pra cá, 12 tribos formavam um povo, claro que por causa dos meses do ano, por causa do zodíaco, né, então a astronomia, que naquele tempo se chamava astrologia, hoje astrologia tem outra conotação, né. Então isso, eu acredito que tem muito a ver o desconhecimento e depois a própria forma da coisa acontecer, talvez uma pesquisa na sua área, eu tentei, mas como não era bem a minha área, não me estimei muito para continuar. Mas o que eu penso é o seguinte: se você parte de Freud, né, você pega lá o... o Inconsciente, eu acredito que é... o pessoal do candomblé não gosta muito de ouvir isso, eu acredito que a manifestação dita dos orixás, nada mais é que uma afloração do inconsciente daquele indivíduo. Quando a pessoa acha que é... que é um médium, que ele tem o filho de um santo, o que ele faz é consultar um babalorixá. E como ele vai consultar? Ele vai ficar ali, um tempo, ele tira a encomenda, a determinada comida, tal, e o babalorixá vai perceber, pela manifestação dele, de quem ele é filho, quer dizer, não é de fora para dentro, é de dentro para fora. Então eu acredito que é o inconsciente que se manifesta ali, aí você tem padrões, os padrões são os orixás, que são 12. Tem Oxum, tem uma característica né, e assim outros.

ENT – Interessante, mas na, na prática do dia a dia, o preconceito, por que se dá mais forte em relação às religiões afro-brasileira e não se dá tão forte com o budismo, por exemplo?

PADRE – tem, a cultura africana, você pode observar, nós somos um país é indígena, né, nossa origem é indígena. Os afrodescendentes vieram de um país estrangeiro e os brancos também vieram de país estrangeiros, europeus, né. Então, nossa raiz da terra, é indígena. E em muitos lugares é maioria, mas lá na cultura indígena há uma, como é que eu diria? Uma timidez... ou a própria falta de valorização de si mesmo, né, que faz com que essa cultura não se imponha. E segundo, ela mesmo em si é muito tênue, não sei se você já viu a demonstração de dança, de cantos indígenas, é só aquilo... mas se você pega a cultura africana, ela é forte, ela tem muitas cores, ela tem movimento e ela conseguiu entrar na vida, por causa de sua exuberância, por causa da sua consistência também. Então, por exemplo, você tem o...o... a... a..., a própria luta de guerra, como é que a gente chama [...] luta de berimbau, etc,

ENT – A capoeira

PADRE – A capoeira, né. A capoeira é forte. Você tem o frevo aqui, nordestino, que é justamente a mistura da capoeira com, com as... as danças européias, né. Então entrou na cultura. Você presta atenção, o povo gosta muito de colorido, de cores fortes. O europeu não, gosta de cores tênues, né. É o bege, essa cor cinza claro. O povo não, é vermelho, é azul, é amarelo, quer dizer, que isso é importante, então a cultura se impôs. Isso mexe... mexe na vida das pessoas, né. Então como o pessoal é, a... a sua fé, a sua crença, ela também transforma de certa forma o que está em volta e existe além disso, então veja, o não conhecimento, a força da cultura e uma certa demonização, que acho que é por conta da falta de conhecimento, uma demonização, por exemplo, chamar exu, exu de satanás: ah, Exu é o Diabo! Não é. Exu é a figura do... do elemento de comunicação, né. Exu é o orixá de comunicação. Ele tem que abençoar o encontro para que aquele, aquele encontro aconteça bem. Ele é o primeiro a ser chamado da África, vamos dizer assim como eles dizem, né e é o último a ser remetido de volta. Sempre se oferece uma oferenda a Exu antes de qualquer encontro no candomblé. Porque ele que abre as encruzilhadas, ele é o da comunicação, ele é o da sexualidade e por isso talvez tenham demonizado, né. Por que? Porque o que é a... a... a gente pode chamar perda da virgindade, pode chamar de forma positiva, a iniciação sexual, né. Essa iniciação sexual é atribuída a Exu por que? É a abertura dos caminhos, para quem? Para a vida. Para o relacionamento, para o amor.

ENT – Interessante.

PADRE – Então Exu entra desse jeito, aí a demonização porque sexo sempre foi olhado como pecado, né, por falta de conhecimento, o povo não pensava, era proibido também de pensar, então tudo isso eu acredito que contribuiu, acho sobretudo essas três coisas, né. Há uma quarta que vem da África mesmo, na própria, aí já vem com os próprios, a própria situação da escravidão, não só nossa, a escravidão entre eles desde o tempo dos egípcios, então você tem o que, o, o antigo império é de quantos anos? É de quantos milênios? Quatro milênios, cinco. Então se você pega... essa história na África, o próprio povo africano não tem a sua... a sua auto-estima boa, tem uma baixa auto-estima. Então eles já acham que são inferiores, já acham assim. Então é fácil de ser escravizado, entre eles mesmos, quando uma tribo derruba outra, eles escravizam, né.

ENT – Interessante

ENT – O que é que deve ser feito para diminuir esse preconceito?

PADRE – Bom, acredito que, é... é difícil porque você mexer na, na cultura, transformar valores culturais é difícil, mas eu acho que facilitar a convivência é muito importante. Uma das coisas interessantes é o econômico e social, por exemplo, se você conseguisse que todo mundo tivesse acesso, é uma das coisas que está acontecendo agora com as, com as cotas, né, tão criticadas, mas provoca... provoca isso aí. É, é uma... uma abertura, é uma coisa interessante que se podia ver, também a causa foi essa, quando abolisse a escravidão, os escravos que foram libertados, fizeram o que? Não tinham como ter o seu, né. Então eles ficavam sempre dependentes de outra forma, mas dependente. Então se não tem acesso a alfabetização ou a iniciação científica, se não tem acesso aos meios de produção, se não acesso a uma vida social mais (tosse) elevada, então esse preconceito de não, até se você pega um kardecista vai dizer, vai ser um negro está pagando alguma coisa, que nasceu pobre, geral... geralmente a maioria da população brasileira é negra por causa disso. Então é difícil, mas acredito que é possível, então promovendo essa convivência, só para usar uma palavra fraca, né. Mas acho que daí viria outras coisas.

ENT – O senhor acha que uma política pública voltada para uma inserção da cultura afro-brasileira seria interessante?

PADRE – Seria interessante e já começou até, né.

ENT – anhan

PADRE – Na igreja a gente tem muito isso, na liturgia, usando a liturgia africana, incorporando as danças, incorporando o atabaque. Você hoje muitas igrejas tem o atabaque, né. Então isso já faz com que se perca um pouco esse, esse preconceito, né.

ENT – Por exemplo, está voltando às escolas o ensino religioso. O senhor é favorável ao ensino religioso nas escolas?

PADRE – Sou favorável.

ENT – em que sentido, em termos filosóficos ou em termos litúrgicos, vamos dizer assim?

PADRE – Eu diria em termos éticos.

ENT – Certo

PADRE – Porque é o que fez a primeira ministra da Alemanha, então se você... o ensino religioso, ele é justamente para que você descubra que o outro tem direito também. Você não pode formalizar somente o ensino do... dos direitos e deveres racionalmente. E na religião você se coloca diante de um tema destes todos igualmente, qualquer que seja sua classe, qualquer que seja sua cor, qualquer que seja origem, então isso, vamos dizer, nivela as pessoas, né. Então acredito que esse ensino religioso é muito interessante. O ensino religioso das escolas não é o ensino confessional, é o ensino de valores, embora seja dado

por cristãos, porque é o que aconteceu lá na Alemanha, a gente tem que aprender com quem faz, né. A gente tem muita experiência também, aqui de ensino religioso, quando ele havia antes, era obrigatório, né. E pessoas de algumas confissões que, fazia o ensino confessional. E quando você chama o... o... o catequista católico para fazer, vamos dizer, ele faz o ensino aberto, ele abre para todo mundo... eu mesmo já ensinei na própria universidade. Na faculdade de Filosofia de Recife, justamente o que era meu Deus? Ciências da religião, era uma coisa assim, História das Religiões, Fenômeno Religioso, era uma cadeira dessa linha. Aí o que eu fazia: colocava, deixava o pessoal debater e tinha uma parte, um terço mais ou menos, das aulas (tosse) das aulas, eu chamava gente de diversos, das diversas religiões de gente que havia ali, e todos iam fazer sua exposição, o pessoal fazer pergunta. Então isso sempre ajudou, eu acredito que, quando você faz isso, aí quando você entra na pessoa que é mais na linha do fundamentalismo, ele quer passar aquilo que é o dele, porque os outros não valem nada. Você tem que ter idéia generalizada para poder ter que fazer o ensino religioso.

ENT – O senhor acha que o ensino religioso também pode ser dado por pessoas que professam a fé não cristã também? Seriam professores?

PADRE – Poderia ser, agora existem, existem normas que deveriam ser obedecidas, né. Quer dizer que fosse para todo mundo. Você vê, essa história do preconceito, por exemplo, é... normalmente a gente tem o fundamentalismo, onde, no Brasil você não tem muito o Islamismo, mas o islã é mui... é fundamentalista mesmo. Você pergunta a um islamita no Brasil: e quando o Brasil tiver a maioria islâmica, o que é que vai fazer? Vai fazer, vai decretar religião oficial do estado brasileiro. O que está aqui não é nem 1% de islâmico. O evangélico também tem muito isso, já o judeu não tem, embora ele tenha um estado, mas é uma questão histórica, mas ele não faz isso nos Estados Unidos, que tem a mesma quantidade de judeus morando nos Estados Unidos que tem em Israel, 1 milhão. E não fazem isso.

Então veja, eu acredito que... depende, tem que prestar atenção se aquela pessoa é fundamentalista ou não. Se for não vale a pena. Um católico tradicionalista é fundamentalista. Não deveria ensinar no ensino religioso. Não estou tirando a minha religião, entendeu?

ENT – Sei. Mas, vamos dizer assim, o professor de educação religiosa ou de ensino religioso, ele independe do credo religioso dele?

PADRE – É, independeria a princípio, agora é claro que a pessoa se compatibilize ou não com aquilo que é preciso passar, né. Então não é assim, uma coisa tão genérica, tem que ver, por exemplo, eu ensino aqui topografia, mas eu não ensinaria filosofia. Quer dizer, você tem que saber o que é aquilo que você vai ensinar, para quem e porque. Porque depois até a palavra estou empregando errada, né. Porque eu sou professor, você é professor também. Não deve ensinar, a gente deve ajudar as pessoas a aprender, estimular o aprendizado, é completamente diferente, agora, a gente apanha por causa disso. Ensinar é mais fácil, né.

Anexo V

Transcrição da Entrevista com um Pastor Evangélico

ENT- Há quanto tempo o senhor é pastor?

PASTOR – [...]Teu nome?

ENT – Matheus

PASTOR – Matheus! É... o tempo que eu sou pastor, estou fazendo 3 anos. Na religião, estou na religião, eu estou com 11 anos.

ENT – Como é que o senhor entrou na religião, como é que o senhor se tornou pastor?

PASTOR – É... uma pergunta muito interessante, essa qual você tem feito, que[...] eu[...] fui escolhido pelo Senhor, né. A palavra do senhor diz que nós não escolhemos a Cristo. Cristo foi que nos escolheu, e[...] a minha esposa, a qual era evangélica primeiro do que a minha pessoa e, no decorrer do tempo, eu fui conhecer Jesus através da minha esposa e... aceitamos a Jesus, como diz assim, os novos convertidos, né. Já estamos na... na caminhada, de estar na presença de Deus e se dedicando a palavra e... discursava a palavra aos corações, demonstrando o caminho e perguntando ali cheguei a ser um operador da alma de Deus, depois de dois anos de operador passei a ser um auxiliar de trabalho, depois, dois anos, de auxiliar de trabalho, fui ordenado ao diaconato, ser um diácono na casa do Senhor, qual [...] é uma, vamos dizer assim: é[...] um pacto que nós recebemos da parte de Deus muito especial, servir na, na ceia do Senhor [incompreensível] e no decorrer de dois anos em frente de obras, o Senhor me concede também ser um presbítero na casa do Senhor e no decorrer do tempo, essa situação já faz 3 anos eu fui levado a evangelista, né, por ministro também evangelista e fui levado a uma convenção no estado de Vitória em Espírito Santo e... depois, no decorrer do tempo e, como diz, a cidade de Roma não foi feita num dia e hoje pela misericórdia de Deus, eu sou Ministro da Casa do Senhor.

ENT- Interessante! É, o senhor acha que a religião é importante para a formação do indivíduo?

PASTOR – Com certeza!

ENT – O senhor acha que a religião pode fazer uma pessoa melhor?

PASTOR – Com certeza!

ENT – de que forma o senhor acha que ela pode fazer uma pessoa melhor?

PASTOR – A religião em si, ela não salva ninguém. Religiões há várias! Mas[...] embora seja o escolhido do Cristo e[...] vamos dizer assim: de estar na presença do

senhor, né é... é... e morrer para o mundo e nascer para Cristo, uma coisa muito importante, sabe e as religiões não salva ninguém, quem salva é Jesus, e...e... em primeiro lugar sabemos que é Jesus estar em nossa vida.

ENT – E qual seria para o senhor a contribuição da religião para a sociedade?

PASTOR – a minha contribuição da religião para a sociedade é que as religiões elas se multiplicasse a paz, a cada dia mais, para que o mundo em si, ele fosse mais alcançado, mais rápido possível, e só assim nós iremos receber o Senhor de volta, porque é dito isso aí que Jesus está voltando, para arrebatá seu povo, mas enquanto o evangelho não for alcançado nas quatro partes do mundo, eu estarei à espera do senhor.

ENT – Neste sentido, do papel da religião tanto para o indivíduo, quanto para a sociedade, o senhor acha que alguma religião exerce um papel melhor que outra, outra religião?

PASTOR – É[...] existe[...] a bíblia ela é feita do Gênesis ao Apocalipse e sabemos que a bíblia é uma só. Mas há uma divergência aí entre muitos líderes e... que passando a ensinar de forma diferente, então por isso que há muitas religiões e um só Deus e sabemos que só há um que vai nos dar a salvação. Mas tem religiões que engloba outros deuses, né, e é aí que aonde nós precisamos vigiar, né, olhar, porque sabemos que, a bíblia diz que nós temos que olhar, orar e vigiar e o Senhor ele está [incompreensível].

ENT – O senhor enquanto evangélico, posso dizer assim, já sofreu algum tipo de preconceito?

PASTOR – Com certeza! É... ser evangélico, muitos dizem que é fácil, mas[...] é suportar ao dia a dia. Ser evangélico [...] fiel a Deus, é difícil, porque temos que fazer a diferença. [...] o mal tem vários ensinamentos. A bíblia diz que o amor renúncia reinarão com novos ensinamentos e... nós vimos aí que o evangélico em si ele é apedrejado. Aqueles que querem fazer, é... as coisas certas, aqueles que querem ir pela bíblia. A palavra do Senhor diz que: se tu sabe fazer o que é certo e não faz, está pecando. Mas nós sabemos também que existe o joio e o trigo, né, o qual o Senhor mandou semear, o trigo e foi alguém, que ninguém sabe até e nós sabemos que é o adversário e semeou a semente do mal e nós não podemos arrancar, temos que esperar crescer, né, e o trigo para diferenciar do joio, nós temos que somente [incompreensível] e por causa disso hoje, os crentes em si, os evangélicos, ele é criticado, né, é mal visto, como em qualquer outra sociedade também existe a diferença, né. Mas o crente existe também pessoas que se diz crente sem ser crente, né, pessoas que diz que é honesta, mas se compram e pagam, se estão dando coisas que desagradam ao Senhor, né. Mas também todos nós sabemos que os olhos do Senhor são como chamas de fogo, ele contempla tudo, ele vê tudo. Então não adianta querer se esconder, né. Não adianta querer passar o mal ensinamento e, o Senhor no grande dia ele vai cobrar, agora dizer que somos criticados, somos.

ENT – É, o senhor é favorável ao ensino religioso nas escolas?

PASTOR – O ensino religioso nas escolas, com certeza, [...] temos que, priorizar isso aí.

ENT – O senhor acha que qualquer religião pode ser ensinada ou deveria ser ensinada? Por exemplo, as religiões cristãs, as religiões afro-brasileiras também deveriam ser ensinadas na escola pública?

PASTOR – É... como é teu nome?

ENT – Matheus

PASTOR – Matheus. É, meu irmão... o evangelho... tão só, mas por haver muitas divergências, muitos ensi..., falsos ensinamentos, eu creio que seria, de fato, pregado o ensinamento das escolas públicas e particulares, que fosse o evangelho genuíno, o evangelho de salvação, em meta que o alvo daquilo ali, como está escrito em Hebreus, capítulo 12:2, olhar para Jesus o autêntico salvador da nossa fé. Ele é o salvador do mundo.

ENT – 12.2?

PASTOR – É!

ENT – O senhor acha que se trazer o conhecimento acerca não só das religiões afro, mas trazer o conhecimento acerca dessas religiões, não seria mais salutar no sentido de se ter uma convivência mais pacífica ou uma vivência com menos preconceito? Por exemplo, se a sociedade tivesse mais conhecimento sobre as religiões evangélicas, o senhora que traria menos preconceito?

PASTOR – É, com certeza, traria uma, menos preconceito, se dedicasse mais aos ensinamentos...

ENT – E se conhecêssemos as religiões afro, afro-brasileira, o senhor acha também que iria diminuir, o preconceito?

PASTOR – O preconceito, com certeza iria diminuir.

ENT – Neste sentido, não seria positivo o ensino, o ensino dessas religiões, no sentido de ter o conhecimento sobre?

PASTOR – Ter conhecimento sim, agora, a gente deveria saber, a gente tem que saber porque há uma meta, sabemos que o salvador é só Jesus. A salvação está em Jesus, não está em Pedro, João, não! É Jesus, então, se for para, para mostrar, ensinar, o ensinamento, que o alvo seja o Senhor, concordo. Isso aí, eu acho que será mais é, é agradável para nosso....

ENT – Já que a religião, ela, contribui de forma significativa para o caráter da pessoa, para melhorar a pessoa, é, o senhor acha que podemos conviver em paz com as diversas religiões que há no Brasil? Sejam elas cristãs ou não?

PASTOR – Podemos sim.

Anexo VI

Transcrição da Entrevista com um Dirigente Espírita

ENT – Há quanto tempo você é espírita?

ESP – Eu conheci a Doutrina Espírita em 1984, através de uma dificuldade que eu tive, nós tivemos em família e na época é... um... Dr. Fritz teve uma participação aqui na cidade, através de um médium, aquele lá de Recife, agora me falha o nome...

ENT – Edson Queiroz!

ESP – Edson Queiroz! E a gente foi convidado a participar de uma reunião dessa, em 84, levei minha mãe, tava passando por uma dificuldade de saúde, foi a partir daí, foi o meu primeiro contato com o fenômeno mediúnic. Não conhecia, absolutamente ainda nada. A partir desse fenômeno foi que eu procurei a, a, o conhecimento. Sabia que há algo mais profundo, né, tinha por volta daquele fenômeno. Continuei com minha mãe freqüentando as reuniões públicas e, a partir daí, me interessei, né, estudar e conhecer um pouquinho mais

ENT – A partir de quando você se considera um trabalhador espírita?

ESP – Trabalhador espírita, né? Bem, foi a partir do momento que fui convidado a participar da juventude espírita da época da Federação Espírita, né. Aí já foi um ano após. Tive o contato com, com essa juventude que tinha um coordenador que já o conhecia, que é o professor Waldo Lima do Vale, que foi uma pessoa, assim que, nos, nos meus primeiros passos ele me orientou bastante, me deu livros para ler e, foi exatamente através dessa literatura que eu me aprofundi um pouco mais, né. Livros ligados a, a parte da codificação, livros que tratavam da filosofia espírita, da ciência, da religião, enfim, e a partir de 85, efetivamente eu poderia dizer que foi a minha, minha participação, na doutrina, né.

ENT – Você acha que a religião, ou uma religião, ela é importante para a formação do indivíduo?

ESP – Certamente[...] acedi...

ENT – Ela pode fazer uma pessoa melhor, a religião?

ESP – Claro. Com certeza, ela... o subsídio da religião, as idéias da religião, elas estão voltadas para o que o ser humano carrega dentro de si, né, que é a parte de religiosidade, né. A religiosidade está intrínseca no ser humano. Então, é, quando você aborda a discussão de Deus, a discussão da imortalidade da alma, a discussão da ética, é como se algo estivesse ressonando dentro de você, é uma ressonância que existe nesses temas com a sua própria história de vida, sua própria essência. Então, é, eu acredito que sim, acho que toca em pontos que, que vão lá no fundo da alma, né, quando se trata de

religião, nessa perspectiva. Religião no profundo sentido mais é, profundo da expressão, né, de, de transcendência, de espiritualidade, né, de buscas mais profundas do ser. Então essa, essa religião realmente transforma, não a religião agremiação, né, institucional, mas algo que vem realmente do modificar interiormente seus conceitos.

ENT – Qual é a contribuição que a religião pode dar para a sociedade?

ESP – Eu acredito que inicialmente com a formação, né, dos indivíduos, né, na conscientização dos seus valores, na formação dessa consciência de que é imortal, que é ser transcendente. A religião também, assim, modifica um pouco é... essas visões de a gente ter, uma visão materialista da vida, imediatista da vida, tudo isso leva ao ser humano a ter o ser humano a ter uma consciência de cidadania, considero até cidadania espiritual. Quando a gente tem consciência da cidadania, dos nossos direitos civis, nós somos cidadãos. Quando a gente tem consciência de que é imortal, que é espírito, né, que tem valores que a gente precisa conviver na sociedade e, e contribuir na modificação dessa sociedade de alguma forma, é com nosso trabalho, seja ele qual for. Eu acho que isso é uma perspectiva de cidadania espiritual. A gente está dentro desta linha maior, né, de inclusão, das leis divinas, né, e que a gente possa divulgar essas leis divinas através de nossas atitudes. Eu digo que contribui nessa dimensão.

ENT – Você acha que, neste sentido que você está falando, alguma religião exerce um papel melhor que outra, do que outra religião?

ESP – Conforme, né, acredito que as pessoas são diferentes, os níveis direito de conhecimento, de educação, a história de cada um, a história cultural, a história educacional de cada um é diferente e as religiões ela tendem a, exatamente a atingir esses níveis de, de, de compreensão. Não existe assim, por enquanto, na nossa é... evolução humana, uma religião que possa dizer: essa aqui é ideal para todos. Acho que não tem, por enquanto não tem essa possibilidade, mas todas, eu acredito que tenham a, uma importância vital. No fundo todas fazem parte de uma só, de uma só idéia, uma idéia mãe, né, embora regionalizada, né. Adequada aos níveis culturais, espirituais de cada, de cada região, de cada país, de cada civilização, né, de cada... enfim, de cada grupo social, né.

Ent – Então, neste sentido, por que você acha que há tanto preconceito em relação às religiões afro-brasileiras? O Candomblé, a Macumba....

ESP – Eu acredito que, primeiramente é a falta de conhecimento, né, do, da essência, dessas religiões, dessa, dessa, digamos assim, dessa cultura, né. A África sempre, principalmente nesses, na, na nossa educação brasileira, só agora está sendo resgatado né, a cultura afro está sendo respeitada, resgatada. Está nos currículos. Graças a Deus que hoje a gente tem essa idéia mais clara de conhecer. Mas sempre foi ligada com a história da pobreza, do negro, do, do, da coisa, é muito preconceito em relação à condição social. Por ser de uma raça inferior, né, inferior, então tudo que vem de cultura, de costume, de tradição, realmente tem essa, essa dimensão, em detrimento exatamente a essa idéia dominante na nossa cultura que teve como principal influência a

cultura européia, que teve realmente uma influência vital. A cultura é, é que particularmente no Brasil a católica que predominou durante esse tempo todo, mas eu acho que é falta de conhecimento, Matheus, acho que quando a gente conhece, a gente vai entender que são tradições naturais, tradições originais, tradições que representam exatamente a história deles, do povo deles, da cultura, né, do entendimento do místico, do transcendente, né, acredito que a gente conhecendo a gente respeita, né, no fundo, no fundo, né, a minha concepção como espírita é de muito respeito né, a essas tradições, principalmente porque a gente se aproxima naquilo que tem, é de comum entre o Espiritismo e a Umbanda que é a questão da mediunidade. Eles realmente são, cultuam muito a questão da mediunidade e a nossa doutrina, ela teve como ponto de partida exatamente, a, a elaboração através da, da mediunidade, né, de pessoas, de jovens que tiveram então a, a, abriram as portas para o que esse mundo espiritual se manifestasse através dela, da mediunidade. Então eles têm, né, o conhecimento mediúnico, da forma primitiva, da forma deles, né e nós temos, né, um pouco mais elaborado, do ponto de vista da pesquisa, do conhecimento científico. Mas é, é, a, a cultura afro é realmente uma cultura muito original, né, na minha forma de entender, muito respeitável.

ENT – E o que é que você acha que deve ser feito para diminuir o preconceito?

ESP – Primeiramente a gente precisa conhecer, né. Eu acredito que a África indo para os currículos das escolas, acho que foi um avanço muito grande, um avanço considerável, né, inclusive, é... em todos os colégios da rede pública, tem-se valorizado muito essa questão das Conferências, né, da... da cultura afro, é... enfim, várias atividades, vários seminários e... e outras atividades de ordem pedagógica, que exatamente vem retratar toda essa contribuição, né, e de uma forma muito igual, agora, como se elas realmente assumisse um patamar de igualdade com as outras culturas, eu acredito que isso tende a... a diminuir bastante, na escola que eu... eu ensino lá em Dona Inês também, que eu tenho atividade lá, a gente realizou recentemente uma... uma noite cultural e que a África foi a grande homenageada, né, “A África de Todos Nós”. E lá é uma cidade que tem o maior percentual de negros da Paraíba.

ENT – Ah é?

ESP – Interessante, tem comunidades quilombolas e todo o evento foi exatamente de resgate, né, da cultura afro. Inclusive feijoada, a gente quando foi, a confraternização foi lá na comunidade Quilombola, a gente conviveu com eles, com a capoeira, levamos a música, tivemos trabalhos lá com argila, com... trabalhos manuais, trabalhos de arte. Então a arte é... exatamente... a arte negra, a arte e a nossa arte, se confunde muito, porque a nossa culinária, a cultura, enfim, se confunde. É só a gente se conhecer um pouquinho que a gente vai valorizar.

ENT – O Governo Federal está inserindo novamente o Ensino Religioso nas escolas. Você acha que deve ser ensino confessional?

ESP – Não tem sentido ser religioso, com a diversidade, né. Há um choque de direito civil, que você tem seu direito na constituição de ter a sua religião a sua forma de

pensamento. Isso é... é regresso, né, regressão a tempos que não tem mais sentido a gente retomar. Agora, as idéias do... do... da reli... da religiosidade, né. Eu gosto muito do programa de... de... Inclusive eu até aconselho a gente conhecer um pouquinho mais sobre o programa de Sai Baba, de valores humanos, eu acho que é naquela dimensão que a agente devia trabalhar, trabalhar os valores humanos, escolher o que é convergente, o que é possível a gente trabalhar com convergência, né, com consenso. Eu acho que os consensos na religião é que deviam ser tratados. O confessional já tem as igrejas, né, logicamente tem esse direito, todo direito de confessar sua... sua... suas idéias, suas crenças, seus postulados, suas doutrinas. Agora a escola, ela não tem sentido ser confessional, ela foge completamente ao... ao próprio princípio, na Constituição Brasileira que proclama a diversidade cultural, a diversidade religiosa como um direito de cidadania.

ENT – Você acha que deve ser ensinado sobre todas as religiões, deve ter professores de todas as religiões, independente de qual seja: religiões cristãs, as religiões afro, professores oriundos das religiões afro, professores mulçumanos, enfim...

ESP – Se for abrir para um tem que abrir para todos, né, inclusive a Universidade está com esse... esse curso, né, de Ciências das Religiões, que aí eu acredito que é um avanço bastante significativo, no sentido de os professores que vão para a sala de aula passem por esse curso, que no curso, nas disciplinas obrigatórias, a gente já vê um pouco disso, né, a gente vê todas as religiões, os troncos, né, as raízes de todas elas, e acredito que sim. Se for para ensinar, acredito que... que tem ampliar no sentido de encontrar aqueles elos, né, entre todas. A Ciência das Religiões, acredito que é extremamente importante, porque aí você alia a cultura religiosa, né. E cultura é muito importante eu conhecer, independente de qual seja, ou ser. Qual o problema de a gente conhecer todas elas? Em sala de aula eu acho que é por aí. O entendimento deve ser esse.